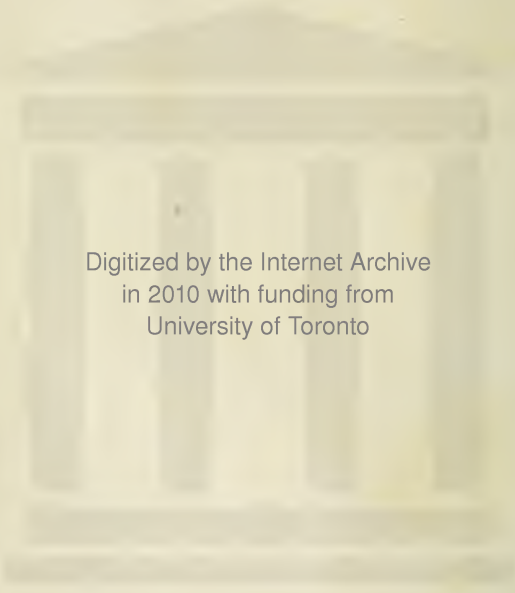




3 1761 07036556 4

CARLOS R. ALVARES
encadernações
Trab. simples e de luxo
Rua Olival, 262 - LISBOA



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

J. DA S. MENDES LEAL

INFAUSTAS AVENTURAS

DE

MESTRE MARÇAL ESTOURO

VICTIMA D'UMA PAIXÃO

Segunda edição

LISBOA

VENDE-SE NA LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50 — Rua Augusta — 52

1872



CHRONICAS

DO

SECULO XVII

I

PQ
9261
S53I6
1871



BREVE PREFACIO Á NOVA EDICÇÃO

Accolheu o favor publico as *Aventuras de Mestre Marçal Estouro*, n'isto menos *infaustas* do que o indicava o titulo, e eil-as ahi vam outra vez correr mundo em nova edicção.

Era intenção do author subjeitar ainda a obra a mais apertado estudo. Mas, pois que tal como sahio logrou ventura, seria já intempestivo escrupulo, e quasi desprimôr para com tamanha e tam experimentada benevolencia, o fazer-lhe profundas alteraçöens.

Limitou-se pois agora o seu cuidado a corrigir uma ou outra imperfeição e obscuridade, de fórma ou de idéa, que podesse destoar sensivelmente da intenção exposta no prologo da edicção de 1863, ou por qualquer outro modo prejudicar o esmero indispensavel na execução de um livro, que faz o possivel por ser consciencioso.

Fevereiro 20 — 1871.

J. DA S. MENDES LEAL.

PROLOGO DA EDICÇÃO DE 1863

Os pequenos trabalhos, que fazem parte da collecção agora encetada sob o titulo de *CHRONICAS DO SECULO XVII*, viram originariamente a luz em diversos jornaes. Viram-n'a, mas pouco e mal a podiam supportar. Uma publicação entrecortada nem consente ao escriptor a meditação intensa, necessaria para corrigir, nem ao leitor a aturada attenção, indispensavel para julgar.

Colligiu aqui o auctor algumas obrinhas, acaso para o diante seguidas de outras analogas, no intuito de manifestar que, sob feições diversas, ha n'ellas a unidade de um pensamento.

Todas com effeito são, a bem dizer, membros até hoje dispersos de uma só familia. Tem todas o fito visivel de descrever, com o sincero culto da patria

e da historia, uns tantos periodos da vida portugueza no seculo xvii, ainda mal conhecido e avaliado entre nós—n'aquelle seculo de grandes agitações e prodigiosa actividade, já na politica, já na sciencia, que viu a invenção dos logarithmos por I. Neper e do barometro por Torricelli ; o descobrimento da circulação do sangue por Harvey ; a publicação do calculo differencial por Leibnitz ; a construcção da primeira machina de vapor por Papin e a descripção do primeiro télescopio de reflexão por Marsenne ; a fundação da Academia franceza e a criação do Banco de Inglaterra, como se n'estas instituições se achara retratada a indole, e se estivera já fadando o futuro influxo dos dois povos ; a expulsão dos mouros de Hespanha e a revogação do édito de Nantes ; Richelieu e Mazarin, o protectorado de Cromwel e a omnipotencia de Luiz xiv ; Locke e Descartes, Bossuet e Pascal, Moliere e Corneille, isto é, a philosophia, a eloquencia, a poesia exalçando o facho á humanidade ; o supplicio de Cinq-Mars e a condemnação de Galileo, isto é, as trevas disputando a luz ; finalmente as revoluções de Inglaterra, de Hungria, de Napoles, da Catalunha, de Portugal, isto é, as commoções da independencia das nações presagiando a luta da emancipação dos povos !

A feição especial da sociedade portugueza n'este seculo fecundo, os seus infortunios illustrados de gloria, são, crê o auctor, muito para enlevar, attrair, estremecer, exaltar, e acaso advertir ! Pareceu-lhe

pois que um modesto conjuncto de estudos, esboços sequer, do crer, viver e sentir nacional em tal epoca — de que não estamos ainda tão distantes como pensam, ou dizem alguns — se elle conseguisse, á falta de outro merito, dar-lhe seu tal ou qual geito e sabor caseiro, não seria absolutamente inutil, ao menos pelo que da terra natal tentou colher, e procura transmittir.

Isto só quer, e a isto só aspira, a collecção das CHRONICAS DO SEculo XVII.

Bem suspirára o auctor limal-a e pulil-a com mais remanso e esmero do que lhe é actualmente permittido. Não podendo porém escolher a occasião, subjeita-se-lhe.

Sirva esta circumstancia de desculpa.

Dezembro 25 — 1862.

J. DA S. MENDES LEAL.

INFAUSTAS AVENTURAS

DE

MESTRE MARÇAL ESTOURO



I

De como Mestre Marçal tomou estado

Mestre Marçal, que, mal apparecia, dava alegrão ao rapasão e vadiagem, desde as portas da Alfôfa até ao arco dos Escudeiros, era, em 1622, um individuo esguio, sinuoso, engoiado, alluido e desengonçado, cujo esqueleto, mal cosido n'uma rede de musculos por uns restos de membrana fibrosa, dançava desregrado e perpetuo bolero no amplo interior do corpete e calções de estamenha, que fluctuavam ironicamente pelos contornos angulosos d'aquella mumia ambulante. O arcabouço, equilibrado nos fusos a que elle por basofia chamava as suas pernas, tinha por bases dois pés que davam quatro, todos recortados de promontorios, e por cupula uma cara empastada em pergaminho, que podera servir ás descrições analyticas

do proprio Flourens e ás mais minuciosas observações de osteologia comparada.

Por que successivas degradações chegara mestre Marçal a este extremo de tenuidade, de esvasiamento, de exaustação, de quasi transparencia? Ensaiei descrevel-o n'este breve epitome das suas desgraças. Aprenderá o mundo o que faz uma sina fatal, o que pode um affecto obstinado, e em que abysmos precipitam as cegueiras da paixão violenta e contrariada.

Começarei por assentar um facto que attesta (sinto declarar-o, mas força-me o dever de veridico historiador) que attesta, dizia, a pouca sensibilidade do seculo em que se passa esta instructiva historia, e a indifferença profunda com que o vulgo profano tractava as intimas dores e o coração inapreciado do meu heroe.

Os gaiatos do sitio, afferrados á onomatopeia como todos os gaiatos de todas as épocas, tinham-lhe posto por alcunha: «mestre Estouro.»

Não podia o mestre sair á rua que o não seguisse um coro turbulento, grunhindo, guinchando, latindo, chiando e ganindo-lhe uma acclamação burlesca e estrepitosa, com taes variedades imitativas, que abrangiam o diapasão completo do reino animal.

— «Lá vae mestre Estouro, lá vae mestre Estouro!» — vozeava a turba maltrapilha apenas o avistava. E logo de investida atraz d'elle, engrossando-lhe a cauda á popularidade alfamista.

Mestre Marçal porém ia seu caminho com a magestade dos graves infortúnios, e só respondia com a silenciosa e magnanima superioridade, que dá o costume das catastrophes, deixando berrar a mó dos garotos, como hoje em dia um estadista impavido, que leu Horacio em pequeno, deixa trovejar as tempestades parlamentares.

— Mas por que motivo chamam os gaiatos a mestre Marçal «mestre Estouro?» perguntará o leitor admirado.

É justa a curiosidade, e para satisfazê-la principio a interessantissima narrativa, que é como se relata.

Era mestre Marçal natural de Lisboa, onde exercera em tempos felizes a profissão de fogueteiro, com tamanho applauso, que não havia festa ou romaria, um par de leguas em redondo, na qual se não invocasse o seu *valioso auxilio*, como se diz na actualidade.

Presumo que o leitor intelligente percebeu já a razão por que o fogueteiro entrára involuntariamente na posse do significativo cognome de «mestre Estouro.»

Feita esta observação indispensavel, prosigo e apuro os factos de que resa a chronica.

Desgraçadamente para o mestre, o governo de Philippe III, na sua paternal solicitude, não gostára de ver os portuguezes brincando com polvora, certamente por temer que se queimassem. A lei de 9

de janeiro de 1610 deitára a perder o officio, a que o mestre, duzentos annos adiantado ao seculo em que vivia, chamava já modestamente «a sua arte.»

Como estivesse a côrte de Castella continuamente sonhando revoltas, e receiasse ver sair de cada provincia um novo prior do Crato, ordenava a dicta lei¹ «que se não uzasse de nenhuns fogos ou arteficios nas «festas de Santos, nem por outras occasiões, e que «nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, (calidade «refere o texto) que fosse, os podesse fazer, ou man- «dar fazer, ou lançar, sob pena de tres annos de «degredo para Angola, com baração e pregão, e vinte «cruzados em dinheiro, etc. etc.»

N'estas lastimosas circumstancias, já sevê, a sciencia pyrotechnica de mestre Marçal, longe de lhe ser proveitosa, dava-lhe causa a trances continuos.

Para maior desventura, mestre Marçal não era só fogueteiro por necessidade de ganhar a vida; era fogueteiro por indole, por gosto, por vocação, por espirito de artista. Nascera com aquelle feitio. A manipulação da polvora, do carvão, do salitre, do enxofre e da limalha; o fabrico das rodas e estopins; o preparo de todas aquellas industrias era-lhe uma necessidade de organização. Tinha a bossa ou protuberancia da foguetividade, caracteristico este que tinha de escapar ao mesmo Gall.

Havia-o a natureza nos seus annos florescentes do-

¹ Textual.

tado de rotundidade satisfactoria. Os desgostos produzidos por aquella maldicta lei tinham-lhe porém mirrado e dessecado as carnes, exercendo de dia para dia uma depressão sensivel na sua espessura.

Em compensação, parecia ir ganhando proporcionalmente em comprimento.

Ao cabo de seis annos, não podia já mestre Marçal tolerar a privação imposta por Sua Magestade Catholica, e exorditava o descobrimento do *spleen*. Esticava a olhos visto, e alongava do mesmo modo.

Os seus amigos, notando que passava da atrophia ao marasmo, aconselharam-lhe distracções.

A Providencia, que vigia os Marçaes como qualquer outro mortal, proporcionou-lhe uma distracção.

Para ultimar o litigio, que havia oito annos trazia sobre umas geiras de terra no Alemtejo e um alfarrobal no Algarve, de Olhão sua patria viera a Lisboa a senhora Medêa Brandôa, viuva de um mercieiro e honrado commerciante de figos seccos. Tendo rematado com bom exito a demanda, quiz a sua boa ou má estrella que um dia encontrasse em Chellas o nosso ex-fogueteiro, que andava então pelos seus vinte e cinco, e ainda não havia attingido a perfeição de diaphaneidade e longura a que estava predestinado.

A viuva, conservando saudosas reminiscencias do primeiro matrimonio, pensava em deixar de o

ser, e mestre Marçal, como dissemos, procurava distrahir-se.

Para encurtar preambulos, a senhora Medéa entrou em combustão. Fôra o misero, depois da sua viuvez, o primeiro e unico homem que se lembrara de lhe pôr os olhos. Quanto ao mestre, no estado de resequimento progressivo em que ia, uma scentelha bastava para o atear.

Ao contacto desta chamma, desatou em labaredas o incendio latente da tia Brandôa.

Ficou logo evidente aos olhos menos perspicazes que o fogueteiro, aposentado por ordem superior, conquistára de um rasgo o coração, as geiras e o alfarroba! da senhora Medéa. O mestre podia dizer como Cesar: *veni, vidi, vici*.

Não era a viuva affeiçãoada ás moratorias e dilacões: tinha-lhes tomado aversão declarada nos oito annos da demanda.

Ao cabo de um mez offerecia a sua mão ao futuro martyr. Ao cabo de tres semanas estavam cazados. Ao cabo de oito dias achava mestre Marçal que a lei dos Philippes era uma amostra do paraíso em comparação do seu novo estado!

A senhora Medéa, que jurava frequentemente pela santa do seu nome com grave escandalo do Agiologio Romano, resumia e verificava todas as furias do mythologico homonymo com que a haviam prendado na pia baptismal.

Aquelle nome, extravagante bem que prophe-

tico, constituia uma singularidade, de que não pude achar explicação nas porfiosas investigações e numerosos codices d'onde extrahi e colligi esta mui veridica historia.

Peço indulgencia para o enxerto d'esta breve annotação, e ato o fio ao discurso.

As mais sanhudas imprecações da Medéa grega de Euripides, da Medéa latina de Séneca, e das trez Medéas francezas de Corneille, de Legouvé e de Longepierre, eram amenidades bucolicas ao pé da phraseologia hirsuta e praguenta d'esta Medéa algarvia, que desbancava as suas predecessoras.

Amestrada pela experiencia do primeiro marido, colheu o infeliz Marçal por uma docilidade e submissão affectada, de que se indemnizou amplamente aos primeiros tres dias de consorcio.

Mestre Marçal esteve a ponto de estalar como a sua mais atochada bomba. Não podendo estalar, continuou a emagrecer, coisa que assombrou toda a gente.

II

De como mestre Marçal buscou esparecer-se de seus pezares

O desditoso fogueteiro, minado por novos dis-sabores, como vimos, fôra apoucando, diminuindo e adelgaçando até chegar á perfeição, ao ideal, á esthetica do genero.

Não tendo achádo no casamento o recreio e diversão de que tanto carecia, entrára de novo a scismar lembranças do passado. Mestre Marçal não comia, mestre Marçal não dormia, mestre Marçal esquivava-se á companhia de seus amigos, mestre Marçal finalmente ia-se tornando o spectro de si mesmo.

Diziam a principio os não iniciados — que haviam de ser os enlevos em segunda mão do que a civilisação gallicista chama hoje «lua de mel», lua que para o triste era de fel. Mas o tempo decorria, e mestre Marçal a diluir-se, a rarefazer-se

cada vez mais, prodigio que o fazia rivalisar com as sombras de Virgilio.

Mestre Marçal, infeliz no consorcio, acoutava-se mentalmente, com desesperada saudade, ao sanctuario das suas recordações artisticas, aggravando magoas incuraveis.

Pelas festas do anno, correndo todos os riscos (e não eram poucos!) da objurgatoria conjugal, outhorgava-se o misero o innocente desafogo de fabricar o seu valverde, ou bicha de rabião, symbolo dos attractivos da sua cara e bem cara metade. Quando todos no bairro dormiam o somno do justo, calafetadas hermeticamente portas e janellas, saboreava o vedado regalo de escorvar e accender estas puerilidades pyrotechnicas, no pavimento terreo da sua morada, que estava muito longe de ser um palacio.

Mestre Marçal, ou antes a senhora Medea, porque era ella quem figurava em casa, morava no becco da Amargura,² sitio que perfeitamente di-

² O becco da Amargura existia realmente ao tempo em que a acção se passa. No mesmo caso estão todas as outras designações que pertencem ao estudo physionomico de Lisboa no seculo xvii. Todas as indicações topographicas são authenticas, e podem verificar-se nas monographias, noticias, relações e documentos respectivos. Evitam-se as citações para cortar prolixidades. A idéa do auctor neste esboço foi justamente esconder sob os ornatos da narrativa, e dissimular com o atractivo de uma ficção, mais ou menos aprazivel, a aridez das investigações archeologicas. Tentou arregaçar o veu, que tem já a espessura de dois seculos, sobre um perfil da velha capital, com as suas feições originaes, dando uma idéa da vida que então a animava.

zia com o seu estado, ao pé da rua de Jerusalem, como quem ia das portas da Alfôfa para a antiga freguezia de S. Bartholomeu intra-muros, ou Bertholameu, como pronunciavam os contemporaneos do mestre.

Os habitantes d'aquella parte da cidade, que aproximadamente occupava a área agora comprehendida entre a Costa do Castello e a rua de santa Luzia, em geral homens de trabalho, recolhiam cedo e tinham o somno pesado. Por consequencia pouco risco havia nesta infracção das ordenanças, que para o artista desherdado tinha a irritante e acre voluptuosidade das fruicções defezas.

Deus sabe todavia quantas exhortações, acompanhadas de gestos um tanto exaggerados, este momentaneo passatempo valia ao pobre do mestre.

Que era porém um valverde e uma bicha de rabiar para o artista cubiçoso de gloria, que tão alto alçava as suas aspirações como ao diante veremos? Os rudimentos e ingenuidades da arte na infancia mal podiam contentar um homem da tempera e da estiva de mestre Marçal.

Na occasião em que a desastrosa lei o colhera no melhor das suas manipulações e das suas esperanças, estava mestre Marçal em vespervas de fazer uma revolução completa no systema dos foguetes.

Imagine-se o effeito d'aquelle embargo legal posto ás concepções de um grande ingenho em vespas de parto.

Quantos Marçaes, ainda hoje, não precipitam assim das alturas do poder as inconstancias politicas, justamente no instante em que iam salvar a patria, depois de alguns annos de baldada incubação!

O tempo, em vez de mitigar a paixão do mestre, cada vez a exacerbava mais, exactamente como o genio da senhora Medea. O illustre pyrotechnico perdeu por fim de todo a paciencia.

A famosa lei, como todas as leis, tinha pouco a pouco degenerado dos seus rigores primitivos. Eram já conhecidos varios exemplos de pequenas transgressões, que haviam ficado impunes. Para dizer a verdade, motivara a desusada indulgencia a falta de conhecimento cabal das clausulas prohibitivas, allegada e provada pelos involuntarios transgressores. Indicava porém este accidente, que se não devia considerar absolutamente impossivel esquivar-se o culpado á implacabilidade das justicas de Sua Magestade Catholica.

Mestre Marçal deliberou insurreccionar-se tambem, sem pedir o beneplacito da consorte, já se sabe.

No dia em que tomou esta resolução, mestre Marçal pensou que envergonhara em heroicidade os Doze de Inglaterra, como na pessoa envergonhava o nome do seu Magriço.

Foi o primeiro cuidado do mestre comprar clandestinamente uma porção razoavel de polvora bombardeira, astutamente fraudada, que tratou de subtrahir á perspicaz vigilancia da senhora Medéa, muito mais maliciosa que a dos corregedores do crime.

Vencida esta difficuldade, que não era das somenos, começou com delicias a cogitar no que faria da sua polvora.

Mestre Marçal, como dissemos, presava sobretudo a especialidade do foguete, e esperava n'ella alcançar uma reputação verdadeiramente estrondosa.

Desde 1610 fôra este o unico periodo em que, na phrase do philosopho, «se sentira viver.»

Notavam-lhe os visinhos um ar lepidio e prazenteiro, que fez por momentos acreditar na sua viuvez. Até se lhe podiam descobrir tendencias nascentes para arredondar de novo.

A senhora Medéa scismava com esta subita innovação; mas como elle cumpria os seus deveres conjugaes com irreprehensivel orthodoxia, e até com certo addicionamento de boa vontade devido certamente á melhoria do estado moral, como não alludia sequer ao mais insignificante valverde, não se lhe podia pôr pêcha.

A digna esposa do fogueteiro, que nem por isso andava menos desconfiada, pela primeira vez na sua vida tragava em segredo as conjecturas sus-

peitosas, esperando colher assim o delinquente em flagrante, e desferrar-se por atacado.

Entretanto ia mestre Marçal amadurecendo o seu plano, e preparando disfarçadamente os modos de executal-o, com astucia digna das cancellarias em que se trata do equilibrio europeu.

Depois de luminosas meditações, concluirá o mestre que os simples foguetes de respostas, e ainda os de lagrimas, eram a deshonra da arte, e que por tanto cumpria urgentemente dar impulso decisivo a este importante ramo dos conhecimentos humanos.

Como todos os espiritos superiores, adivinhava elle outro seculo. Vivendo hoje, mestre Marçal seria uma victima da ingratidão publica, se não estivesse ao menos director de um instituto, ou presidente de um centro.

Feitas cuidadosamente as suas ponderações, calculos e combinações, mestre Marçal suppoz ter achado a pedra philosophal, o bezoar, a *ultima ratio* com tanta ancia procurada.

A ambição do mestre fôra sempre descobrir traças de fazer um foguete, que, não só estoirasse, mas se transformasse n'alguma coisa.

Ninguem pôde imaginar com que desvello e ardor se encerrava no seu sanctuario afumado, e, sacando de uma bolsa de coiro, que tinha escondida em sitio recatado, todos os ingredientes e petrechos necessarios, se punha a trabalhar na

complicada cabeça do seu foguete modelo. É a cabeça, como todos sabem, a parte essencial de um foguete. As horas de trabalho de mestre Marçal eram quando a senhora Medéa se ia a tractar de suas compras, horas rendosas em que a afiada lingua da matrona se exercia á custa do proximo desde a vizinhança até ao mercado.

Preparado tudo, e chegada a occasião propicia, um dia de hynverno, pelos fins da tarde, pouco antes de Trindades, mestre Marçal levantou-se do canto do lume, deu umas voltas pela casa em ar de quem não sabia como havia de matar o tempo, poz-se em bicos de pés para examinar assim por de mais uma gaiola appensa á parede, pegou na sua corôça para encobrir a exuberancia das algibeiras em que dissimulára o machinismo, e deu indicios de querer sair.

— «Aonde vaes?» — inquiriu a voz ágra e strídula da senhora Medéa, que o seguira com os olhos, e observara com assombro aquelles desusados preparativos.

Havia muito que estas objecções estavam previstas.

Mestre Marçal respondeu com o ar mais candido d'este mundo :

— «Vou ao celleiro do tio Cosme buscar meio selamim de alpista para o pintarroxo. Coitado do animalinho!» — acrescentou para servir de peroração sentimental e reforço suadorio.

Tinha a senhora Medéa a mania das aves, talvez por gritarem tanto como ella; e o honrado fogueteiro, que dispozera tudo com sagacidade satanica, atacava-a pelo fraco.

Foi a carinhosa esposa do artista verificar immediatamente o facto; e, não achando um bago no comedouro, porque o precatado consorte havia previamente despejado tudo na gamella do báculo, respondeu em tom mais benigno e concessivo:

— «Não te demores.»

Com a simpleza e boa fé de uma pastorinha de egloga caíra a prevista senhora Medéa na armadilha. Aproveitou sem embargo a oportunidade para desafogar a atrabilis inextinguivel, soltando, na solicitude da sua gerencia domestica, uma serie de exclamações admirativas e irritadas sobre a voracidade das aves caseiras.

Mestre Marçal, que tinha prolixamente meditado a indole da esposa e as artes de logral-a, com invejavel naturalidade retorquiou dando geitos de largar a coróça, como se não tivera o minimo empenho de sair.

— «Não, se não queres....»

Tanto bastava para que a senhora Medéa insistisse.

— «Pois não vês que o pobre do animal não tem nem um grão para a noite!»

— «Tambem de noite para que?»

— «Para que? Não verão os figados que tem este bruto! Queres que morra á fome, desalmado?» — terminou a agastada matrona subindo uma oitava á ira.

Mestre Marçal curvou a cabeça com a resignação do costume, conchegou a coroa como victima da obediencia, levantou a aldrava, e saiu abafando nas abas do sombreiro um sorriso de Talleyrand!

Vencido este passo, que por boas razões reputára o mais arduo, parecia tudo o mais ao meu heroe empreza comparativamente facil.

Bem certo é o dictado: «o homem põe e Deus dispõe!»

Saindo de casa com a feição mortificada e submissa de quem vae fazer um recado por condescendencia, mestre Marçal teve animo de seguir pelo becco sem appressar o passo, na attitude morosa que tinha adoptado na ultima parte do seu papel: receiava ainda, e não sem motivo, que a espia conjugal o estivesse atalayando.

Tanto que dobrou a esquina foi uma verdadeira transfiguração. Caminhava expedito e agil como se a lei dos Philippes se tivera abrogado na vespera, ou o seu casamento houvera sido annullado com todas as solemnidades.

III

De como mestre Marçal Estouro subiu ao calvario,
julgando trepar ao capitolio

O honrado mestre, livre de olheiros, e seguro de que por este lado o não estorvariam, tomou ás portas da Alfôfa, e não esqueceu ahi o religioso dever de se encommendar á devota imagem do senhor Santo Antonio, que ficava por cima das ditas portas, e representava o Santo no acto de livrar o pae da forca, pintura em azulejo de muito respeito e veneração, onde, por devoção particular do artista, se figurava o padroeiro de Lisboa rodeado de frades da Companhia, antecipando a bagatella de duzentos e oitenta annos a introdução dos jesuitas.

O mestre, pouco versado em archeologias, não reparou no anachronismo, e desceu pela ingreme ladeira de S. Chrispim, que ficava quasi fronteira ás portas.

Como chegasse abaixo, embrenhou-se n'um verdadeiro labyrintho ou meada de viellas encruzilhadas, de alfurjas, de corredouras, e beccos immundos, desfechando no Rocio pela rua da Bitesga, que era n'aquelle tempo uma travessa enviusada toda em cotovellos e recantos.

Tomou então pela rua á esquerda do hospital de Todos-os-Santos, edificio grandioso, assente em grande parte do terreno que hoje occupa o mercado da Praça da Figueira, e dirigiu-se ao convento de S. Domingos, contiguo ao dito hospital, a fazer sua venia e oração ao sancto do seu nome, que é, como todos sabem, especial advogado e protector dos que professam aquella arte peregrina, por cuja maior honra e esplendor ia elle affrontar as penas dos contraventores, e a colera da senhora Medéa que lhes não ficava a dever nada.

Pelo caminho escurecera de todo, como era indispensavel ás experiencias do mestre. Os frades estavam a Vesperas. Só se tivera ensurdecido no paraíso, deixaria o sancto de ouvir a fervorosa oração do seu inspirado servo.

Ao sahir de S. Domingos, ladeou mestre Marçal o palacio da Inquisição, que tantas vicissitudes passara, onde hoje se levanta o theatro de D. Maria II, e entrou na rua de Valverde, titulo que o bom do fogueteiro, por uma interpretação que sabia aos trocadilhos do seu tempo hoje chrismados em *calamburgos*, julgou do melhor agouro em tal empreza.

Caminhando e fazendo estas observações horoscópicas, enfiou o mestre pela rua, agora calçada, do Duque, e deu finalmente comsigo em S. Roque, sahindo da cidade pelo postigo do Condestavel, e encaminhando-se ás terras da Cotovia e sitio da Valentona.

Tudo isto se passava á prima noite de um dia humido de septembro do citado anno de 1622.

Muito erraria quem n'esta breve descripção procurasse a Lisboa moderna, tam mudada e tam diversa da Lisboa que ainda quasi se limitava á antiga cidade de D. Fernando.

Aquelle sitio da Valentona e Cotovia, cujos vestigios ha poucos annos sobreviviam, e cuja ultima designação se conserva, ficava então em descampado, e prolongava-se até ás immedições do ponto que actualmente se denomina Largo do Rato, onde, coisa de 80 annos depois, se fundou o convento de Nossa Senhora dos Remedios, da ordem trinitaria, theatro das proezas da celebre Madre Theresa de S. José.

Ainda em 1755, desde o alto da Cotovia até á travessa do Pombal, rua de S. Bento e Cardaes de Jesus, o terreno, por onde presentemente se inclina uma grande parte da cidade alta, era quasi um ermo, retalhado em terras de sementeira, e geralmente applicado á cultura dos cereaes, com poucas casas, posto que já entre ellas avultasse o edificio occupado agora pela Imprensa

Nacional, as casas da Real Fabrica da seda concluidas em 1740, e emfim o convento dos Jesuitas, não ha muitos annos devorado pelas chamas, onde successivamente se estabeleceu o Collegio dos Nobres, a Academia de Marinha, e ultimamente a Escola Polytechnica.

Mestre Marçal, que se tinha previdentemente munido dos instrumentos necessarios, absorto no seu projecto, internou-se pelas terras, alegrando-se d'aquella soledade que n'outra qualquer occasião o houvera arripiado de terror.

Para remate de precaução tinha com anteceden-
cia visitado e examinado o sitio, e sabia com o que poderia contar.

Sou aqui forçado a descer uns furos á gravidade oratoria, para não prejudicar a escrupulosa fidelidade da chronica. Bem conheço a enorme temeridade e marêa-se-me de remorso a audacia. Já agora, porém, impossivel é fugir ás instancias da minuciosidade descriptiva a que me obriguei, e ás necessidades didacticas do meu assumpto.

Apesar de todas estas precauções, não sei realmente como introduza na scena o termo, a idéa, o objecto por que me aperta a Clio investigadora. Indispensavel ninguem dirá que não seja; mas vai pôr n'uma braza a fidalguia da dicção, vai cobrir de lucto a austera dignidade e a engomada emphase da rhetorica escholar. Perdoae-me, offendidos manes de Empédocles, de Longino, de Her-

mogenes, de Dionysio, de Halicarnasso, de Phocio e Quintillianno. Valei-me, reformadores do seculo xviii, que não temestes o odio da periphraze nem as revindictas do circumloquio, e principiastes a chamar as coisas pelos seus nomes. Inspirae-me, doutrinas de Jaucourt, desculpae-me exemplos de Boileau :

Rien n'est si beau que le vrai...
J'appelle un chat un chat...
Etc... etc... etc...

De tudo isto necessito para me escudar contra as maldições, que, d'além da Castallia improfanada, me vibram as colericas sombras dos arcades magestosos, justamente irritadas d'este attentado, d'esta trivialidade, d'este inaudito arrojo, d'esta plebeidade sem antecedentes, com que ousou apresentar aos olhos e ouvidos do leitor delicado... um... um caniço !

Respiro emfim. Está vencida a difficuldade. Passei o meu Rubicon. A terrivel palavra, a que não pude achar substituição em muitas noites de insomnia, saiu-me dos bicos da penna sem m'os queimar. Louvado seja o estímulo providencial que m'a empurrou. Sem isso ficava eternamente impando com o negregado vocabulo embargado e represado. *Quia se sub silentio abscondit.*

Um caniço era com effeito o accessorio absolutamente preciso para completar o maravilhoso foguete, escrupulosamente accomodado, com todas

as suas pertenças, no vasto bolço dos largos calções de riço, já calvo em partes.

Se Marçal ousasse sahir de casa e atravessar a cidade com um caniço na mão, não só provocaria da parte da senhora Medéa uma serie de perguntas a que lhe não seria facil responder, mas attrahiria duplicadas vaias dos gaiatos do bairro, e seus consocios, já demasiadamente propensos, como vimos, a acclamar o mestre com um luxo de epithetos, que poderia admiravelmente enriquecer o vocabulario nacional.

Tinha elle acautellado mais esta difficuldade, e por aqui se verá como a sua previsão e prudencia abrangia as infimas particularidades.

A encosta, que leva á actual praça da Alegria, era quasi toda coberta de hortas. Aquella circumstancia, minima na apparencia, não escapára tambem á sagacidade do mestre, que os grandes engenhos tudo aproveitam, e exercera influencia decisiva na sua escolha. Havendo hortas, necessariamente havia canaviaes. Tendo examinado minuciosamente aquelle apreciado individuo da illustre familia das gramineas, o qual (ainda me lembra a tempo este incidente nobiliario) teve já na antiguidade mais remota o singular privilegio de diffundir a orelhuda reputação do rei Mydas, o mestre cortou o que lhe pareceu mais accommodado ao seu intento: em poucos minutos, com pericia e destreza que attestavam a assiduidade e o cos-

tume, estava despojado das folhas, e perfeitamente adaptado ao uso a que era destinado.

Mestre Marçal possuía a cauda do seu foguete.

Voltando ás terras solitarias, terminou o apparelho, ajustando ao caniço já preparado o tubo conductor, e a cabeça do artificio onde se escondia ignorada a sua futura gloria. O barbante unctoso e enresinado solidificou em todas as suas partes o mechanismo externo.

Com palpações que se não exprimem, o alvoroçado Marçal feriu lume e accendeu o morrão. Interrogou depois longamente a densidade das trevas, para verificar se algum curioso assistia aos seus ensaios, não porque fosse inimigo da publicidade, mas porque a fatal ordenança acompanhava invisivel os varios actos do infractor, e a circumspecção, como temos observado, era um dos seus mais eminentes dotes.

Foi satisfactorio o exame. Mestre Marçal podia julgar-se n'uma thebaida.

Disposto tudo, chegou ao tubo, cautelosamente escorvado, o lume do morrão com mão tremula de anciedade igual á do auctor, que vê aproximar-se o quinto acto do primeiro drama, com o quinto acto o desenlace tão esperado e tão temido, e com o desenlace uma pateada de metter os tampos dentro, ou uma roda de palmas que ás vezes não vale mais.

Subiu o foguete, descrevendo graciosa curva,

como um cometa caudato, e estoirou com as suas onze respostas, conturbando os eccos da visinbança desavezados de tal estrondo. Mas — oh ! desgraça ! — o artificio interior, a nova transformação, o *desideratum*, o X, a maravilha com tanto amor preparada, ou por precipitação no arranjo, ou por má disposição nos estopins, em vez de arder, foi ao longe sumir-se incognita entre os cômodos de terra de um campo alqueivado para cevada.

A estrella de mestre Marçal apagara-se nos adubos de um vegetal destinado a alimentar quadrupedes !

N'este ponto o estoiro das bombas no ar acordou todos os terrores que a paixão lhe adormecera na alma de artista. Mestre Marçal teve horror da sua audacia. O mallogro de tantas esperanças acabara o enleio e confusão do infeliz. Mestre Marçal infringira as leis para se certificar do seu descobrimento, para devassar novos mysterios, para glorificar a arte e o mundo, e nem sequer podia fixar o seu espirito sobre os effeitos e resultados de um invento que tanto lhe promettia. Que desfecho !

Tinha o honrado mestre perdido as azas de Icaro n'umas leivas humilimas. A realidade apparecia-lhe tumida de belleguins e com um cardume de esbirros.

Immovel no lugar em que havia commettido o crime, compromettido nos seus deveres de cidadão,

e ferido nas suas aspirações artisticas, uma só coisa podia arrancar mestre Marçal ao turpor causado pelos pungentes remorsos da sua acção, e pelo *desapontamento* do seu *fasco*: era a subita lembrança das iras da senhora Medéa, accumuladas, só Deus sabia até onde, com tam prolongada demora.

Quando esta idéa terrível surgiu no cerebro abalado de mestre Marçal, a immobildade do terror desatou n'uma furia ambulatoria, que lhe dava seus ares de familia com a Atalanta de Scyros ou o Mazzepa de Byron.

O amotinado bestunto de mestre Marçal, desencalhado da sua natural prudencia, não reflectia que, apesar da solidão do sitio, o seu foguete illegal havia de ter-se ouvido, — excepto se uma surdez contagiosa calafetasse todos os ouvidos por aquellas cercanias, — e que, por consequencia, a precipitação da sua carreira, muito semelhante a uma fuga, excitando as suspeitas, o denunciaria aos menos perspicazes.

Mestre Marçal desorientado galgou ao acaso as terras de pão e as hortas que se encadeavam na direcção da cidade baixa. Não estava ainda bem em si do sobresalto, e do inesperado desenlace da sua obra. Com o dessocego e torvação que lhe infundia a perspectiva assustadora da senhora Medéa, endireitou pelas portas de santo Antão, scismando no modo mais facil de conjurar a tempestade domestica.

Como — pensava o pobre delinquente ralado de cuidados — como justificar a dilatada auzencia no tribunal inexoravel da assanhada esposa? Que pensaria ella? Qual seria a ultima peripecia d'aquelle dia nefasto?

Nada d'isto lembrára a mestre Marçal em quanto o incitavam os alvoroços da esperança, e o enthusiasmo o inflammava. Com o desalento do frustrado tentame, na hora aziaga do crime, afluíam-lhe em negro tropel ao cerebro escandecido todas as terrificas imagens, confirmando o bom senso do proverbio que diz: «um mal nunca vem só!»

A sagacidade e astucia, de que dera tão exuberantes provas nos anteloquios e preambulos da melindrosa operação, haviam-lhe fugido com as suas illusões em debandada. Corria machinalmente, desamparado de força e de invenção. O grande homem infeliz vergava sob o pezo do infortunio, e perdera até a consciencia do proprio valor na derrota de tão altos sonhos.

Moderando pouco a pouco o passo, não por calculo, mas por cansasso, ia chegando defronte da egreja de S. Luiz dos Francezes, quando sentiu que um punho alentado lhe comprimia o hombro esquerdo com vigor mais que ordinario.

Mestre Marçal resfriou todo na sua consciencia de criminoso, e deu um pulo desmesurado, procurando descortinar, por entre a cerração da noite,

quem era o interruptor intempestivo do seu preoccupado regresso.

Só poudé perceber, por cima de um vulto embuçado até á barba em ampla capa escura, um largo sombreiro carregado até aos olhos, e levemente inclinado diante d'elle em signal de cortesia.

O fogueteiro, mui urbano de seu natural, descarapuçou-se rasgadamente na presença d'esta affabilidade incognita.

— Boas noites, mestre Marçal ! — disse uma voz aflautada e meliflua, d'estas que o vulgo designa com o epitheto caracteristico de «voz de sovelão.»

Mestre Marçal pasmou de encontrar conhecimentos em bairro tão distante do seu. Como porém nem a intonação nem a palavra inculcassem ameaça, correspondeu do melhor modo que poudé, dizendo para o seu interlocutor :

— Muito boas noites. A quem tenho eu a honra...?

No mesmo ponto uma palmada, não menos posante, no hombro direito fez dar a mestre Marçal segundo pulo, duas vezes maior que o primeiro, e coou-lhe um calafrio agudo pela espinha dorsal.

Outro vulto, perfeitamente igual ao antecedente, com a unica differença de parecer um tanto mais refeito e varonil, cortejava do lado opposto o atto-

nito mestre, que se abysmava de surpresa em surpresa.

Nova cortezia, ainda mais amavel da parte do desconhecido, e ainda mais constricta da parte do mestre, foi permutada entre este e aquelle.

— «Boas noites, mestre!» — disse tambem segunda voz, como se fizesse ecco á primeira, salvo o ser o tom mais cheio, e a inflexão duplicamente benigna.

IV

De como mestre Marçal reconheceu que era o mais popular homem do reino

Se já se tivesse inventado a *Lampada maravilhosa* e o seu auctor, cuidaria o mestre figurar nos contos phantasticos do bom mr. Galland.

— «Muito boas noites» — retorquiu elle repetindo-se involuntariamente — «A quem tenho a honra de...?»

— «Homem sois de prestimo e habilidade, mestre Marçal!» — acudiu o interlocutor da esquerda, sem se dar ao trabalho de responder á interrogação inquieta do honrado fogueteiro.

— «Mestre Marçal, sois um homem precioso» — atalhou o da direita, encarecendo o elogio do seu companheiro.

— «Favores, favores, senhores meus» — tornou o mestre, estúpido de admiração — «Mas a quem tenho eu.... como tenho eu a honra...?»

Mestre Marçal balbuciava, tartamudeava, que nem saloyo vindo á cidade servir de testemunha em causa crime.

— «Sois mais conhecido do que pensaes, mestre Marçal» — redarguiu o primeiro interlocutor.

— «Quem é que não conhece mestre Marçal!» — observou o segundo.

Esta popularidade inquietava cada vez mais o mestre.

— «Não vos demoreis em razão do nosso encontro» — continuou o primeiro. — «Acompanhar-vos-hemos.»

— «Como?»

— «Como se acompanha qualquer. Ao lado, atraz, adiante... como quizerdes.»

— «É melhor ao lado» — interrompeu o segundo. — «Conversaremos.»

Mestre Marçal não achou que responder.

— «Com que então,» — proseguiu, depois de breve espaço de silencio, o ultimo que fallára; — «com que então, mestre Marçal, tinheis tão boas prendas e estaveis calado!»

Mestre Marçal procurou ler no rosto do seu forçado companheiro o sentido d'estas palavras. Era impossivel. Primeiro a noite; debaixo da noite o largo sombreiro; debaixo do sombreiro a capa negra do embuçado.

— «Ides açodado, mestre!» — disse o vulto da voz aflautada.

— «Confesso que estão á minba espera» — respondeu mestre Marçal moderando o passo que machinalmente apressára.

— «Ai! temos tempo!» — acudiu com ares de desfastio o mais encorpado.

— «Temos tempo! De que?» — ponderou timidamente o fogueteiro, sem poder atinar com a plausibilidade d'esta ingerencia dos dois desconhecidos na sua companhia, nem com os motivos d'aquella expressão de communiidade, que os seus interlocutores insinuavam na conversação.

— «De que!» — retorquiu o da direita como admirado e quasi scandalisado.

— «É uma pergunta» — acrescentou o mestre em modos de desculpa.

— «De que? De acharmos o que procuramos.»

— «Mas que procuramos nós?» — exclamou o fogueteiro, tão completamente desnorteado, que já sem saber acceitava a locução collectiva.

— «Vindes de longe, e não nos heis dado pouco trabalho em seguir-vos, mestre» — advertiu em fôrma de commentario o primeiro embuçado.

— «Ih!» — murmurou para si mestre Marçal com a voz estrangulada de funestos presentimentos.

— «Ha muito que estudaes os artificios de fogo?» — acudiu o segundo vulto.

Mestre Marçal nem se atreveu a negar. Evidente era que estava descoberto o seu segredo. Passado o lance, custou-lhe a perceber como escapára d'elle.

— «Por quem sois, meus senhores» — exclamou tranzido — «por quem sois, não me deiteis a perder!»

— «Perder-vos» — respondeu jogueteando com as palavras o primeiro embuçado, que parecia extremamente faceto e propenso ao molejo. — «Perder-vos! Pelo contrario: queremos... aproveitar-vos.»

O arrevesado e cruel trocadilho, que desafiára uma gargalhada em duetto, arripiou o mestre.

Depois de caminharem silenciosamente alguns passos, parou de repente o fogueteiro, e, dirigindo-se aos dois n'um tom plangente capaz de derreter penedos, disse-lhes juntando as mãos:

— «Pelo amor de Deus, deixae-me ir para minha casa! Minha mulher espera-me, e...»

Não poudé acabar. A imagem terrível da senhora Medéa, erguendo-se novamente do meio de tantas angustias, rematára ao infeliz a torvação com a lembrança do que seria a catastrophe caseira na presença d'esta ausencia illimitada.

«Vossa mulher!» — tornou o segundo embuçado. — «Devieis agradecer a Deus a demora que vos trouxesse distante de tal Eva...»

— «Que póde pedir meças á serpente» — atalhou o outro vultu epigrammatico, versado como se vê nos estudos da historia sacra.

Mestre Marçal reflectiu que os dois incognitos não só tinham seguido os seus passos, mas conheciam intimamente a sua vida.

— «Isso não, mestre Marçal» — continuou o que primeiro lhe retorquirá. — «Pedi o que quizerdes. Tudo vos faremos. Menos largar-vos.»

Como o honrado mestre em taes apuros lhes não podia sollicitar coisa que mais agradavel lhe fosse, não teve remedio senão conformar-se.

— «Muito de appetecer é a vossa companhia, mestre Marçal» — proseguiu o outro embuçado, como para o consolar, não ficando atraz do companheiro em attensões. — «Não vos deixaremos, não. Ninguém sabe para o que está guardado, e acertadamente se diz que é cega a fortuna. Hoje na fama, amanhã na lama. Vá lá um homem fugir á sua sina ! Assim, mestre, é vir comnosco, e o futuro a Deus pertence. Estaes com gente que sabe tractar, e fio-vos que ninguem vos molestará, nem vos heis de dar mal em nossa companhia. O vosso foguete via-se que era peça acabada. Pelo dêdo se conhece o gigante. Jurára que se ouviu a meia legua, e bofé que me alegrei de ouvil-o ! Ha tanto que anda a gente desacostumada d'isto !»

Mestre Marçal não sabia o que pensasse. As ponderações philosophicas do seu ultimo interlocutor pareciam envolver um sentido duvidosamente significativo, que ora o ameaçava pavoroso como um auto do Santo Officio, ora lhe sorria aprasivel como esperanza mysteriosa.

Conhecia que estava nas mãos d'aquelles homens. Estes modos lhanos e cortezes começavam porém a

dissipar-lhe as tremendas suspeitas do primeiro sobressalto. As observações finaes do embuçado que ultimamente fallára, lisongeando o seu amor proprio de artista, haviam-n'o singularmente impressionado. Dizia-lhe de um lado a consciencia que o recente desbarato das suas ambições não merecia os mal empregados e inopportunos elogios. Segredava-lhe de outro lado a vaidade que os profanos, não podendo adivinhar os mysterios da sua engenhosa concepção, e vendo n'aquella composição vulgar um foguete como todos os foguetes, podiam assim mesmo admirar a perfeição relativa do artefacto.

— «Quem sabe» — dizia comsigo, — «quem sabe se alguns fidalgos tiveram noticia do meu prestimo, e o desejam aproveitar para seus divertimentos e folgares?... Oh ! lá isso não... a lei é... A lei !... Elles hão-de saber a lei, e se assim mesmo querem, é porque lá terão modos de compôr-se com as justiças de Sua Magestade... Com tanto que paguem bem, e me deem um bom terreiro, mestre Marçal não seja eu se lhes não armo uns artificios de fogo tam novos e vistosos, como nenhum castelhano era capaz de fazer, nem o melhor bombardeiro de Flandes idear.

Tanto que se arremeçava a taes alturas, a imaginação do mestre, principiando a tingir-se de côr de rosa, não punha freio ás conjecturas.

— «E como elles me conhecem ! — continuou nas divagações do soliloquio mental — «O que é um

homem ser nomeado nas artes do seu officio! Não ha ninguem que não saiba.»

Mestre Marçal lamentava seriamente os inconvenientes da celebridade, dando-se por victima da gloria.

— «Pois não tenho a mais pequena idéa d'estas vozes» — foi proseguindo como que a namorar-se mais e mais nas proprias cogitações. — «Não admira. Um homem não pôde conhecer toda a gente, que se praz em serpes volantes, e rodas floridas, e as mais fabricas admiraveis que se podem apurar n'esta arte peregrina.

N'este arrojo da complacente phantasia do mestre, iam chegando á testada do terreiro de S. Domingos.

Mestre Marçal quiz enfiar pela Bitesga que era o seu caminho.

— «Por aqui» — disse o vulto mais robusto, tomando-lhe o braço e guiando-o para o lado de Valverde.

— «Mas para onde vamos nós, senhores meus?» — perguntou mestre Marçal, renascendo-lhe instinctivos os terrores ainda mal esquecidos.

— «Vamos a casa de uma pessoa, que muito deseja travar conhecimento comvosco, mestre» — respondeu em tom quasi confidencial o embuçado que primeiro o saudára.

Mestre Marçal tornou com isto ás anteriores conclusões, e deu promoção geral ás suas esperanças

Corrigindo as supposições com uma observação mais attenta e placida, assentou lá comsigo que os seus dois adjuntos eram escudeiros, e que os escudeiros o levavam a casa de um titular pelo menos.

Os receios da ordenança com todos os seus rigores, se não lhe desapareciam de todo, iam progressivamente declinando.

Mais socegado e desopprimido depois d'esta decisão, mestre Marçal deu a andar com desembaraço e confiança. A poucos passos olhava já para os companheiros com certo ar de protecção.

O mestre era d'aquelles caracteres, muito frequentes e notavelmente afortunados, que transformam sem hesitação em absolutas certezas as suggestões do seu bestunto, e convertem n'outros tantos infalliveis dogmas todos os disparates, que tiveram o privilegio e a fortuna de lhes abrolhar no cerebro.

Atravessando o Rocio, subiram os tres homens ao Bairro alto, e pararam á porta d'umas casas de boa apparencia, que faziam frente para a travessa da Cruz e esquina para a do Arcebispo, a qual corria parallelamente com a de Estevão Galhardo, ainda hoje existente, posto que mui diversa do que então era.

Não viu mestre Marçal apparatus de serviçaes e pagens; mas, como lhe custasse o demolir tanto do pé para a mão o phantasiado edificio architectado pelos seus incuraveis desvanecimentos, pensou que naturalmente o queriam receber com recato e se-

greto, pois que, em todo o caso, o fim para que o buscavam sempre era melindroso.

O vulto mais baixo bateu, e uma velha escrava moura veio abrir resmoneando.

Mestre Marçal e o outro embuçado ficaram fóra.

Passados instantes de breve conferenciou, saiu o embuçado que entrára e disse para o companheiro :

— «Vamos ao Pateo das Comedias.»

Sem mais observações, este ultimo travou novamente do braço ao fogueteiro, que nem idéa fazia do que era o Pateo das Comedias, e todos juntos desandaram o que tinham andado.

**De como mestre Marçal continuou a sua
peregrinação nocturna**

O honrado mestre, cujas faculdades se iam de mais em mais conturbando com estas complicações, fluctuava entre apprehensões nebulosas e risonhas esperanças.

O Pateo das Comedias, onde se achava estabelecido o theatro publico, ficava para a rua dos Arcos, que desembocava na da Bitesga. Pertencia este theatro ao hospital de Todos os Santos, que era o seu empresario, em virtude de privilegio especial, confirmado em 1595 por alvará de Philipe II.

Mal chegaram, o embuçado, que entrára antecederentemente nas casas da travessa da Cruz, separou-se do companheiro e sumiu-se n'um corredor tortuoso, que abria uma bocca de Adamastor ao canto do quadrilatero, cortado de algares e de

charcos pouco odoríferos, que se chamava o Pateo. A luz mortíça e vesga de dois candis afumados, appensos ao lado anterior das humbreiras do portal estreito e baixo, como que ainda mais realçava as trevas interiores d'aquelle mysterioso sorvedouro. Fóra, no ambito do pateo, a escuridão era completa.

Mestre Marçal, inteiramente noviço n'estas regiões, e de todo ignorante dos seus costumes, não sabia o que pensasse de um borburinho de vozes, que ouvia proximas. As vozes chilravam, riam e chacoteavam, n'umas pinhas inviziveis de gente galhofeira, com tal desenfado e petulancia, que até a seriedade do mestre sentia as cócegas do riso contagioso.

De vez em quando saíam de um ou outro dos pequenos ajuntamentos alguns exploradores, praticos nas difficuldades do piso, e, orientando o rumo pelas immediações dos recémchegados, passavam, por elles com uns: «olàs!...» e uns «olés!...» extraordinariamente joviaes. Estas exclamações, um tanto á queima roupa, em vez de offenderem o vulto que ficára em companhia de mestre Marçal, provocavam-lhe malicioso sorriso, que este felizmente não podia ver. O mestre, cada vez mais captivo das conjecturas, attribuia com toda a modestia á sua incomparavel popularidade as admirativas exclamaçoens, que lhe zumbiam aos ouvidos.

Era comtudo evidente que só a presença do seu

accessor, pelos modos respeitavel e respeitada, impedia esta hilaridade vaga de se converter em applicação directa ao desditoso heroe.

O physico de mestre Marçal produzia o seu costumado effeito. Se os curiosos podessem n'aquelle momento adivinhar, entrando no mysterio das suas meditações, não teriam menos que rir.

De repente, uma voz esganiçada em falsete, rebentando de uma fresta sobre o mestre como estilhaço lascado e cortante, despertou-o no melhor das suas chimeras.

— «Olá! olá!.. Ole! olé!»—dizia a voz resumindo as diversas intonações de comico pasmo, que sussurravam cá em baixo. — «Voto a Belzebuth que lo-brigo ahi um entremez de carne e osso... de osso principalmente. Boas noites, tio Longuinhas, ou como é vossa graça... Tio Longuinhas heis de ser... Para aqui, tio. Bofé que nos estaes fazendo falta. Upa! Alçae-me cá uma d'essas ripas, e estaes em cima. Precisamos d'uns espeques assim para representar o cavallo de Troya... ao natural. Upa, tio Longuinhas! Uma pernada, vamos. Sereis dos nossos. Talhado andaes para isso. Por Gil Vicente, e sua filha Paula Vicente, que déra eu todas as comedias novas, e até os autos e chacotas da moda antiga, que eram de bem melhor sabor, para vos ter comigo nas taboas! Farieis á maravilha o papel de Polyphemo entisicando de ciumes. Pois o D. Lançarote!... Temos cá tambem um manto de Plutão

presidindo aos infernos, que vos irá á maravilha, Eh! eh!... Tropa, tio Longuinhos. Upa!...

*Tu tambien, insigne palma,
Eres aquí forastera!*

Cantarolou para remate o interlocutor aereo, applicando em romance castelhano, lingua vulgar no palco, á esguia pessoa do mestre, com visivel intenção de parodia, o popular moteto da palmeira, das velhas trovas do rei Abd-er-rahman.

Tudo isto fôra emphaticamente recitado, com tal volubilidade de palavras e tal variedade de inflexões, que não dava quasi logar á reflexão.

Mestre Marçal, posto já familiarisado com todos os ápodos plebeus, como nunca em sua vida tivesse ouvido, disparado d'um jacto, tal aggregado de coisas desusadas, esdruxulas, e absolutamente intelligiveis para elle, ás primeiras palavras levantou a cabeça com o assombro de um homem que ouvisse um pintasilgo desfechar-lhe um discurso, e com o gesto attonito que provavelmente faria o propheta Balaão ao escutar as primeiras phrases da jumenta palreira. Resultou d'este movimento receber em cheio a saraivada da extravagante apostrophe.

Ficou aturdido.

Um côro de gargalhadas acolheu a eloquencia exuberante e luxuosa do orador inesperado.

— «Cal'-te lá, farçante!» — gritou debaixo o embuçado, que ficára com o fogueteiro, em tom mais complacente que iroso.

No mesmo ponto as gargalhadas emudeceram. Quem já houvesse costumado os olhos á obscuridade, teria visto mergulhar uma cara travessa e vadia por traz da apertada adufa que lhe servira de tribuna.

Era o Gracioso da companhia.

Passado um quarto de hora, voltou o outro embuçado, e veio ao encontro do camarada. Como transpозesse a tarja vermelha e tremula, que a luz dos candis projectava á entrada do corredor, notou mestre Marçal, apesar da sua turbação, que a ponta de uma comprida espada arregaçava a orla inferior da capa ao desconhecido.

— «Escudeiros são» —concluiu para si, consolado de tudo, admirando tanto a perspicacia do seu espirito de observação, como a sagacidade de sua previdencia.

Mestre Marçal, como se vê, estava disposto a olhar para as coisas com bons olhos. Não poderia tirar outras inferencias sem confessar a si mesmo a ridicula jactancia das suas imaginações, e a inopia dos seus juizos ; e n'isto não concordava elle facilmente. Quanto a perceber aquella enfiada de mysterios, era coisa de que nem já tractava.

Duas horas de pratica haviam-n'o familiarisado com os enigmas. Com pouco mais, seria capaz de decifrar á primeira vista, como Oedipo, todas as subtilidades dos gryphos thebanos, e de tractar intimidades com a álea das seiscentas sphinges do rei Amenophis.

— «Voltemos a casa» — disse o embuçado que descera do corredor. — «Saiu ha pouco de cá, e estará quando chegarmos.» —

Abalaram todos do paleo.

— «Até á vista, tio Longuinhas» — gritou da sua adufa a mesma voz, que pouco antes pozera em perigo a razão vacillante do mestre.

— «Maldito ! Tem pilbas de graça !» — observou sorrindo confidencialmente o vulto, que ainda não largára o braço ao fogueteiro.

— «Sabeis o que houve?» — disse para aquelle o seu companheiro.

— «Que houve?»

— «O Barbas pregou dois murros na Lacaia, que lhe pôz um inchaço em cada face, e a Lacaia rachou a cabeça ao Imperador com um pedaço de gruta dos jardins de Babylonia que apanhou á mão.

— «Arrufos ! Nada que dê de si, vereis» — ponderou sentenciosamente o outro.

— «Foi por isso que mandaram chamar sua mercê.»

— «E então?»

— «Está tudo accommodado. Não passou a mais.»

— «Não vol-o disse eu ? Nunca isto rende coisa de maior.»

Não perdera tempo o embuçado que entrára. Esmiuçára em poucos minutos as mais recentes occorrencias do tablado, que ainda hoje não é isempto de casos analogos.

Mestre Marçal, para quem tudo aquillo era de todo o ponto novo e indecifrável, julgava-se n'um mundo phantastico ouvindo contar, com tal naturalidade como se fôra coisa trivial, a historia d'estas altercações entre lacaios e imperadores. Todas as suas idéas hierarchicas se abysmavam diante da narração d'aquellas anedoctas, que, pela fórma por que eram contadas, pareciam usuaes e correntes.

Pensou o mestre que o mundo podia muito bem ter dado uma volta desde o seu casamento com a senhora Medéa.

Quiz certificar-se.

— «Perdoae» — observou cortezmente ao que referira o facto — «Pelo que oíço teremos brevemente execução.»

— «Uma execução !»

— «Certamente.»

— «Que execução ?»

— «A execução da Lacaia.»

— «A execução da Lacaia ! Mas como entendeis a execução da Lacaia, mestre Marçal ?»

— «Com báraço e pregão, e tudo o mais do costume, coisa muito para se ver e admirar, e para servir de exemplo e escarmento aos perversos.»

A honrada indignação do mestre varrera-lhe a memoria do delicto recente, que bem podia arrumal-o n'esta cathegoria reprovada. Abrindo os diques á facundia da sua virtude, proseguiu :

— «Presumo que não a esquartejarão por decen-

cia. Como é pessoa do povo tambem não morrerá de garrote.»

— «Mas para que hão de executar a Lacaia ?

Os dois interlocutores estavam em pólos oppositos : não podiam entender-se. O segundo embuçado ria maliciosamente nas dobras da capa traçada.

— «Por que hão de executar a Lacaia !» — ponderou mestre Marçal, estupefacto da pergunta e dos ares de duvida que a acompanhavam.

— «Por que hão de executar-a, sim ?» — retorquiu já impaciente o companheiro.

— «Perguntaes-me por que hão de justicar e executar a Lacaia !» — insistiu o mestre exconjurando-se. — «Porque ? Pelo que fez !»

— «Mas o que fez não é caso de forza.»

— «Pois não é caso de forza um atrevimento d'aquelles ? um crime de lesa magestade pelo menos ? Em que tempos estamos !»

Insurgia-se a orthodoxia dos seus escrúpulos contra esta indifferença do incognito companheiro, pouco mais ou menos como um confidente ministerial deplora o septicismo, que hesita em acreditar a absoluta e incomparavel superioridade dos seus amigos.

O embuçado replicou procurando o sentido das palavras do fogueteiro, á feição de quem quer forçar o espirito a resolver um problema complicado.

— «Crime de lesa magestade ! Qual crime ?»

— «Pois ainda achaes pouco atrever-se uma lacaia, uma cuvilheira, penso... nem açafata de certo...

a levantar mão para um imperador... que eu não sei que imperador esteja agora cá na cidade... não ouvi ainda fallar... mas, como ainda ha pouco dissestes, foi agravo a um imperador...

— «Oh ! oh ! oh !...» — atalhou o embuçado menos prompto na comprehensão, percebendo a final, e fazendo a segunda á risada do companheiro. — Oh ! oh ! oh !... Homem sois como não ha outro, mestre Marçal.»

— «Sou um homem como não ha outro ! Porque?»

— «Sois. Descançae. Não haverá justicados nem execução. Sinto dizer-vol-o : teremos de passar sem esse desenfado. O Imperador e a Lacaia lá se entendem.»

Esta conclusão extravagante derrotou de todo mestre Marçal. Suppõe-se, com bons fundamentos, que o illustre e desditoso pyrotechnico finalisou os seus dias, sem apreciar bem aquella intelligencia e camaradagem entre tão humilde officio e tão excelsa jerarchia.

Feliz ignorancia, que seria hoje um enorme anachronismo !

N'isto chegavam de novo todos trez á casa da travessa da Cruz.

A escrava moura veio logo abrir, como se já os esperasse. Os dois embuçados entraram fazendo passar diante o mestre, cortezia que este julgou o mais favoravel presagio.

VI

De como mestre Marçal veio a achar
nas casas da rua da Cruz a explicação d'aquelles
mysterios

Entrou o mestre, guiado pelos seus companheiros, n'uma especie de ante-sala. Havia ao canto uma pequena meza forrada toda de baeta verde usada, com guarnições de galão amarello. No topo, entre rumas de papeis, estava assentado um homem trajando de preto. Dava-lhe em cheio no rosto a luz posta sobre a meza, deixando na penumbra o resto do aposento, e realçando-lhe com o escuro da casa e o negror das vestes o semblante florido e prazenteiro.

Mestre Marçal chegou-se entre os dois embuçados, obedecendo ás prescripções d'estes.

O homem, que estava á meza, fitou no fogueteiro uns olhos claros e vivos. Depois de folhear um quaderno, perguntou-lhe :

— «Sois vós mestre Marçal?»

— «Marçal sou para vos servir. Mestre não me permite a minha modestia dizel-o; mas, com a ajuda de Deus e do meu santo padroeiro, muitos vol-o dirão.

— «Sei, sei.»

O homem escreveu o que quer que fosse, e continuou:

— «Natural?»

— «Natural... como?»

— «Natural... d'onde?»

— «Ah!... natural d'esta cidade, meu senhor.»

Mestre Marçal não via a precisão de lhe averiguar a naturalidade.

— «Edade?»

— «Trinta e dois annos. Hei-de fazel-os para o S. João que vem.»

— «De vossa profissão, fogueteiro?»

— «Quando havia fogueteiros» — observou malignamente o mestre.

O homem sorriu.

— «E de vosso estado, casado?»

— «Casado, é verdade.

Suspirou mestre Marçal este «é verdade» como quem diz: «desgraçadamente.»

O homem tornou a sorrir.

— «Prompto» — murmurou para si, terminando expeditamente a escripta. Depois, abrindo a porta que lhe ficava ao lado, foi para dentro.

Passados momentos voltou, e disse a mestre Marçal: — «Podeis entrar.»

Mestre Marçal tinha tomado a prudente resolução de já se não admirar de nenhuma occorrença, por mais disparatada que lhe parecesse.

A sala que se seguia, e onde o mestre foi introduzido pelo individuo das perguntas, ficando fóra os dois homens de capa, desdizia pouco da mobilia da outra, e pouco se lhe avantajava.

As janellas sem colgaduras. De friso a friso das humbreiras, nas paredes lateraes, longos renques de prateleiras de pinho da terra, vergando ao peso de grossos manuscritos, atados com guitas ou nastro vermelhos. De rosto para a porta de entrada, e corrida com o fundo da casa, uma estante de guaiáco torneada, arrebrandando de folios veneraveis. A outra meza, mais vasta e mais accadamente coberta do que a antecedente, outro homem, de escuro como o primeiro, estava como elle sentado á meza. Uma cadeira de espaldas, de couro de Flandes, com ornatos em relevo e pregaria amarella, indicava a preeminencia da pessoa.

Era este novo personagem, creaturinha de seus sessenta annos, homem ainda fresco e bem disposto. Todo elle viveza e movimento. Nem nos modos nem no aspecto a menor apparencia de severidade. O olhar impenetravel, porém, tão frio e tão agudo, que parecia cortar. Tinha a cabeça já branca, o rosto vermelho, as mãos femininas.

— «Chegae-vos, mestre Marçal» — disse ao fogueteiro n'um tom benigno e paternal, que mais dilatou a este as esperanças e devéras lhe restaurou as alegrias.

Depois, dirigindo a palavra ao introductor, acrescentou :

— «Verificastes ser o proprio?»

— «Verifiquei» — tornou o interpellado com toda a proximidade das locuções formalistas. — «O proprio é por sua mesma declaração e confissão.»

— «Sou, sim, meu senhor» — confirmou o mestre, que já se via festejado e favorecido ; — «eu sou. Sou mestre Marçal, fogueteiro... no meu tempo... para tudo o que poder servir a sua mercê.»

— «Já por vezes heis fabricado em vossa casa alguns artificios de fogo, que tendes lá mesmo deitado, não?»

Mestre Marçal, vendo nesta pergunta, antes verdadeira affirmativa, a razão da sua popularidade, e talvez a origem da sua fortuna, respondeu com o desdem da superioridade :

— «Aquillo nada foi. Um desenfado apenas. Se visseis...»

Franziu o homunculo o sobrólho espesso e grisalho, e atalhou :

— «Ah ! nada foi !»

Esta interrupção fez reflectir mestre Marçal. Como se podia ter sabido um segredo, que elle julgava tão recatado e occulto ?

Estando porém convencido plenamente da inutilidade de dissimular com pessoa em quem via, mais que um protector, um admirador, quiz sómente esclarecer as duvidas :

— «Como soube sua mercê?» — inquiriu entre a curiosidade e o mysterio.

— «Sabemos tudo» — acudiu laconicamente o homunculo.

Depois continuou :

— «Esta noite, depois de Trindades, fostes ás terras da Cotovia...»

— «Experimentar um foguete» — respondeu mestre Marçal, sem deixar concluir a phrase, e já a cem leguas das ordenanças — «É certo. Mas não pense sua mercê que era um foguete como os outros.»

— «Com que então, não era !»

— «Não era, posto que o parecesse... Sua mercê assim mesmo gostou ?»

— «Pois não havia de gostar ! Digo-vos que estou maravilhado.»

Mestre Marçal esfregou as mãos.

— «Se soubesseis, meu senhor, que artificio novo e estupendo eu tinha ali preparado! Havia de assombrar tudo.»

— «Dizeis, mestre ?»

— «Digo que assombraria toda a gente.»

— «Com que então haviéis preparado um artificio, que havia de assombrar tudo! Mas, vamos : que quereis dizer n'isso de assombrar ?» — ponderou o ho-

munculo, recostando-se, cruzando os braços n'uma attitude de apparente indolencia, e por entre as palpebras meio cerradas vibrando dois raios sobre o fogueteiro desprevenido.

Este respondeu candidamente :

— «Assombrar... de admiração !»

— «Ah!»—articulou o interrogante com inflexão lenta e meditativa.

— «Falhou» — redarguiu o mestre. — «Toda a gente se póde enganar uma vez» — acrescentou philosophicamente.

— «Não só uma vez, mas duas vezes, mestre Marçal.»

— «Duas não seria facil» — tornou este como perfeitamente seguro de si.

— «Estaes então disposto a tentar de novo o lance?»

Mestre Marçal, cuidando ver n'esta provocação um indirecto convite a maior franqueza, olhou em torno com ar de precaução, aproximou-se da meza, e disse em voz baixa :

— «Se achasse alguém de vulto que se quizesse utilizar do meu prestimo assim para coisa de maior, veria, veria então sua mercê, ou sua... que eu não sei com quem estou fallando...»

— «Vejo que vos achaes em boas disposições, mestre Marçal. E com effeito não vos disseram ainda em presença de quem estaes?»

Mestre Marçal olhou interrogativamente para o

indivíduo que o introduzira; e, como este não respondesse, replicou balbuciando :

— «Não, senhor meu : nada me disseram pelo caminho. Mas eu penso... creio... Em todo o caso, aqui estou prompto para o que me ordenarem.»

— «Sinto dizer-vol-o, mestre Marçal, estaes prompto para entrar na cadêa do Tronco, aonde vos mando já conduzir.»

— «É o senhor corregedor do crime» — observou officiosamente o outro sujeito de negro, que era o escrivão da correição, com uma obsequiosidade de modos, que n'outro occasião teria penhorado infinitamente o mestre. Em tal momento porém todos os lenitivos se tornavam inuteis e todas as civilidades absolutamente superfluas. O desmaio das suas phantasias era completo, e o desgano da sua situação terrivel.

— «Misericordia !» — bradou o misero, vergadas as pernas como dois parenthesis.

E caiu em joelhos, fechando as mãos na cabeça, como se um raio lhe houvesse estoirado em cima !

VII

Da influencia que exerceu a lingua da senhora Medéa no destino de mestre Marçal

Quando, defronte de S. Luiz dos francezes, fôra interceptado pelos dois embuçados, mestre Marçal tivera suas suspeitas do que podia ser, e deve-se dizer que uns longes d'ellas lhe haviam visitado por vezes a imaginação nos varios incidentes d'aquella noite funesta.

Dissipara-lhe porém o terror e afugentara-lhe as imagens telricas uma grave circumstancia, confirmando-o successivamente na commoda novella, que havia forjado para seu uso. Fôra esta circumstancia a perfeita urbanidade, que, por um acaso feliz e sempre raro, achara nos quatro individuos com quem tivera de lidar.

Por ignorante do mundo, fazia mestre Marçal do tracto social das justiças de el-rei a idéa mais pavo-

rosa e menos favoravel que era possivel conceber-se. Como nunca tivera dares nem tomares com ellas, até ao dia malfadado em que a paixão da arte o levava a commetter o primeiro delicto, o honrado fogueteiro figurava-as lá comsigo de um desenho medonho, e pintava-as com as mais negras cores. No seu conceito um beleguim era inevitavelmente um ógre, um meirinho uma harpia, e um juiz a cabeça de Medusa.

Sendo difficil que o mestre citasse a proposito os mythos gregos, por não possuir na interpretação d'elles, segundo todas as probabilidades, a sagacidade erudita do abbade Banier, e não podendo tambem suppor-se sufficientemente versado nas chronicas de Jornandes e Amiano-Marcellino para tractar familiaridades com a origem e sentido das temerosas ficções da idade-media, não se tenham litteralmente estas comparações por partos do seu bestunto, ou, como vulgarmente se diz, productos da sua lavra: são apenas uma traça do auctor para exprimir a ascendente intensidade do horror, que o bom do mestre ingenuamente media e graduava pelas differentes espheras da jerarchia judicial.

Eram aos seus olhos a affabilidade e os bons termos qualidades absolutamente incompativeis com os homens d'aquella classe. Não podia imaginal-os senão arripiados de modos, hirsutos de figura, e ferozes de instinctos.

A fallar a verdade, mestre Marçal não errava de

todo. As relações ordinarias da justiça com as pessoas da sua condição tinham com effeito muito pouco de benevolas e apraziveis. Não passava o carinho por ser o fraco dos homens de lei, e menos ainda na sequella dos honrados malsins de todas as ordens. Se ainda hoje as conjecturas do mestre não vão muito longe da realidade, pôde suppor-se o que seria n'aquella época.

Toda a regra porém tem excepção.

Tinha tido mestre Marechal a phenomenal ventura de acertar com quatro excepções, ou antes com a excepção de um corregedor do crime, systematicamente obsequioso de palavras, que á sua imagem e similhança affizera, como é costume, todos os subordinados.

É verdade que não estava mais adiantado por isso. Era o corregedor polido como o aço, mas duro como elle.

Desde que o mestre, illudido pelas apparencias, assentara de si para si que os dois mysteriosos desconhecidos não podiam pertencer á justiça, peitado de outras idéas, e vencido do demonio da ambição e vaidade, esquecera de todo, não só a usual circumspecção, mas ainda as mais triviaes suggestões da prudencia. Serenado o sobresalto do primeiro surprehendimento pela blandicia dos diversos interlocutores, haviam-lhe estes naturalmente parecido outros tantos confidentes.

Imagine-se pois qual seria o seu aturdimento e

stupefacção ao ouvir estas palavras, bem pouco esperadas :

— «É o sr. corregedor do crime !»

Quanto ao modo porque o digno corregedor fôra tão bem informado a seu respeito, era a coisa mais simples d'este mundo.

Tendo por aquelles tempos, como já se relatou, occorrido contra as ordenanças prohibitivas algumas infracções, cujos auctores haviam ficado desconhecidos e impunes, temendo o governo de Castella que do resfriamento da lei se seguisse o seu descredito, e do descredito resultassem abusos perigosos, havia com grande urgencia recommendado para Lisboa a maior vigilancia e rigor.

Em consequencia d'estas recommendações, o regedor das justiças passára as ordens competentes aos tribunaes, e aos dois corregedores do crime, que então possuia Lisboa, os quaes corregedores tinham jurisdicção e alçada para prender e processar no recinto da cidade, e cinco leguas em redondo, que era o termo.

Dos corregedores passára o apertado aviso ao meirinho, e aos onze alcaides, que faziam a policia da cidade.

Descendo na escala, cada alcaide tinha-o igualmente transmittido aos doze homens, oito de chuça, e quatro de capa e espada, que a lei e o uso lhe attribuiam para exercicio de suas funcções.

Um dos ultimos era visinho de mestre Marçal,

que, vivendo retirado e desgostoso, não só ignorava o tracto d'elle, mas nem se quer uma vez lhe fallára, e portanto mal podia conhecê-lo.

Tivera a mulher d'este homem, a proposito de certa franga pedrez, grandes desavenças e ralbos com a senhora Medéa, a qual, na fórma do seu louvavel costume, a brindára com um diluvio de sotaques e improperios, dignos do artigo de fundo de um oraculo de moralidade n'estes tempos de civilisação.

Entre outras injurias grossas, chamara-lhe: «velha desdentada.» Como a respeitavel matrona passava com effeito dos sessenta, e, em consequencia de um ar nos queixos, conservava apenas seis dentes, em mau estado de servir, e em peor de se apresentar, dera em cheio o tiro, e a digna esposa do beleguim nunca mais perdoára tão desabrida affronta.

Não contente com aquella imprudencia, que a indispunha com as justiças, a senhora Medéa tivera a notavel inconsideração de ir contar a outra visinha, — em segredo já se vê:

— Que o *seu* Marçal queimára uma duzia de valverdes em dia de Anno Bom !»

Isto com muitos queixumes do perigo de um incendio, e dos desperdicios d'aquelle homem, que era a sua desgraça.

Affectando receios, que davam ao marido ares de verdugo e a prendavam com os meritos da resignação mais exemplar, rematou pedindo encarecidamente:

— Que não boquejasse no caso a ninguem !

Cousa que a discreta creatura lhe affiançou com um sem numero de juras, muito parecidas com pragas.

Temendo porém crear bolor na lingua, julgou a vizinha que novidade d'este calibre seria consciencia ficar monopolisada. E foi-se em continente segregar a uma sua comadre, paredes meias :

— Que mestre Marçal fazia o despropósito de deitar todos os mezes duas duzias de morteiros em casa, e era um bargante que dava cabo de quanto tinha e não tinha a pobre da mulher.

Quando a nova se aproximou ao fim do beco, dizia-se ao ouvido :

— Que o dissoluto e valdevinos do vizinho Marçal punha por portas aquella boa alma da tia Medea, porque tinha o sestro extravagante de deitar todas as semanas um fogo de vistas no pateo !

Ao sol posto d'esse dia, o honrado pyrotechnico, sem o saber, gosava no sitio a reputação de uma indole intractavel e de um perdulario insigne, em quanto a amavel consorte, tida por modelo de mansidão e virtudes, era chorada como victima da sua abnegação conjugal.

Parecendo ter feito a sua educação com algum artigueiro habilidoso, a ex-viuva Brandôa adivinhava por este modo a arte peregrina, hoje primorosamente cultivada, de insinuar calumnias, e de encarecer os sacrificios que não fazia, caritativo empenho em que efficazmente a auxiliava o espi-

rito palreiro da respeitavel corporação das mexe-riqueiras, que em todos os tempos, e em todas as classes, teve sempre os seus valores entendidos.

De vizinha em vizinha, e de porta em porta, chegára a noticia á mulher do beleguim. A mulher do beleguim foi logo communicar-a ao marido. O marido, homem prudente, ponderou que se não devia acreditar senão metade do que se dizia, e preveniu immediatamente o seu alcaide.

D'ahi por diante mestre Marçal tornara-se alvo de uma vigilancia activa e persistente.

A saida do mestre a horas desusadas, e para longe do bairro, dera nos olhos ao vizinho beleguim, que o espreitava quotidianamente. Seguiu-o por tanto com as precauções do officio.

Ao Rocio, encontrára um confrade da mesma esquadra, e aggregara-o a si communicando-lhe a empreza. Isto feito, não lhe escapára o menor movimento do desditoso Marçal, que nem no seu estado normal poderia competir em astucia com os experimentados agarradores, quanto mais precaver-se d'elles quando tamanhas preoccupações o turbavam. O mestre, seguido com obstinação e recato, nem dera por isso.

O que os dois beleguins tinham visto constituia prova sufficiente para se apoderarem da pessoa do contraventor. A ingenuidade das suas confissões confirmára tudo sem trabalho.

O corregedor do crime, em cujas mãos mes-

tre Marçal caíra, apesar dos modos affaveis e adocicados, tinha um masso de processos no lugar em que os outros costumam ter o coração. Trazia elle o fito ambicioso em chegar, o mais depressa que podesse, a Desembargador dos Agravos com assento na Casa da Supplicação, lugar eminente e pingue, que era a terra da promissão para a magistratura da epoca.

Não são os individuos d'esta tempera inclinados a escrupulos. Anhelando lograr aquelle fim, tão desejado como arduo, nada lhe custava, e todo o seu empenho era assignalar-se por algum serviço importante. O corregedor conhecia o espirito suspeito e desconfiado da governança de Castella. Se alcançasse pôr o dedo n'alguma boa conspiração, ou sequer n'um simulacro d'ella, tinha como certo o abreviar consideravelmente a distancia, que ainda o afastava do termo das suas aspirações.

Quasi exclusivamente costumado a lidar com as manhas e subterfugios dos criminosos endurecidos e matreiros, não podéra elle acreditar que a milagrosa simpleza de mestre Marçal fosse cousa natural, e proviesse unicamente do acanhamento da sua penetração. Comprazia-se em architectar sobre a vulgar occorrença, que tivera lugar com o fogueteiro, um problema judicial, cuja solução lhe daria creditos de sagaz e zeloso, e o poria em bons termos com o conde-duque, ministro omnipotente.

Quando a mais não chegasse, attestava o seu des-

velo pela integridade d'aquella lei, que tal attenção estava merecendo á corte.

O juiz, sem querer, egualava-se ao réo pela secreta inspiração do desejo, analogo em ambos, salvos os differentes graus da respectiva cobiça.

Nesta disposição resolveu-se a continuar o interrogatorio, fitando no pobre de mestre Marçal uns olhos, que pareciam trespassal-o.

Mal tornára um pouco a si, o primeiro impulso do fogueteiro, ebrio ainda de terror, fora abraçar o corregedor pelos pés, exclamando em tom de angustia tão pathetica e tão verdadeira, que lhe apagava o ridiculo da figura, e commoveria o mais duro coração.

— «Senhor corregedor, não me desgraceis ! Senhor corregedor, era uma experiencia, não era mais do que uma experiencia ! Como não desculpareis, senhor corregedor, se com isto nasci e com isto me creei ! Era já a profissão de meu pae. Nunca tive outra. Era a minha enxada, e estava tão costumado que não podia passar sem ella. Foi o demonio que me cegou. Mas eu protesto-vos que nunca mais, nunca por nunca ser, tornarei a bulir n'um bago de polvora. Senhor corregedor, amerceae-vos de um pobre, que é a primeira vez que passa por esta desgraça e por estas vergonhas ! Senhor corregedor !...»

Mestre Marçal não sabia que era mais facil mudar os celebres paços de Côrte Real para a Trafaria do que abalar aquella alma petrificada. Um tigre perdoaria : elle regosijava-se.

VIII

De como mestre Marçal,
verificando o segredo do seu artificio, descobriu
a final que um foguete se podia transformar
n'um galeão

O corregedor, se não tinha a conjuração, possuía o infractor. Não o dera pela melhor moradia em palacio.

Por unica resposta, estendeu o braço e entregou a lei fatal ao escrivão da correição.

— «Lêde» — disse em tom imperioso e terminante.

O escrivão leu da primeira até á ultima syllaba.

Era escusado : mestre Marçal sabia-a de cór.

— «Mas, senhor corregedor, se não foi por mal !» — murmurou o fogueteiro com um abafador na garganta entaboada.

— «Tendes modo de evitar maior pena» — proseguiu o inflexivel magistrado.

— «Que modo, senhor corregedor?» — tornou

ancioso o infeliz, erguendo-se e respirando como o naufrago que deita mão á ultima prancha.

— «Confessar quem são os outros.»

— «Sua mercê diz...?»

— «Digo que reveleis o nome de vossos cúmplices.»

— «Cúmplices ! De que ?»

Mestre Marçal não podia acreditar que fossem necessários cúmplices para fabricar os seus productos.

— «Com que fim vos fostes a lançar aquelle foguete ás terras da Cotovia ?»

— «Com o fim de experimentar um novo artificio de minha invenção.»

— «E que artificio era ?

— «Uma transformação. Não saiu bem d'esta vez ; mas...»

Mestre Marçal, nas incorrigíveis cegueiras da paixão dominante, ia a dizer :

— «Mas para a outra melhor será.»

Um gesto expressivo do corregedor embainhou-lhe a palavra imprudente, seccando-lhe a bocca.

— «Ou este homem é mentecapto» — pensou o magistrado — «ou é o mais fino conspirador, que jamais caiu em mãos da justiça.»

Custando-lhe porém a desistir das complicações, que os homens de lei se prazem em enredar na phantasia, e não se resolvendo a perder ainda totalmente a esperanza de um tenebroso processo, como aquelles em que o amor da argucia enleva

a meude as predilecções forenses, continuou em voz alta :

— «Assim, persistis em vossas negativas e absurdas desculpas ? Não tendes cúmplices !»

Mestre Marçal daria tudo, até a senhora Medéa — principalmente a senhora Medéa — para ter um cúmplice ; mas, por mais que fizesse, não podia achar senão a cumplicidade da ponta de barbante, que do bolso lhe pendia accusadora, resto do que lhe servira para dispor a malaventurada machina.

Uma denegação muda foi a sua unica replica.

— «A prisão o fará fallar, se é o que supponho» — reflectiu comsigo o corregedor. — «Se é só o que parece, já temos em quem punir a infracção.»

O bom do jurisconsulto, com a mira nos seus particulares intentos, o que prova como a desalmada sordidez do interesse não é de agora, pouco se lhe dava de averiguar a importancia do crime : o tudo era colher uma entidade criminosa.

— «Bem !» — proseguiu, dirigindo-se ao escrivão. — «Levem-m'o á cadêa do Tronco : ficará incommunicavel.»

— «Senhor corregedor !...» — bradou o triste, pondo as mãos e erguendo-as ao céu no derradeiro e supremo esforço.

O corregedor inexoravel fez um signal. O escrivão abriu a porta, e entregou o preso aos dois homens de capa, que esperavam na ante-sala.

Mais morto que vivo, mestre Marçal saiu machinalmente com elles.

Estavam já desertas as ruas. Os habitantes da cidade recolhiam cedo n'aquella época. O transitto nocturno era sujeito aos mais graves inconvenientes. Apenas algumas raras andas, ou liteiras, de damas principaes, precedidas de um escravo que alumiaava o caminho, e ladeadas dos pagens e homens de cavallo correspondentes á sua qualidade e jerarchia, segundo as regias provisões, atravessavam a passo lento as ladeiras tortuosas que iam dar á cidade baixa. Apenas algum embuçado bem precavido, escondendo egualmente o rosto e as tenções, perpassava preocupado e rapido, ou se cozia com as esquinas topando os capas do alcaide.

Este silencio e estes vultos lobregos apertavam ainda mais o coração de mestre Marçal.

Torneando a rua dos Escudeiros, e passando a freguezia de S. Nicolau, os companheiros do mestre, que já a este pareciam de muito menos agradavel convivencia, entraram com o preso no Terreiro do Paço pela porta do Arco dos Barrotes, e seguiram costeando o palacio real pela porta do Arco das Pazes.

Os motejos dos arcabuzeiros da guarda do paço acompanharam o pobre fogueteiro até quasi ao torreão novo da Casa da India, d'onde os capas o levaram ao outro lado pela porta dos Armazens, dirigindo-se depois á Tanoaria, e enfiando pela porta

dos Cubertos até o encerrarem na prisão do Tronco, enxovia destinada aos malfeitores, situada na rua denominada também dos Cubertos, que ficava, pouco mais ou menos, fronteira ao local onde existe o Arsenal da Marinha.

Quando mestre Marçal sentiu ranger os quícios de ferro, correr os pesados ferrolhos, e cerrar sobre elle as grades grossissimas, pensou que o fechavam n'um sepulchro. Quando ouviu as pragas, os brados, as vociferações, os alaridos, as blasphemias, que lá iam por dentro, cuidou que dava a sua entrada no inferno.

Felizmente, o espirito mobil do mestre não conservava por muito tempo a intensidade das sensações.

Pela madrugada conseguiu adormecer, dizendo comsigo :

— Que, a final, inferno por inferno, o de sua casa não era muito preferível.

Como o bom de mestre Marçal seguia a philosophia, muito catholica e discreta, de que tudo quanto Deus faz é pelo melhor, consolava-se com a idéa de ter assim evitado as verrinas conjugaes, que elle via erguerem-se amçaçadoras, com um «continuar-se-ha» eterno.

Ao outro dia, mal acordou, o primeiro «Deus vos salve», que de longe lhe soou na masmorra, foi a voz stridente da senhora Medéa, a quem a mulher do beleguim fôra officiosamente prevenir,

com apparente esquecimento das passadas affrontas, para saborear pessoalmente a vingança, que é o prazer dos deuses... e das visinhas tarameleiras.

A senhora Medêa, da banda de fóra das grades, desfazia-se em imprecações contra o parvo do marido :

— Que por culpá sua—dizia ella—estava entre ferros de el-rei !

Sobre isto regalava com uma furibunda apostrophe os guardas incivis, pois que, sob o pretexto de se achar incommunicavel o preso, não a deixavam passar ávante para despejar na propria cara ao mestre o mais que lhe sobrava para dizer !

— «Então por que não hei de entrar?»

— «Já se vos disse, mulher.»

— «Mulher!... Mulher, assim por de mais!... Não verão aqui o D. Escudeiro, aprezilhado de prata e vestido de chamalote ! Quem vos talha o gibão, meu senhor amo ? Sois freguez da Rua Nova ou passeaes em S. Domingos?... Mulher! Olhae lá como fallaes!»

— «Mulher ou diabo. Ca para nós o mesmo é.»

— «Atrevidos ! Villões desbragados ! Almas de chinello ! Perros judeus !»

Um dos guardas, que se divertia particularmente com a torrente inexaurivel dos improperios da matrona, tornou-lhe com todo o serio de uma contricção sincera :

— «Perdoae... Diabo não : era levantar-lhe um alívio, ao pobre do diabo !»

Bôcca que tal disseste ! A conclusão acabou de assanhar a Medêa algarvia.

— «Sempre quero ver» — clamava ella com esgares tremendos, rôxa de colera, n'um falsete que dava idéas de hydrophobia, — «sempre quero ver se uma mulher honesta não hade fallar a seu marido... para desafogar ao menos! Ai! que homem, santa do meu nome! que homem! Os meus peccados! Eu sempre o disse. Mal haja a hora em que tive a desgraça de consentir em dar-lhe o «sim». Que leis são estas que separam os casados e mettem uma rolha na bocca á gente?... Nossa Senhora dos Remedios, que remedio terá a minha triste vida! Quem me havia de a mim dizer no tempo do meu Malaquias, que sempre me trouxe tão estimada, que ainda havia de chegar a estes vexames!»...

Este chorado Malaquias era o defunto mercieiro, o primeiro marido, que lhe dava uma sova todos os oito dias.

No paroxismo da desesperação, a senhora Medêa fincava o punho no lado com gesto provocador, fiando-se na impunidade do sexo.

Terminou o dialogo da forma por que unicamente podia terminar, pegando-lhe os guardas por um braço — se não foi pelos dois braços — com mais vigor do que amabilidade, e pondo-a na rua sem maior cortezia.

Na rua a berraria foi tal, que os habitantes do bairro chegaram todos á janella.

Mestre Marçal, n'esta conjunctura temerosa, bem-disse a invenção dos *segredos*, e glorificou os rigores da justiça, que lhe pareceram então o cumulo da benevolencia !

Terminam aqui as primeiras aventuras do mestre. A paixão pyrotechnica, paixão original entre todas ellas, sendo a verdadeira origem dos seus dissabores domesticos, levara-o, como se vê, aonde o podia levar.

Dizem que os superiores affectos tem todos o seu calvario. Mestre Marçal, em prova da grandeza infeliz da sua bemquerença, teve dois calvarios — o ninho da esposa ; o ergastulo dos facinorosos.

Pensando bem não sabia qual era peor !

O empenho do Corregedor do crime, incansavel em esmiuçar a sua conspiração, fez jazer o mestre mais de um anno encarcerado. A custo desengana-da de que o foguete perturbador não fôra signal de perigosos attentados, e reconhecendo por fim que o supposto conjurado era, quando muito, um monomaniaco, resolveu a justiça de Castella dar-lhe destino.

Dignando-se attender á prisão que já padecera, teve a benignidade de lhe commutar a pena de degredo para Angola na pena de degredo para o Brazil.

Como acontecesse partir o capitão-mór de Per-

nambuco, aproveitou-se a oportunidade de enviar para ali alguns degredados, entre os quaes mestre Marçal teve a honra de figurar !

Mal poz pé no convez do navio, como á claridade de um novo e subito *fiat lux*, terminaram todas as suas duvidas ácerca do desgraçado artificio, que, um anno antes, fôra perder-se sem baptismo n'umas leivas de cevada.

Estava emfim sufficientemente esclarecido. Tinha o famoso foguete effectuado a problematica metamorphose : achava-se convertido no galeão, em que ia contra vontade, demandar as terras de Santa Cruz.

N'esta extremidade, uma coisa consolava mestre Marçal de todos os transtornos e infortunios. Era a sua providencial separação da senhora Medéa.

O mestre tinha á malicia de pensar que, só por si, esta circumstancia compensava, e, feitas bem as contas, excedia muito os desastres, que lhe grangeára aquelle amor da arte, não comprehendido no seu tempo.

Se chego a conseguir alguns ocios, talvez me tente ainda a ordenar os inauditos e prodigiosos casos, que no novo mundo illustraram os meritos e o nome do mestre desterrado. Esses sim, que foram lances de contar. Mais dia menos dia não resisto ao desejo, dado que as singularidades physicas e moraes do meu chão e sincero Marçal Estouro não tenham demasiadamente enfadado o leitor.

O FORTE DE S. JORGE

SEGUNDA PARTE

DAS

AVENTURAS DE MESTRE MARÇAL

O forte de S. Jorge

I

PRELIMINARES

Nos ultimos dias de fevereiro do anno de 1630, uma poderosa armada dos Estados de Hollanda approára ao Recife de Pernambuco, e desembarcára na enseada de Pau-amarello o corpo de tropas da expedição, que a companhia hollandeza, para ensaio commercial, enviara a conquistar a provincia.

Tanto que tal aggressão constou, a população de Olinda, capital da capitania, fugiu espavorida para os mattos. O melhor da força expedicionaria dos Estados, atravessando em breve o rio Doce, e vencendo a insufficiente resistencia das poucas tropas que poderam oppôr-se-lhe, entrou na cidade sem o trabalho de expugnala.

O capitão-mór, Mathias d'Albuquerque, depois de reconhecer a impossibilidade de suster o panico, per-

corria o campo a fim de organizar a resistencia, e tentava bloquear os invasores na sua conquista.

Para se entenderem as scenas, que vão passar-se, convirá, antes de tudo, dar idéa das localidades em que ellas succederam.

No seculo, de que escrevo, a povoação do Recife, ou Arrecife como então lhe chamavam, estava longe de ser o que é actualmente.

Gozava ella já todavia de grande importancia commercial em consequencia da sua situação.

O burgo, que ainda por outra coisa se não podia ter, quasi fronteiro á barra principal do porto, era com effeito admiravelmente accommodado aos armazens e tercenas, que ali tinham em grande copia os commerciantes. Ficava-lhe a um lado o surgidouro dos navios mercantes, na confluencia dos dois rios, Capibaribe e Biberibe, que bracejavam para o sertão em sentido divergente. Ficava-lhe ao outro lado o ancoradouro das embarcações de maior porte, que ordinariamente fundeavam ao norte do Picão, de frente do lugar onde os hollandezes levantaram depois o forte, que se ficou denominando de Bruma.

Olinda era a sede permanente do governo da capitania. Muitas e singulares excellencias tinham originariamente determinado a escolha.

Fôra edificada esta cidade no seculo anterior. A lenda do seu nome é graciosa como o paiz que domina.

Ao tempo da occupação, era aquella parte do

littoral infestada pelos terriveis *Ca-etés*, ou indios do matto, aos quaes se haviam successivamente aggregado não poucos desertores, assim portuguezes da feitoria como francezes dos navios corsarios então frequentes em taes paragens. D'esta região, nas jangadas que rapidamente fabricavam, facil era áquelles ousados salteadores levar a distancias consideraveis a devastação e o exterminio.

Vieram novas colonias de Portugal. Por muito tempo, na zona maritima, theatro de luctas porfiadas e sanguinolentas, se achou a pequena povoação europea exposta ás improvisas excursões de similhantes aggressores. Tiveram estes porém de recuar ante a civilisação que avançava. Retirando-se em diversas direcções para o norte, não falta quem lhes attribua a origem das tribus ou hordas, ulteriormente denominadas taboyares e pityagoares, que missionarios zelosos, na epoca desta historia, começavam a doutrinar com vario successo.

Principiava apenas a colonisação regular, quando o primeiro donatario da capitania, o valente Duarte Coelho, entranhando-se um dia pela enseada, e subindo até ao sitio onde se levantou depois a cidade, ao aportar na margem, e ao dar com os olhos na formosa disposição dos terrenos, exclamou :

— «*Oh! linda situação para se fundar uma villa!*»

Olinda, dizem, ficou por isto o logar. A exclamação fôra um baptismo.

Subsequentemente, como crescesse o tracto e negocio, e o porto, pelas razões indicadas, se tornasse um dos mais frequentados e opulentos, formou-se o nucleo da povoação do Recife, que, nos tempos a que me refiro, era, como disse, um burgo de cento e cincoenta moradores, quando muito, em parte pescadores, em parte homens de trabalho ou empregados no porto.

Tempos atrás fallara-se vagamente nos armamentos dos holandezes. O governador geral do Brazil, Diogo Luiz d'Oliveira, chegára a mandar a Pernambuco o sargento-mór do estado, Pedro Corrêa da Gama, que, olhando á conveniencia da povoação do Recife, como poudes a fortificou circumdando-a de robustas estacas das ricas madeiras da terra.

A este entrincheiramento, por um abuso de locução que rapidamente degenerara em geral costume, chamavam a praça.

Adiante da praça, dependencia d'ella, ficava outra pequena fortificação, a que se dava o nome de forte de S. Jorge.

Para que se possa coníprender a importancia d'este forte, em que vamos encerrar-nos, será indispensavel entrar em mais algumas particularidades.

É o porto de Pernambuco fechado por um continuo recife natural, d'onde deriva o nome. O recife estende-se de sul a norte, desde a bahia de Todos-os-Santos até ao cabo de S. Roque.

Ergue-se por grande extensão á flor d'agua esta

longa aresta de rocha, immenso diadema de alguma vasta serra, cujas raizes assentou Deus no fundo do Oceano.

N'aquelle ponto da costa, o recife mais parece molhe artificial, e intelligente obra de gigantes, do que accidente da natureza. Por espaço de uma legua, pouco mais ou menos, corre em linha recta a cem braças da praia, em fôrma de larga muralha, quasi ao nivel das ondas na preamar, coisa de seis pés sobranceiro na vasante.

Se o mar está liso e chão, quebra-se-lhe aos pés, franjando-o de uma extensa e formosa orla de espumas. A mais leve agitação investem-no de toda a parte as vagas irritadas. Nos dias de temporal o escarcéo é medonho, a arrebenção tremenda, o espectáculo maravilhoso. Galgando e rugindo, como turba ciosa de leões titânicos, mares sobre mares sacodem ao ar as jubas arripiadas de neve, transpõem o eterno obstáculo opposto á sua cólera, precipitam-se, desabam além do molhe, e vão ainda turbar profundamente as aguas do porto.

A pouca distancia da povoação interrompe-se esta longa e natural muralha, como se o Eterno quizesa abrir uma porta áquella terra fecunda. A interrupção, ou abertura, fôrma a barra principal, defendida por um forte denominado da Lage, ou de S. Francisco, assente da banda do sul sobre um rochedo solitario.

No interior do porto, entre este e o rio Biberibe, corre uma restinga de arêa, ou cabedello, de uns

cincoenta passos de largura, proximamente, á feição de comprida e estreita península, que, partindo de Olinda, se prolonga uma legua para o sul.

Na extremidade d'esta península ficava o burgo do Recife, fronteiro á ilha de Santo Antonio, mas separado d'esta pelas aguas combinadas dos dois rios afluentes. Além da ilha, estendiam-se as vastas planícies alagadiças, que o Biberibe inundava, e que por isso eram chamadas «Terra dos Afogados.»

Quem já no seculo xviii percorresse os tres bairros da povoação engrossada e feita principal, — o moderno Recife, que ainda occupa o lugar do antigo burgo, e pela maior parte é devido aos hollandezes—Santo Antonio, que se alarga pela ilha desde o palacio das duas torres até ao forte das cinco pontas — a Boa-Vista, que mais além, do outro lado, dissemina as suas formosas cazarias pelas veigas do continente—quem, dizemos, já por fins do seculo xviii, visitasse os tres bairros da povoação, mutuamente ligados pelas duas pontes que a ilha estende como dois braços abertos, de um lado para a península do Recife, e de outro para a varzea do rio, difficilmente poderia fazer idéa do que Mathias de Albuquerque denominava praça, mais por ampliação philologica, do que por consciencia militar.

As pontes não existiam, e a ilha de Santo Antonio estava ainda na maior parte coberta da sua vegetação primitiva. Por consequencia o burgo isolado só pela restinga da arêa, a que era remate, se com-

municava com o territorio, que Olinda, occupada pelos hollandezes, fechava no extremo opposto da estreita peninsula.

O forte de S. Jorge, situado quasi a tiro do Recife, entre este e Olinda, servia pois de interceptar o accesso ao inimigo. e protegia as communicações que pelo rio se mantinham entre o burgo e as terras interiores.

Os hollandezes, tendo desembarcado, como se disse, no porto de Pau-amarello, quatro leguas acima, haviam entrado pelo norte. O sul, e portanto o porto, estavam livres ainda.

Pelo que toca á sua armada, enquanto o forte da barra se defendesse não podia ella senhorear os rios, porque a chamada barreta, outra fenda no dique de rocha, a meia legua da barra grande, não só era tambem defendida por um fortim, mas apenas dava entrada a lanchas.

Da peninsula, sobre a linha longitudinal do molhe, alongava-se tambem um banco de arêa, submergido nas marés cheias, mas ordinariamente vadiavel na baixa mar, quando não havia aguas vivas. Era a communicação entre a cidade e o forte da barra, e só por ella poderiam os hollandezes vir assaltal-a a fim de abrirem caminho aos seus navios.

Por aqui se pôde ver quanto importava conservar o forte de S. Jorge, pois que por um lado protegia o da barra e impedia que se lhe podesse formar assedio, e pelo outro defendia o burgo e as suas re-

lações com o interior, onde o capitão-mór, como fica indicado, com os mais influentes da terra e algumas partidas de milícia, cubria o territorio, sem perder occasião de saltear os inimigos, que se aventurassem fóra da cidade.

Mathias de Albuquerque chamava ao forte de S. Jorge a chave da posição. Esta posição, entendia elle essencial sustentá-la, — alguns dias só que fosse — para dar tempo a armar-se a provincia.

Effectivamente, a perda do forte de S. Jorge, tornava impossivel conservar o Recife. Do forte de S. Jorge passariam immediatamente os hollandezes a investir o de S. Francisco-da-Barra, que era, como fica dito, muito menos defensavel do lado de terra do que do lado do mar.

Rendido este ultimo, a denominada praça ver-se-hia simultaneamente assaltada pela armada no porto e pelo exercito na peninsula.

A armada dos hollandezes compunha-se de mais de setenta vélas, e subiam a sete mil homens regulares as suas tropas de desembarque, — seis mil dos quaes estavam já em Olinda — todas estas forças commandadas por Henrique Lonck, por Theodoro Weerdenburgh e pelo almirante Pieter-Adriens, illustre nos mares da Asia. Mathias de Albuquerque não tinha ainda, para oppôr a todo este poder, senão as estacadas de Pedro Corrêa, dois mil homens da milícia com poucos soldados regulares, e cem cavallos, em parte a mesma

gente que se havia dispersado na passagem do rio Doce, e que elle agora tratava de reunir, reanimar, e reforçar.

Impossivel era encerrar e manter esta força na estreita lingua de arêa, bloqueada de todos os lados. Quando fosse possivel, não conseguiria com isso senão fazel-a infallivelmente cair nas mãos dos holandezes, logo que estes vencessem os pequenos obstaculos que ainda os detinham.

Limitar-se pois a permanecer ali seria uma imprudencia, que desde o principio entregaria a capitania inteira ao inimigo, sem mais trabalho do que tomar uma pequena e mal defesa povoação.

Como capitão experimentado, havia Mathias de Albuquerque acertadamente evacuado com o grosso da sua gente o littoral, onde corria o gravissimo perigo de comprometter n'um lance toda a provincia, e talvez as demais possessões ¹. Tratava porém de defender o burgo em quanto podesse. Metteu-lhe para isso de guarnição alguns homens de esforço, que não o tinham desamparado no primeiro

¹ Beauchamps, na sua chamada *Historia do Brazil*, antes de relatar o ataque dos fortes, diz que Mathias d'Albuquerque se afastara do Recife, circumstancia que, juntamente com outras omissões graves, parece dar a entender que os abandonara. Em authenticos documentos se pôde averiguar quanto é errada e inadmissivel similhante opinião. Effectivamente não podia attribuir-se tamanha negligencia a homem dos quilates de Mathias d'Albuquerque. O vencedor da batalha de Montijo, uma das mais disputadas e decisivas das guerras da aclamação, não malbaratava nem esperdiçava recursos. A historia é accorde em

terror, e os soldados regulares que estavam de presidio na capitania. Estabeleceu-se depois em posições, que lhe permittiam abastecer e soccorrer o forte de S. Jorge até á ultima.

Bem via elle que era este o derradeiro baluarte do porto. Sendo impossivel preserval-o, não se empenhava menos em disputal-o. Ganhava assim, como fica dito, alguns dias para levantar os animos abatidos, aguerrir as milicias bisonhas, e pôr em defensão as populações sobresaltadas, tanto mais attonitas da invasão, quanto mais se tinham recusado a acreditar-a. O bom engenho militar não aproveita só a victoria: muitas vezes utiliza tambem os desastres. E Mathias de Albuquerque era um verdadeiro cabo de guerra !

Como todos conheciam a valia do posto ameaçado, tamanho devia de ser o ardor do inimigo em apoderar-se d'elle, como o cuidado do capitão mór em guardal-o.

Vejamos agora o que era o famoso forte.

Afastar-se-hia da verdade quem imaginasse que n'aquelle seculo a arte, illustrada por Vauban, ti-

nos apresentar aquelle general como um intrepido militar, tão prudente como habil. Não é só porém a *ratione* que o erro se demonstra. As particularidades em que entra o padre Calado na sua monographia, e o voto auctorisado de Brito Freire, escriptor de peso em taes materias por ser da profissão, desmentem positivamente o historiador francez, que parece ter citado a *Nova Luzitania* sem ter perfeito conhecimento de tal obra, como visivelmente lhe aconteceu com algumas outras, de que faz ostentosa resenha.

nha feito na America os progressos que fazia na Europa. N'esse tempo o principal da tactica, modificada pelo grande Frederico, revolucionada por Napoleão I, agora novamente reformada pela escolla prussiana, consistia principalmente em assedios e investidas de praças. As mais feridas batalhas davam-se ordinariamente para soccorrer os sitiados ou impedir soccorros. Os hollandezes e flamengos, instigados das suas longas lutas com poderosas nações, haviam aperfeiçoado consideravelmente as artes da fortificação. A sciencia porém tinha ainda muito que andar, e as construcções americanas d'este genero, destinadas na origem a defender das invasões do gentio as nossas colonias, conservavam em grande parte as suas feições primitivas, e por consequencia os seus insanaveis defeitos.

Estava n'este caso o forte de S. Jorge. Fôra uma especie de feitoria fortificada, como as que os primeiros navegadores do reino usualmente levantavam para segurança e protecção do seu commercio. O especioso nome de forte vinha-lhe d'uma tal ou qual muralha quadrangular, com dois baluartes, sem escarpas, nem fossos, nem revelins, nem obras exteriores. Muito mais se aproximava aos nossos paços acastellados, ou *honras* dos primeiros seculos de Portugal, do que a modernos reductos.

Pouca resistencia poderia pois offerecer a forças

regulares e experimentadas, como eram as hollandezas. As cortinas, além d'isso, já gastas dos annos, ameaçavam ruina. Os mais serios obstaculos contra uma tentativa de assalto eram as grossas estacadas e tranqueiras que havia pouco se lhe tinham addicionado.

Consistia toda a artilheria d'esta fortificação informe em tres peças, uma de bronze e duas de ferro, montadas em fortes madeiros de vinhatico.

Antonio de Lima estava por governador n'aquella singular fortaleza.

Passemos a averiguar que soldado era Antonio de Lima, capitão de bandeira, incumbido da ardua empreza pelo proprio Mathias d'Albuquerque, bom conhecedor e pratico de homens de guerra.

II

O governador

Acompanhado dos cabos da milicia, proprietarios grados da provincia, n'uma das habitações do campo mais proximas ao burgo, um dia aguardava impaciente o capitão-mór que lhe trouxessem novas do forte, pois que de momento para momento se esperava que os hollandezes o atacassem.

Com effeito, no fim de algum tempo, annunciaram a Mathias d'Albuquerque a chegada de um individuo, que trazia as suspiradas noticias.

Inutil será dizer se o individuo esperou.

Era este messageiro homem de estatura colossal. Acobreado o rosto; a possante musculação em relevo nos braços nus; sobre uns hombros de Hercules Farnesio uma cabeça esculpida em bronze.

Denunciavam para logo as feições d'aquelle homem o mixto do sangue africano e do sangue indio, visivel nos typos combinados, bem que mo-

dificados e melhorados, das duas castas. Aos mestiços nascidos d'esta alliança dava-se vulgarmente o nome de *mamelucos*.

Attestava o trajo desordenado do mameluco violento esforço, e por consequencia extrema urgencia. Pingava-lhe, lançado ao hombro, o gibão redondo, de um leve tecido de lã em riscas, a que chamavam argelado. Escorriam em agua as calças do mesmo estofo, largas, curtas e soltas, quasi como bragas. Deixavam rasto no pavimento os borzequins de pelle de nandú, ou avestruz, para resguardo dos rijos espinhos do malto, accessorio precioso que naturalmente lhe vinha dos estabelecimentos do sul. Por ultimo, os grossos sapatos, de vacca mal curtida, imprimiam no sobrado uma sombra humida.

Ao mesmo passo pendia-lhe em bagas o suor de cada annel da densa coma, rente e crespa. Os limos, adherentes ainda ao vestuario, indicavam que o athleta americano, no arremço d'uma longa carreira, não torcera caminho ante os obstaculos do transito.

Effectivamente viera elle direito, investindo as cachoeiras, rompendo os mattos, vadeando ribeiros e paúes.

Mathias de Albuquerque fitou-o, e, lendo n'estes indicios a apertada instancia, disse-lhe laconicamente:

— Conta, e breve.

— O inimigo — respondeu de prompto o mameuco sem acanhamento nem irreverencia — o inimigo mandou parlamentar ao forte.

— Que mais ?

— Intimou-lhe que se rendesse, ou iria logo investir-o com tal poder que não deixaria pedra sobre pedra.

— Esperava isso.

— A guarnição, acobardada com as ameaças que os hollandezes fazem correr, desertou quasi toda. Só ficaram sete homens com o senhor capitão Antonio de Lima.

— Mais deserções ! — exclamou o capitão-mór para os circumstantes. — Niuguem resiste. Vereis que nem tempo nos dão !

Depois seguiu inquirindo anciosamente o mestiço:

— E que respondeu Antonio de Lima ?

— Que a sua bandeira não se arreava senão quando algum pelouro lhe partisse, a ella a haste, a elle o braço.

— Bravo, Antonio de Lima ! — acudiram subitamente enthusiasmados os valentes cabos da milicia, que circumdavam Mathias d'Albuquerque, como se o resolutu governador podera ouvil-os.

— Vistel-o ? — perguntou mais o capitão-mór.

— Chego do forte neste momento, meu senhor.

— Quaes são as suas tenções, sabes ?

— As proprias que declarou aos hollandezes. Quando o parlamentar veio, conservava ainda com-

sigo nove homens. Distribuiu-os todos em sentinelas, para fazer acreditar ao official inimigo que muitos lhe sobravam ainda.

O capitão-mór não poudé deixar de sorrir a esta malicia militar.

— Apenas o official saiu com a resposta, despachou-vos logo um da guarnição, mas...

— Não tornou a apparecer?

— Não tornou, meu senhor. Passadas quatro horas, enviou-vos outro.

— E fez o mesmo.

— Fez peor. Em vez de cortar pelo pontal, direito á praça, onde podia deixar aviso, tanto que saiu as portas deitou-se a nado, passou para a ilha e de lá para o mato.

— Cobardes! — exclamou sem poder ter-se, Vieira, um mancebo voluntario, já de grande nomeada na capitania.

— Vendo isto — continuou o mameluco — o senhor capitão Antonio de Lima correu os ferrolhos, fechou as portas por sua propria mão, pendurou as chaves na garganta da colubrina, e sentou-se-lhe em cima á espera dos hollandezes. «Quem quizer sair — disse elle — hade saltar das muralhas.» Como as muralhas são altas, as tranqueiras largas, e as estacas agudas, ninguem saltou.

— Senão tu.

— Eu não saí do forte. Fui do Recife lá. Recebi as ordens do senhor capitão Antonio de Lima em

pessoa, obriguei-me a trazer-vos esta participação, e aqui estou sem ter perdido tempo, juro.

—Vê-se. Deus louvado!—observou o capitão-mór
—Houve ao menos um que não desertou.

—Tenho meu irmão no forte—respondeu o mensageiro.

—Com homens como Antonio de Lima nunca se perde a esperança do possível, e até do impossível—concluiu Mathias d'Albuquerque, chamando os seus cabos a conselho, e despedindo o mameluco.

Antonio de Lima, absolutamente decidido a sepultar-se debaixo dos muros velhos confiados á sua defesa, aguardava serenamente o inimigo como se contára dois terços ás suas ordens.

Em quanto tivesse munições, e um só dos sete homens em estado de pôr fogo á sua colubrina e ás suas bombardas, nem lhe lembraria deixar de resistir aos hollandezes. No numero dos aggressores nem pensava, e a exiguidade da guarnição não o esmorecia. Era-lhe cuidado unico o dispôr e o aproveitar a gente e material que tinha, de modo que mais podesse deter e mais lograsse prejudicar o inimigo.

Passava por ser homem singular, aquelle capitão Antonio de Lima!

A mais possante das tres peças foi collocada na meia golla do baluarte, que elhava sobre a prolongação da restinga, e as outras duas ao longo da cortina, que dizia para o mesmo lado. Sabia que aos

hollandezes seria difficil descer o rio do lado de leste, ou acercar-se da banda de oeste, por falta de meios de transporte: concentrava, por consequencia, todos os seus esforços e attenção na face provavelmente, quasi se podia dizer exclusivamente, ameaçada. Quanto aos flancos, sendo estreito o passo que o forte deixava, a artilheria era inutil.

Desde o desembarque dos hollandezes não fizera ainda o bom do governador senão estimular e activar a parte da guarnição que podia dispensar do serviço, bem como os carregadores do porto que lograva colher, empregando todos em cortar arvores nas mattas da ilha de Santo Antonio, e em conduzir cepos e vigas da povoação do Recife. Eram as maiores e mais pesadas as que elle escolhia de preferencia. Scismavam os soldados, desejosos sempre de interpretar as ordens dos seus chefes, com esta accumulção de troncos e madeiros, que ajoujavam e derreavam os homens. Não podiam porém atinar-lhes com applicação razoavel.

Começavam até alguns a murmurar, já se vê quando o governador não estava presente. Os mais ousados diziam entre si «que melhor seria prove-rem-se de artificios de fogo e de mais armas e petrechos», não fallando no artigo mantimentos, que discutiam com severidade extrema.

Antonio de Lima, naturalmente sóbrio de palavras, deixava-os desabafar, e ia acondicionando com um escrupulo de symetria, que honrara qualquer

dona de casa governada e ordeira, as pilhas de traves e os renques de barrotões, que distribuia com irreprehensivel equidade ao correr da cortina do Norte por varios pontos anteriormente designados.

Tanto que acertou a idéa de evitar as deserções com fazer das chaves do forte bentinhos ás peças, não podendo já augmentar a collecção, simplificou engenhosamente o serviço de sentinellas para lhe sobraarem braços, e achou ainda artes de occupar a sua gente em fabricar taboado grosso para anteparo e resguardo dos artilheiros, não se esquecendo ao mesmo tempo de transferir as mais alentadas vigas do sopé da cortina para cima dos parapeitos.

Não se podia estar ocioso com o capitão Antonio de Lima.

A guarnição começou — isto é, os sete reclusos começaram a perceber. Que pena serem tão poucos os admiradores, e tão tarda a intelligencia !

Era pelos fins da tarde d'aquelle mesmo dia em que Mathias d'Albuquerque recebera o messageiro do forte.

Descia rapidamente o sol no extremo occaso, como a afundir-se no oceano, deslizando por uma larga tarja nevoenta, opulentamente franjada de ouro e purpura.

Os revérberos do poente davam toques nacarados á orla espumosa das vagas, que afloravam no molhe. Vinha do mar immenso um suspirar saudoso,

que se dilatava pela serenidade dos céos. Transcorria aquella deliciosa hora de enlevo e mysterio, que namora os olhos e acorda a poesia no coração.

O governador passeava desenfasiadamente a banquetta do parapeito fronteiro a Olinda, como quem não tivesse mais cuidados do que espairer-se no goso d'aquelle espectáculo magnificante. N'este ir e vir, chegando ao baluarte, como voltasse para desandar o que tinha andado, parou em suspensão, e poz-se a attentar para o lado do Recife.

Depois desatou n'umas interjeições, cujo sentido se figurou de bom agoiro á sentinella, que, pouco distante, media regularmente um numero inflexivel de passos.

— Quem temos? — resmoneou lá comsigo Antonio de Lima, continuando a fitar os olhos na direcção da chamada praça, e subindo, para ver melhor, acima da colubrina, que ainda conservava as chaves expressivamente pendentes da golla.

O que assim chamava a attenção do governador era uma vasta jangada, que, largando da ponta das Salinas, atravessava para o burgo, mareada por oito negros do porto. A machina grosseira parecia bem guarnecida de gente e armas. Um raio extremo de sol afogueava a extremidade dos arcabuzos, e ateava uma flamma rubra no aço dos piques.

Antonio de Lima proseguia as suas observações em phrases soltas.

— Sim senhor ! Sim senhor !... numerosa vem a companhia !

Homem era de tão extravagantes predilecções o bom do capitão, que mal se podia ainda presumir o que seria. Na sua bocca estas phrases, e o mesmo tom satisfeito d'ellas, tanto podiam significar desconfiança de inimigos como esperança de soccorro.

Via-se unicamente que os movimentos da jangada por singular modo o captivavam.

Aportou ella em breve á povoação, onde foi recebida como se a estivessem aguardando, indicio que afastava as suspeitas. O troço de tropa, desembarcando em boa ordem, entrou na praça.

E o governador sem tirar d'ali os olhos !

Teriam passados dez minutos, uns vinte homens, proximamente, saindo das estacadas do Recife, marchavam pelo cabedello sobre o forte.

III

Augmento de forças

Antonio de Lima estava já mais costumado a deserções do que a auxilios.

Seguindo a muralha pelo terrapleno, foi postar-se na face opposta, para de mais perto verificar o que vinha do Recife. Não tendo nada de credulo, via perfeitamente que o inimigo não viria atacal-o em tão diminuto numero, nem de tal modo tomaria por tal caminho : era porém do voto de S. Thomé: gostava de ver para crer.

Chegado o troço ao alcance da voz, soou o grito da sentinella, baixou sobre a forquilha o mosquete apontado á gente que se aproximava, e o morrão de corda, assoprado rapidamente, constellou as sombras crepusculares.

O pelotão estacou instantaneamente, fazendo alto com tal firmeza e regularidade, que bem attestava a pericia de quem o guiava.

Antonio de Lima chegava n'aquelle comenos ao pé da sentinella :

— Isso é — disse, vendo a irreprehensivel pontualidade do soldado no cumprimento de todos os rigores da vigilancia.

— Oh! do forte! — gritou de fóra uma voz sonora e vibrante, posto que um tanto roufenha.

— É Ayres Gil, — exclamou a sentinella, sem poder ter-se, infringindo com o alvoroço a disciplina.

— Cal'-te abi — atalhou severamente o governador.

Depois, fazendo um tubo acustico das mãos arqueadas em volta da boca, bradou para fóra :

— A que vindes ?

— Amigos! — respondeu a mesma voz. — Ordens e reforço, que manda o senhor capitão mór.

— Esperae : ides ser reconhecidos — redarguiu das presumidas muralhas o governador.

Antonio de Lima observava as praxes militares como se commandasse uma praça de guerra de primeira ordem.

Passado breve espaço, a robusta porta rasgada na face da cortina respectiva, corridos os grossos ferrolhos, rangeu pesadamente nos gonzos, e o sargento saiu fóra a verificar a identidade dos recém-chegados.

O preconisado Ayres Gil, um arcabuzeiro de soldo, que vinha dirigindo a trôpa, disse-lhe como estava ali João Fernandes Vieira, e mais vinte moços dos engenhos, gente resoluta, para auxilio e defensão do forte, em quanto não chegavam outros soccorros, que se ficavam aprestando. Explicou-lhe mais, não sem certa ufanía, como o sr. capitão mór, conhecendo o rigor disciplinar do governador e a conveniencia de dar solidez á guarnição, lhe encarregara, a elle, Ayres Gil, o guiar e exercitar aquelles voluntarios, advertindo-os nas obrigações do seu novo estado.

Vieira, moço de dezoito annos, já influente na capitania por sua intelligencia, actividade e reconhecido esforço, commandava com effeito os voluntarios, que lhe obedeciam com espontanea dedicação e cega confiança. Ayres servia como de instructor. Em tal conjunctura eram preciosos os conselhos e a experiencia de um soldado velho como elle.

O arcabuzeiro sabia melhor do que nenhum dos seus camaradas os perigos terriveis que ia ali correr; mas não era isso coisa que lhe alterasse a boa feição. Cumpria as ordens sem as discutir, desempenhava alegremente o officio, e parecia lisongear-se em extremo do honrado conceito que lhe grangeara a incumbencia e o risco. N'outras se elle tinha visto, sem nunca lhe desfallecer nem o animo nem a faccia.

Quanto a Vieira, na aurora da vida, era já o fu-

turo heroe de Pernambuco, um dos mais altos caracteres que pôdem levantar-se da historia !

Communicadas as senhas, e recebida a resposta pelo sargento, sem mais apparato, por não haver no forte luxo de gente para escoltas, obtiveram os voluntarios licença de entrar.

Antonio de Lima esperava-os no corredor abobadado, da banda de dentro do postigo, cossolête cingido, morrião na cabeça, rodella abraçada, e gineta em punho... á frente dos dois unicos homens disponiveis da guarnição. As quatro sentinellas das quatro faces, o sargento e aquelles dois, perfilados como postes, sommavam os sete homens que o mestiço contara, e constituíam effectivamente toda a guarnição.

Esta observancia stricta dos regimentos de guerra parecera com tal numero ridicula, se tal situação não a fizera sublime !

Ayres Gil, entrando, teve que mastigar os bigodes espessos e revoltos para suster um accesso de riso obstinado.

Feitas as ceremonias do estillo, e recebidas as ordens particulares que lhe vinham do capitão mór, Antonio de Lima abraçou Vieira que já conhecia e estimava. Depois, tomando-o de parte, disse-lhe com a rude e affectuosa franqueza, que era uma das feições do seu character :

— Mancebo amigo, ides ser aprendiz em occasião e logar onde em pouco ficareis mestre, e onde muitos mestres não ousariam apparecer.

Vieira inclinou-se respeitosamente em signal de agradecimento.

O governador fez em seguida a resenha geral das suas tropas.

Comprehendendo o moço commandante dos voluntarios, o arcabuzeiro e o governador, achavam-se no forte trinta homens.

Antonio de Lima, desempoeirado das inquietações que lhe dera a penuria de gente em que o tinham deixado as deserções, cuidou ter á sua disposição o exercito de Xerxes.

Pois que o remanso nos dá intervallo, passemos a examinar mais particularmente o nosso arcabuzeiro Ayres Gil, já conhecido no forte, e pelos modos popular nas tropas da colonia.

Ayres Gil, baixo, refeito e reforçado, tinha a fortuna de possuir um nariz florescente n'uma cara avinagrada. Não era a temperança a virtude que o havia de levar ao céu. No mais, exemplar no serviço ; destro como nenhum ; folião até ali. Tão prompto em esgrimir o ferro como a lingua, e não menos expedito em atirar um sotaque do que um pelouro. Ayres Gil tinha visto todas as castas e ouvido todos os idiomas. Militára nos Paizes-Baixos contra os flamengos ; contra os mouros em Africa ; na India contra os rumes. Era o typo do soldado velho, grave na fileira, firme no combate, ladino sempre, sempre senhor de si como quem anda familiar com a morte, e o melhor bebedor das cinco

partes do mundo, que ainda então não resava senão de quatro.

Podia asseveral-o afoutamente, pois que, depois de ter, como vimos, assegurado os seus credits na Europa, Africa, Asia, e nas Molucas, ensaiava na America proesas que não deslustravam os passados louros.

Pertencia em summa o arcabuzeiro veterano áquella classe de soldados, de quem dizia o padre Antonio Vieira «que andavam curtidos e cortados.»

Examinemos agora o moço commandante dos voluntarios.

Viçava em João Fernandes Vieira a flôr dos annos, como se disse. O buço delgado e raro asso-mava apenas. A bocca, larga e rasgada, exprimia na rigidez das linhas a força da vontade. Desciam-lhe aos hombros os longos cabellos castanhos, levemente annellados, ao uso do tempo. Era alto e secco, mas de uma harmonia de proporções que indicava extremo vigor. Nos olhos pardo-escuros, penetrantes e cheios de viveza, fuzilavam os clarões da mais energica intelligencia.

Havia no mesmo commedimento, que lhe era como natural, o instincto da superioridade secundado d'uma resolução maior que os obstaculos.

N'esta idade juvenil, Vieira tinha já um passado. Mostrára-se elle sempre activo, laborioso e incansavel. Na intrepidez chegava á temeridade; na agudeza presagiava o genio; no juizo e conselho en-

vergonhava os mais anciãos. Com taes predicaos tornára-se, logo ao sair da infancia, não só util, mas necessario, mas indispensavel n'uma colonia rica, no meio de uma população enervada, e em tempo em que a fortuna, convidando á indolencia, principiava a degenerar a forte raça dos antigos povoadores.

O trabalho, a probidade, a intelligencia e esforço achavam em tal situação emprego e lucro.

Aos grandes proprietarios, entregues ao ocio, eram preciosos os individuos da tempera do moço Vieira: n'elles estava a providencia da colonia e a sua.

Estas circumstancias explicam a rapida prosperidade do mancebo, e a preponderancia notavel que em tão verdes annos adquirira.

Era elle natural dos Açores. Como tantos outros, que ainda hoje os paes arremecem das mantilhas aos acasos e perigos de um destino incerto, aportára na capitania aos onze annos. A creança, depois homem raro, chegára a adolescente sem mais guias do que o seu grande animo e coração. Rompera já com tudo a obscuridade. Na estação em que os outros mal pensam no futuro, creara para si uma independencia, e quasi uma cathegoria, grangeando as vontades de todos, e fazendo-se respeitar dos mais respeitados.

Successivamente exercera as funcçoens de agente, de administrador, de corretor. Fizera-se depois commerciante e achava-se proprietario. Com a sobriedade, a constancia e a actividade, capitaes

productivos em todos os tempos, conseguira em breve prazo o que muitos não logram n'uma vida inteira. Era ainda mais para admirar esta victoria da prudencia e da perseverança, n'aquella quadra da vida em que as paixões principiam a tyrannisar os sentidos.

Vieira todavia conhecia-as, e não andava isempto do seu influxo. As paixões, porém, nas organizações verdadeiramente superiores, mais são estímulo do que escolho. Se as almas que ellas inflammam se levantam acima do vulgo, tornam-se outros tantos incitamentos do grande, do bello e do bom.

Vieira amava. Como todas as percepções, que cedo lhe sazônara a intelligencia, esta paixão tinha n'elle aos dezoito annos a intensidade, a profundezza, a gravidade, a dedicação, que só vem de ordinario no estio da vida. Era mais que sensação; era sentimento. Em tal coração dilatava-se o amor n'uma aspiração infinita, insaciavel de affectos, e todavia ignorada de todos, que o pudor santo das almas delicadas lh'o resguardava como intimo culto no sacrario mysterioso da sua immensa ternura.

Chamava-se o objecto d'estes castos e puros amores D. Maria Cezar Berenguer.

Era ella filha de um velho soldado da India. A nobreza de seu nascimento fizera-a desigual do mancebo em condição. Igualava-o, porém, nos espiritos. E nas prendas do coração correspondiam-se perfeitamente os dois.

Admirava-se em D. Maria Cezar mais do que a harmonia das linhas. Realçavam-lhe o alvor transparente e alabastrino uns cabellos azevichados e ondulosos, d'aquelles que fazem extasiar um pintor e enlouquecer um poeta. Um lume de estrellas em olhos negro-aveludados, que, sob as orlas das longas pestanas arqueadas, ora scismavam humidos e languidos, ora fulgiam ardentes e imperiosos. Eram elles um mysterio quando os cerrava, eram um feitiço quando os abria. Os labios desmaiavam coraes, os dentes envergonhariam aljofares.

Quando o sol lhe illuminava de vitreos reflexos os anneis profusos, que em tumulto lhe desciam a afagar-lhe o collo como um fluido de ebano, quando se lhe distingia fugitiva uma rosa em cada face, não era possível fital-a sem estremecimento. A estatura senhoril e esbelta assimilhava-se na elegancia e flexibilidade á palmeira d'aquellas regiões. Acrescente-se para remate uma riqueza de fórmãs, que poria em risco os sentidos, se a candura do rosto todo innocencias não tornasse a admiração temeraria em respeitosa adoração.

Não era menos formosa a alma do que a imagem esboçada n'estes lineamentos. O enthusiasmo e a piedade revelavam na mulher o anjo, e no anjo descido á terra um d'aquelles caracteres excepçionaes que da fragilidade levantam o heroismo.

Conhecidos estes perfis, tornemos á nossa narrativa.

IV

Idyllo na guerra

Era o inimigo esperado a cada hora. A vigilancia dos defensores do forte cada vez se tornava mais activa, como de razão. Por especial favor pediu Vieira a Antonio de Lima o posto de maior perigo. Concedeu-lh'o este, como a quem já o merecera por seus anteriores feitos. Encarregou-se portanto o mancebo de atalayar e guardar a meia gola do baluarte, que olhava de um lado ao porto, e do outro á lingueta.

Passou-se a noite. Às horas de revesar a gente de guarda, como Antonio de Lima viesse convidal-o a tomar algum descanso, pois que em breve careceria de forças, respondeu :

— E vós, senhor governador, descansareis por ventura ?

— Eu!—acudiu este—a minha obrigação é desvelar-me, que por todos me desvelo.

— E eu—redarguiu o mancebo—o meu posto é este... se todavia m'ò permittis,—acrescentou fazendo a venia devida.

— Olhae que não estaes avesado a taes fadigas.

— Por isso mesmo. Costumar-me-hei a ellas: custarão menos depois.

— Seja assim, pois que o desejaes. Tão boa vontade injustiça fôra recusar-a.

A pesada tarefa de Vieira, uma aturada sentinella, continuou até ao dia seguinte já sol claro.

Fôra sempre o commandante dos voluntarios caçador intrepido, endurecido nos trabalhos de todo o genero, e estava bem costumado às vigílias e ao cansaço. Queria dar o exemplo aos que trouxera, e com as primeiras provas elevar-se na estima e conceito dos seus camaradas.

Os raros, que haviam permanecido com o governador, todos elles soldados velhos das companhias de soldo, veteranos como o arcabuzeiro Ayres Gil, admiravam tambem este esforço que em tam verdes annos lhes envergonhava já a rude experiencia. Assim, o mancebo era para todos novo e poderoso incentivo.

Sob a apparencia d'uma compleição delicada, Vieira tinha uma organização de ferro, e uma vontade ainda mais rija do que elle. Possuia, além d'isso, para lhe matar as horas da forçada e fadigosa insomnia, o

que aos outros faltava — um sentimento ineffavel, que lhe trasbordava do coração, e multiplicando-lhe as forças lhe fazia superabundar a vida.

Entre os dois infinitos do firmamento e do mar, com o gemebundo resfolegar das ondas a um lado, e ao outro o sussurro das aguas espelhadas do rio, não se achava elle só n'este vasto ambito. Segredava-lhe tudo mysteriosas confidencias, o scintillar das estrellas no céu transparente de uma noite estiva, a murmurante solidão das mattas d'além, o silencio da terra adormecida, apenas cortado pelo grito compassado e rouco das sentinellas. Este singular dialogo do coração com a phantasia, na lingua divina que poucos entendem, e por isso muitos motejam, acompanhava-o enchendo-lhe o tempo sem o sentir.

Cada objecto lhe dirigia uma voz, e cada voz tinha um sentido. O seu character, naturalmente poetico, eminentemente contemplativo, como todos os caracteres excepcionaes pela elevação do espirito, andava familiar com a natureza, e comprazia-se n'aquellas meditações longas.

D. Maria Cezar, a gentil donzella da casa de Berenguer, era, já se vê, o centro, o objectivo dos seus interiores enlevos. As prodigas imaginações do mancebo davam por moldura áquelle retrato estes amplos e magnificentes aspectos do mar, dos astros, do ermo e da noite.

Bastava para tel-o desperto a imagem da formosa menina. Era o seu ardor de nome e gloria um como

accessorio d'aquelle amor. Instigava-lhe este ardente sentimento a ambição de vencer a distancia que os separava. Juntavam-se ao fervoroso patriotismo as esperanças de morrer carpidio e honrado, ou de atingir um futuro, em que já se via aos pés de D. Maria, depondo ante elles quanto era e quanto alcançara, porque só por ella e para ella o quizera.

Os que teem experimentado o poder incontrastavel de uma d'estas paixões discretas, que abraçam e inflammam inteira a existencia, sabem que sobre-excitação e que força superior ella pôde imprimir e alimentar!

Viera o mancebo a amar D. Maria, como esta o preferira entre todos, espontaneamente, quasi sem o saber. Nem tinha pensado em interrogar o coração. Só se manifestara ao principio esta paixão por aquelles dialogos sem palavras, que são muitas vezes a ultima e sublime expressão da eloquencia humana. Intenderam-se todavia admiravelmente os dois.

Vieira, abrazado em enthusiasmo, indignado da pusilaminidade que fôra causa dos primeiros desastres, e anciando distinguir-se, offerecera-se a Mathias d'Albuquerque para ir soccorrer o forte. Apreciou o capitão-mór o rasgo, e confiou-lhe o commando dos voluntarios.

Só depois de obtida esta honra perigosa, quasi mortal, ousou o mancebo patentear claramente a D. Maria Cezar o que lá lhe andava no coração.

E foi ainda sem palavras. Para que?

Vejamos como.

Começava a declinar o dia. Ficava a casa de Berenguer no caminho da ponta das Salinas. Vieira marchava na direcção do Recife, para de lá se encaminhar ao forte. Adiantando-se aos voluntarios, que Ayres se encarregara de conduzir, levava a secreta esperança de ver D. Maria antes de se encerrar no posto d'onde talvez não voltasse. Como deixaria elle de ter tal desejo em occasião tão decisiva? Bem podia ser que nunca mais tornasse a encontral-a n'este mundo.

Ou fosse mysteriosa coincidencia, ou adoravel premeditação, D. Maria Cezar, acompanhada de seu pae, o veterano Francisco Berenguer de Andrada, estava sentada á sombra, que lhe cerravam sobre o portal duas ambaubeiras em flor, arvores gemeas, plantadas pela propria mão do velho soldado no dia em que lhe nascera aquella filha unica.

Que sei eu se a donzella esperava ou não o manco? Correrá logo fama, é verdade, de se ter elle offerecido para levar o soccorro, e, como fica dito, era aquelle o caminho. Vão lá porém jurar que não estava ali a gentil donzellinha por uma daquellas casualidades, que amoravelmente se parecem com a Providencia!

Não o jurarei eu, com certeza. Nestas coisas, que são de escrupulos, não ponho a mão no fogo para affirmar nem para negar. Vou contando só.

Tanto, que avistou Vieira—e bem de longe que o avistou—animaram-se as faces á donzella de um

nacarado luminoso como o arrebol da aurora em madrugada de primavera. Dirieis que o paniculo róseo da flôr da bromelia, despegado dos seus braços vegetaes, caíra sobre as pétalas tegumentosas de um cacto branco das selvas.

Vieira, por sua parte, o mesmo foi dar com os olhos na formosa menina, que levar machinalmente a mão ao peito para comprimir o coração.

Era como se lhe tivesse parado o sangue com a suspensão dos sentidos.

Não podia haver na realidade mais justificado enlevo, tanto era o poetico mimo e o gracioso frescôr da linda donzella de Berenguer !

Trajava ella um vestido de fina hollanda branca, avantajando-se pela singeleza primorosa às amplas saias e vasquinhas de telas e brocados, tão usadas então, e de tal modo adereçadas e custosas, que vieram a provocar as rigorosas leis sumptuarias de Filippe iv. Descia-lhe o vestido a apertar uma cintura de nympha, fazendo-lhe sobresahir graças que dispensavam adornos. Apenas um cabecão bordado, recortado em bicos, disputando alvuras a uma garganta divina, lhe circulava o decote alto e conchegado. Uns punhos eguaes rematavam as mangas largas e tufadas.

A arte innata do instincto feminino suppriria a riqueza auzente, se a mocidade e a formosura não parecessem dar em vez de receber encantos.

Os dezesete annos desta creatura angelica eram

o seu mais acabado enfeite. Realçavam-lhe admiravelmente a natural belleza o viçar e florir da juventude.

Frizados em pequenos anneis, emolduravam-lhe os cabellos o puro oval de uma fronte elevada e correcta, como se a tivesse talhado o cinzel de Phydias, e dos lados debruçavam-se-lhe pelas faces em duas ondas luxuosas.

É o toucado o que mais faz brilhar a indole artistica de toda a mulher elegante de nascença. Outros ornatos poderá ella dispensar; este é uma corôa que Deus lhe cingiu, e a que não sabe aproveitá-la nasceu degenerada. Quanto a mim, o indicio da plebeidade ou o brazão de nobreza das mulheres está na cabeça—sem trocadilho. Dou esta idéa de presente aos physiologos.

Sentada á sombra odorifera das suas ambaubeiras, D. Maria Cezar, evidentemente preocupada e distrahida, misturava com febril precipitação os bilros pendentes de fios de seda e prata. Era uma singular machina a que servia áquelle trabalho de fadas. Consistia n'um semi-circulo estrellado, de páu de parobá vermelha, sobre uma haste comprida de goyabeira do matto, fixada n'um pedestal macisso da mesma madeira.

Os fios variegados eram certamente destinados a produzir alguma daquellas franjas matizadas, que segundo o costume rematavam as fachas, ou bandas, que mais de um cavalleiro cingia, em seu mal, por

lhe valerem Deus sabe quantas frechadas e pelouros sobre posse.

Em tal occasião não seria prudente ficar pelo rigor symetrico da urdidura de D. Maria Cezar, que os dedos, muito longe do espirito, continuavam-lhe ao acaso uma obra sem nome.

Era o mancebo conhecido na casa de Berenguer, como nas melhores da capitania. Não tinha elle tão pouco tracto do mundo que, passando pela porta, deixasse de cortejar os principaes da familia, mórmente achando-os tanto ao pintar.

Berenguer fallou-lhe com grave affecto, como um soldado que aperta a mão a outro soldado, com poucas esperanças de o tornar a vêr. D. Maria, essa nem cumprimentar poudé. Ardeu-lhe mais intenso o rubor no rosto de ordinario desmaiado, balbuciou uns murmurios inintelligiveis, enredou de mais em mais os fios, e tremula de commoção, ou de dôr, deixou cair a franja começada.

Vieira curvou-se cortezmente para apanhal-a; mas, sem saber como, na turbação em que estava, quebrou o trama, e, esquecendo-se de restituir a obra mutilada, guardou-a no peito. D. Maria tambem não o advertiu. Talvez não dêsse por tal.

Ha distracções destas, por mais que digam.

O mancebo, como visse já os arcabuzes, e sentisse o passo cadente dos seus voluntarios, inclinou-se para se despedir, perdida tambem a voz, e partiu.

Quizera levar ao menos uma memoria, uma reliquia, para o alentar no perigo !

Que alma dedicada e sensivel não tem já conhecido uma destas innocentes superstições ? Quem não sabe como na ausencia fallam esses objectos inanimados ? Quem ignora como elles são guardados e venerados no recatado culto do coração ? Sorri sarcasmos a estas puerilidades o frio scepticismo das almas esterilizadas. Mas essas mesmas vibram o epigramma contra um passado de que teem saudades, porque o seu soberbo presente, bem o sentem, vale muito menos.

Por horas de ante manhã, quando as sombras se condensam, houve quem visse o mancebo tirar do seio o que quer que fosse a branquejar nas sombras com tenuissimo alvor, e chegar-o apaixonadamente aos labios, e elle permanecer depois immovel no seu posto com redobrada vigilancia até raiar clara a manhã.

A segunda noite correu deste modo sem o minimo incidente.

Os hollandezes não appareciam. O governador de impaciente umas vezes tinha tentações de os ir procurar á cidade, outras propendia a duvidar da sua existencia.

V

Novos personagens

Como o sol já fosse alto, incandescendo os ares, o nosso amigo Ayres Gil, surgindo do corpo do forte, e subindo ao terrapleno da cortina do sul, saudou o dia com um bocejo capaz de desarticular as mandíbulas a um cyclope, e estirou os braços para o céu como se quizesa arrancar um cometa pela cauda. O arcabuzeiro levantava-se de dormir um d'aquelles incomparaveis somnos, que Deus na sua admiravel providencia outhorga ao homem vigilante como indemnisação das fadigas incognitas ao vulgo.

Desde a alvorada até ás dez da manhã Ayres Gil só revelara a sua existencia n'este baixo mundo por um concerto de trompa nasal, tão sonoro e estrepitoso, que afugentara espavoridos os seus camaradas

de quartel, pouco lisongeados de o terem por visinho. A verdade obriga-nos a dizer que o bom de Ayres correspondia oom estoica indiferença a esta ingratidão dos homens.

Ayres Gil, com tanta experiencia, não ignorava as innumeraveis maneiras de saltar por entrepreza uma praça. Fizera pois, inspirado da prudencia, o que Vieira tinha feito por devoção patriótica entre-tendo meditações de namorado. O honrado arcabuzeiro entendia as paixoes por outro modo. Mal anoitecera, em vez de oscular a minima reliquia de franja tecida por mãos adoradas, abraçara-se fervorosamente a um bojudo picbel, de que andava sempre munido, e depois de lhe pregar quatro sôrvos, que invejara o escudeiro Sancho, fôra-se a espalhar cuidados para a banquetta do parapeito, no angulo opposto ao que Vieira occupava.

Ayres não estava de serviço n'essa noite; vigiava por curiosidade. Era homem extremamente curioso Ayres Gil.

Chegando á muralha começou a ensaiar o systema de Pythagoras n'um passeio lento, como de pessoa que não tem outra coisa que fazer senão tomar o fresco por desfastio. Não se cuide porém que se entretinha a fazer a nomenclatura das estrellas, nem a escutar a poesia dos echos nas mattas virgens. Para divertir a imaginação, recapitulava mentalmente a diversidade e quantidade que podia ter bebido de toneis de vinho nas adegas dos Fronteiros, de bar-

ricas de cerveja com os reytres de Alemanha, e de cabaças de agua-ardente de palma com os nayres de Cochim nos convivios clandestinos em que todas as religiões ali se fundiam na de Baccho. N'estes exercicios peripatheticos, á ida e á volta parava interrogando escrupulosamente os quatro pontos cardaes. Satisfeito d'este minucioso exame, seguia o seu giro em attitude indolente, continuava o interrompido calculo já augmentado de addições soffríveis, e concluia a final que o estomago do homem era um vaso de diminutissimas dimensões.

Este desenfado do mosqueteiro durou desde o anoitecer até ao quarto d'alva.

Chamava elle a isto «guardar-se por sua conta.»

O governador, que lhe conhecia o genio singular, nada absolutamente se inquietava com estas excen-tricidades, como agora se diz. Ayres Gil padecia o notavel achaque de não poder dormir de noite, quando presentia o inimigo perto; muito mais quando as muralhas das fortalezas, em que se achava de guarnição, lhe inspiravam uma confiança mediocre, e sob este ponto de vista o forte de S. Jorge tinha a mortificação de merecer ao arcabuzeiro o mais soez conceito.

De dia vigiavam todos, dizia elle, e sobre todos a claridade do sol, que não dava azo a colherem-n'o do subito.

De dia conseguintemente era outra coisa. Tanto pois que tinha occasião caía como pedra em poço,

e rivalisaria com o proprio Epiménides, se não foram as obrigações rigorosas do serviço.

Dando a sua volta pelo terrapleno, para ver sempre se occorria novidade, procurava o nosso Ayres restituir a perdida flexibilidade ás juntas entorpecidas, quando, estirando o pescoço por cima do parapeito, acabou n'uma exclamação de jubilo um segundo bocejo ainda mais vigoroso que o primeiro.

Do lado da praça apparecia nova caravana. A affluencia d'ali para o forte havia-se convertido em romaria.

Foi immediatamente chamado Antonio de Lima. O governador, verificado o successo, assentou lá de si para si, que, se o recrutamento continuava d'esta fórma, acabaria a guerra com os hollandezos tomando-lhes Amsterdam.

D'esta vez o armamento, com ser menos numeroso, não era menos importante. Umas tantas canôas carregadas subiam pelo rio com a maré. Seguindo a lingueta acompanhava-as por terra uma escolta de oito homens, sete dos quaes completamente armados e equipados.

As canôas vinham atacadas de munições de guerra e de bocca, entre as quaes figuravam com distincção algumas vasilhas de vinhos do reino, que o previdente capitão-mór extrahira dos armazens commerciaes do Recife.

Ayres Gil notou esta circumstancia como particularmente auspiciosa.

A força principal da escolta compunha-se de uns cinco mosqueteiros do numero, aquisição preciosa em tal conjuntura pela experiencia que elles tinham da guerra, e pela sua pericia nos exercicios de arma tão eminentemente util onde tanto minguava uma boa collecção de canhões e colubrinas como seria mister. Acompanhava os mosqueteiros um alemão de seis pós de altura, espadaúdo e ruivo, com o rosto da côr do cabello. Vinha este fazer o officio de condestavel da artilheria, como grande pratico e muito avisado que era no movimento e serviço d'ella.

Em toda a sua vida e viagens, Ayres Gil não tinha ainda encontrado competidor semelhante com o cangirão á bocca. A presença do alemão esfriou por tanto consideravelmente o enthusiasmo, que se apoderara do arcabuzeiro á vista das bemaventuradas vasilhas. O seu magnanimo character era incapaz de baixos ciumes: antevia porém uma concorrência perigosa no consumo do genero.

Commandava a escolta o alferes do governador, moço da idade de Vieira, pouco mais ou menos, que tinha ido á Bahia com recados do capitão-mór, e que forçara as marchas para voltar a tempo de acompanhar o seu capitão de bandeira.

Mathias de Albuquerque remetia quanto conseguia colligir, principalmente toda a polvora que tinha disponivel. Mantas¹, falcões e morteiros, tão

¹ Não se tracta aqui de *manta* cobertura e tecido; mas

necessarios para defender os sitiados e offender os sitiantes, não os mandava porque não os havia. As machinas, que eram de uso em taes casos, faltavam egualmente, como se a imprevisão fora antigo sestro portuguez. Entretanto aquelles subsidios — e, posto não serem grandes, eram utilissimos e de relevantissimo prestimo — enviava-os o capitão mór ao governador com muitas palavras de carinho e esforço.

Antonio de Lima não carecia de ser animado.

Além do alemão, dos mosqueteiros e do alferes, vinha na comitiva um individuo singular pelos seus modos e pelo seu todo. Era elle um homem de tal modo esgrouviado, macilento e lastimoso, que mais do que pessoa figurava sombra.

A sua apparencia encolhida e pacifica flagrantemente contrastava a attitude denodada e bellicosa dos seus camaradas. O capitão mór inculcava-o todavia como pessoa summamente proveitosa. E era-o com effeito, pois que, tendo exercido no reino a profissão de fogueteiro, podia servir de muito na preparação e disposição dos artificios que lhe fossem ordenados, como lanças de fogo, e outras invenções usadas em circumstancias analogas.

Daqui se vê como o diligente Mathias de Albu-

das *mantas* em que falla Ruy de Pina, Duarte Nunes de Leão, Diogo do Couto, e outros; isto é, uns fortes anteparos moveis, destinados a cubrir os bombardeiros no acto de carregar as peças.

querque apropriava todas as aptidões e prestimos aos fins da defeza commum.

Foi a escolta reconhecida com as formalidades da vespera, e, como o forte ficava na proximidade do porto, as canôas desembarcaram as provisões quasi ao pé da porta. Tres horas depois estava tudo recolhido.

A guarnição subia já a trinta e sete homens, sem incluir o estirado fogueteiro.

Ayres Gil, mal poudo ser senhor de si, foi-se direito ao pyrotechnico recém-chegado, e apertou-lhe a mão com uns extremos de amizade, que lhe torceram a cara em dolorosos esgares.

— Com que, por cá também, mestre Marçal! — disse-lhe alvoroçado.

Marçal era o nome do fogueteiro.¹

Mestre Marçal respondeu com um suspiro de forçada resignação, que indicava sobejamente quanto era involuntaria aquella sua heroicidade.

Mestre Marçal, cumprindo sentença de degredo, achava-se habitando Olinda quando os hollandezes a invadiram. Como de passagem levo referido, a noticia do desembarque e marcha do inimigo pôz a cidade em tal consternação e borborinho como

¹ Os leitores, que tiveram occasião de ver anteriormente a muito veridica e lamentavel historia de Marçal Estouro, victima da dictadura conjugal e das leis dos Philippes, reconhecerão provavelmente aqui o misero mestre, cujas complicadas aventuras prometti continuar.

não é difficil presumir. Nas primeiras horas, a população sobresaltada vacillara entre as mais oppostas resoluções, ora correndo ás armas para resistir, ora junctando o mais precioso para se retirar, até que a maior parte, aterrada com as novas da derrota do Rio Doce, se metteu precipitadamente pelo matto.

Em abono do infeliz desterrado deve dizer-se que por sua parte nem um instante hesitou. Mestre Marçal nunca pensara senão em fugir. Justiça é esta que a historia imparcial lhe não pode recusar.

N'uma só coisa houvera duvida no seu espirito : fôra no modo de executar a fuga.

Mestre Marçal chegara á capitania na propria cavarella que trouxera o capitão-mór ; isto é, havia pouco tempo. Por consequencia nada ou quasi nada conhecia ainda o paiz.

Em Lisboa tinham-lhe recheado a cabeça de medonhas aneddotas de giboyas, onças e jaguares.

Como prudente que era, o mestre nunca saíra duas braças fóra da povoação. Assim, não só ignorava completamente os caminhos, mas conservava as mais terriveis apprehensões ácerca do numero e qualidade dos animaes carnivoros, que via pularem-lhe aos bandos nos seus sonhos agitados.

Os tapuyas anthropophagos constituíam na historia dos seus terrores um capitulo separado, e ainda mais negro que o das feras.

Diz-se de um homem naturalmente afouto e bel-

licosos: «gosta do cheiro da polvora!» Vão lá fiar-se em rifões!

Morria-se mestre Marçal por este excitante perfume, e pode-se todavia jurar que não descendia da raça dos Nun'Alvares e Antonios de Faria. Bem que desgostos particulares lhe tivessem amargurado a existencia, a morte, sob qualquer forma que se lhe apresentasse, achava nelle uma antipathia invencível. Alegrava-o a chamma, deleitava-o a crepitação, regosijava-o o estampido; salvo na bocca de uma bombardarda, canhão, mosquete, ou coisa que o valesse.

Quando todos fugiram, mestre Marçal fugiu também, e até primeiro que nenhum. Na confusão porém cada qual tratava de si. O mestre achou-se só. Como se não atrevesse a embrenhar-se no matto á imitação dos outros, resolveu na sua alta sabedoria transportar os leves penates para o Recife, cujas estacadas, com a visinhança e protecção do forte avançado, lhe inspiravam muito mais confiança do que uma viagem de exploração pelas florestas virgens, onde se arriscava a travar conhecimento com os seus incognitos e tremendos habitantes.

Ponderava lá comsigo o mestre que, se o forte viesse a render-se, sempre haveria occasião de fugir com menos precipitação.

Dito e feito.

A resolução que lhe parecera a summa prudencia, fora-lhe justamente maior desastre.

Conhecia já o capitão mór a sua historia e as

suas aptidões, por ter navegado com elle desde Lisboa. Vendo-o no burgo, mandou-o chamar, e disse-lhe n'aquelle tom positivo que não admite réplica :

— A ponto nos chegastes, mestre : prepara-vos para aprestardes obra do vosso officio.

A estas palavras imaginou o bom do fogueteiro ver abrir-se o setimo céu. Ao fim de tam longas peregrinações lograva entrar novamente no exercicio da arte predilecta, que a patria não soubera apreciar. E, para maior satisfação, com o pleno consenso da auctoridade. Na sua logica limitada, mestre Marçal concluiu que os hollandezes tinham evacuado Olinda, e lhe encommendavam o festejo da fausta nova. O merito perseguido era em fim estrondosamente rehabilitado.

Em quanto estas inferencias se precipitavam em jorro do bestunto do mestre, o capitão mór continuou a fazer-lhe algumas advertencias, concluindo com esta ordem fulminante :

— D'aqui a uma hora heis-de-me estar no forte.

— No...?

— No forte, disse.

O fogueteiro cuidava não ter ouvido bem.

— Qual forte? — insistiu timidamente, para se tirar de duvidas.

— No forte que os hollandezes virão atacar por estes dias: sois lá preciso — observou-lhe benevolmente Mathias de Albuquerque.

Mestre Marçal por um triz não foi ao chão com

o sobresalto. Estava no seu destino passar a vida entre alvoroços e terrores. Aquella inopinada esperança, que lhe inflamara o enthusiasmo, caiu subitamente em temperatura muitos graus abaixo de zero.

Com voz sumida e mal segura começou uma obsecração pathetica e sentida relativamente ao estupendo absurdo, e aos numerosos inconvenientes, de o encerrarem a elle, ou de se encerrar alguém, entre quatro muralhas.

Mathias de Albuquerque era, como Henrique IV, inimigo dos discursos longos. No melhor da oração cortou-lhe as azas á eloquencia, voltando-se para um sargento do numero, e dizendo :

— Olhae aqui. Pois que este homem não quer ir para o forte, como se não podem ter boccas inuteis, deem-m'o do outro lado no matto.

E virou as costas.

O mestre enguliu o resto do discurso, que se lhe petrificou de terror nas entranhas.

Meditando maduramente a alternativa fatal, reconheceu que por fim de contas não havia no matto muralhas que o abrigassem das feras.

Tomou depois o pulso ao seu pessoal valor, e averiguando que não tinha a menor vocação para imitar os antigos belluarios, concluiu optando decididamente pelo forte. Os hollandezes ao menos eram homens.

Feitas estas salutaes reflexões, foi-se ter com o sargento, pedindo-lhe :

— Que da sua parte declarasse ao senhor capitão-mór como estava resolvido a cumprir as ordens de s. s.^a, e a fazer parte da guarnição do forte de S. Jorge.

Mathias de Albuquerque mandou-lhe dar em continente um morrião e um arcabuz. Estes presentes, o ultimo sobre tudo, pareceram ao mestre de uma prodigalidade que orçava por desvario.

Mal saiu do burgo, o seu primeiro cuidado foi pedir a um negro das canoas que lhe levasse o arcabuz. Quanto ao morrião, sendo arma puramente defensiva, accommodou-se com elle. Como lhe caía nos olhos de largo que era, particularidade fastidiosa, aprumou-o na testa almofadando-o por dentro com dois lenços de canequim, presente malfadado da esposa que deixara inconsolavel na metropole.¹

N'esta disposição pouco militar, o novo elmo de Mambrino, sobreposto em alpendre ao rosto escaveirado e amarellento do mestre, dava ares de um apagador esquecido sobre uma vela de cêra virgem.

Conservava-o todavia, o precavido fogueteiro, não só como preservativo que podia ter sua utilidade, senão tambem com o reservado intuito de o converter em alguidar para uso das abluções matutinas.

¹ Tenho ainda aqui de remeter o leitor para a antecedente chronica, onde se deu larga informação da senhora Medêa Brandoa, digna consorte do fogueteiro.

Mestre Marçal era homem regrado, e tam essencialmente dado a economias, que é verdadeira lastima não viver hoje para ser convenientemente aproveitado na politica militante... e muito sincera.

Sem embargo d'aquelles calculos domesticos, tornavam-se-lhe tanto mais carregadas as interiores cogitações quanto mais se aproximava ao forte.

Entrando ali parecia uma victima conduzida ao supplicio.

O resto d'este dia correu ainda como tinha corrido a vespera. Os hollandezes iam passando ao estado de mytho.

VI

Pylades e Orestes!

Mestre Marçal não largava o arcabuzeiro. Estes dois caracteres tão oppostos e contrarios sympathisavam mutuamente; isto é, a sympathia do arcabuzeiro manifestava-se de ordinario por um diluvio de pragas capazes de rachar o céu; a sympathia de Mestre Marçal tinha por incentivo a dependencia e uma grande dóse de medo.

Psychologistas ha que julgam naturalissimas estas affeições entre duas indoles essencialmente diversas. Dizem elles que, possuindo uma o que falta a outra, mutuamente se buscam, porque mutuamente se completam. A ser assim, faltando muito a mestre Marçal para ser Ayres Gil, e a Ayres Gil não me-

nos para ser mestre Marçal, a sua união era com effeito de uma logica irreprehensivel.

Fosse esta ou outra a razão, em mestre Marçal podendo, onde estava o arcabuzeiro estava elle. Pythias não mostrara tanto extremo a Damon, Pylades não se dedicára tão cabalmente ao seu hospede Orestes, Patroclo estremecera incomparavelmente menos o invencivel Achilles. Envergonhava o mestre todos estes exemplos da antiguidade, principalmente dês que estava no forte. O proprio *fiel Achates* houvera de ceder-lhe a palma.

Ayres servia-lhe de patrono e protector. E a protecção de Ayres era cousa preciosa para homem da tempera e feição de mestre Marçal, que tinha o singular privilegio de attrahir, onde quer que se achava, prodigiosa quantidade de chufas e de chascos mais ou menos salgados.

Mestre Marçal estava costumado; mas por fim de contas ninguem se resigna a uma apupada eterna. Nos apuros frequentes, a que o sujeitavam as suas prendas e figura, achava no arcabuzeiro o seu mais accessivel refugio.

Com esta explicação vulgar poderá talvez dispensar-se de maior incommodo a psychologia.

O governador do forte de S. Jorge, já se terá entendido, não era mais inclinado do que Mathias d'Albuquerque á oratoria intempestiva. Emquanto o arcabuzeiro se andava em exercicios com os voluntarios, mestre Marçal foi convidado a preparar

e armar com toda a diligencia, por uns moldes riscados pelo governador e pelo condestavel, certas combinações e machinas de fogo.

A fallar a verdade mestre Marçal, pensando, preferiria fazer outra coisa. Momentos havia em que chegava quasi a esquecer a critica situação, em que se achava, com o alvoroço de trabalhar no seu presado officio depois de tantas vicissitudes. N'outros, porém, sentia um calafrio agudo percorrer-lhe a espinha dorsal, prevendo o mortifero destino d'aquellas peças, cuja insolita fórma e extravagante composição reputava barbara infracção dos mais sãos preceitos.

Mestre Marçal via com verdadeiro horror profanadas e revolucionadas as regras tradicionaes da profissão. Os foguetes, que no forte lhe mandavam preparar, tinham traves por cauda e levavam na cabeça um ferro de alabarda, accessorio que sempre julgára perfeitamente dispensavel.

Em presença de similhantes disparates, o desorientado mestre, não podendo vindicar a arte ultrajada, dizia com os seus botões:

— Que se na torre de Babel se tinham fabricado foguetes, deviam de ser naturalmente assim.

N'um accesso de generosa indignação contra os sacrilegios, que o forçavam a commetter, ainda ao principio tentou arriscar algumas observações. Antonio de Lima, por sua desgraça, era mais tes-tudo do que o proprio capitão-mór. O mestre,

já experiente no trato dos homens de guerra, embai-nhou em continente as reflexões começadas, e continuou cabisbaixo a obra, lavrando um protesto mental contra a degeneração dos tempos.

Scismava desagradavelmente Mestre Marçal com os mixtos singulares, e as despropositadas cargas, que o faziam deitar nos foguetes e mais artificios.

Os seus sentimentos humanitarios orçavam pelos de um philantropo inglez, ou annuncio de caridade apparatusa. Não o affligia excessivamente o mal, que de taes manipulações podia resultar aos scismaticos e hereges, como chamava, aos hollandezes com piedoso patriotismo. O mestre, porém, tinha meditado profundamente a antiga maxima: «*no que cuidaes, cuidamos.*» Previo, portanto, que o inimigo não deixaria de retribuir estes mimos com outros eguaes.

Posto que propendesse a ter no mais soez conceito os seus rivaes estrangeiros, reflectia que, sendo os hollandezes gente de commercio e abastada, não olhariam elles a mais ou menos uns quintaes de polvora, — sem contar o resto, — a fim de proporcionar as suas cargas á generosidade e exuberancia das do forte.

Esta idéa, idéa pavorosa, innundava-o de suores frios, arripiando-lhe no craneo ponteagudo os restos do cabello, que fôra farto nos seus tempos. O maior cuidado de mestre Marçal não era tanto pelo que ia como pelo que podia vir.

Se alguma vez o amor proprio se lhe doía do juizo que os pyrotechnicos hollandezes podiam fazer das monstruosidades a que assim o constrangiam, este dissabor era uma insignificancia em comparação de outros receios.

À hora do jantar, o governador, não querendo extenuada a guarnição, mandou dar descanso aos voluntarios. Então se renovou ao mestre o martyrio das vaias. Os moços da ordenança, ainda não costumados áquella structura gothica do mestre, entenderam que em boa consciencia não deviam desaproveitar tão propicia occasião de alegrar nos ocios da sesta os enfados do serviço.

— Ih ! um cipó mettido n'um sacco ! — dizia d'ali um d'elles.

— Qual ! é um cabo de foguete enfiado n'uma aljuba ! — acudia outro, fazendo, para maior mortificação, deprimente refferencia á profissão do mestre.

— São as ultimas modas do reino ? — perguntava-lhe terceiro, que tinha seus fumos de galan e bem ataviado.

— Olhae, Pero, atalhava um aspirante a feitor — temos lá no Gorjau cannas doces mais grossas do que isto.

«Isto» era mestre Marçal.

— Deixae-os fallar, mestre Estouro — ponderou, com ares de quem lhe dava consolações, um que presumia de discreto — deixae-os fallar. De mim vos digo que me inclino diante de vossos primores. Os

de Olinda ficarão encantados d'elles quando os virem. Estou que heis de ser a gloria d'esta defensão contra os hollandezes... se é que ha hollandezes, mestre!

Esta bateria de apodos só calou o fogo com a intervenção, maliciosamente demorada, do arcabuzeiro. Mestre Marçal respirou.

Assim se passou o dia.

À prima noite, Ayres Gil teve por companheiro nas caricias ao bemaventurado pichel a micer Arnoldo Schwartz, o novo condestavel da artilheria.

No forte haviam já chrismado o alemão em Arnau Estuardo, segundo o uso, então frequente, de aportuguezar todos os nomes. Hoje faz-se exactamente o contrario — nos nomes e nas coisas.

O pichel de Ayres, apesar da sua valente capacidade, não poudé resistir aos esforços combinados de dois atletas d'esta força. A provisão de oito dias foi-se em cinco minutos. Depois de alguns alentados tragos de ambos, a vasilha, ainda no terço, empinada sobre os avidos labios de micer Arnau, deu a alma a Deus em menos de um credo. O arcabuzeiro, fazendo as honras da hospedagem, cederá a vez da cortezia ao alemão. Com as sêdes atrasadas que trazia, tomou este o cumprimento ao pé da letra, e só restituiu enxuto de todo o vaso, que podia muito bem passar por um cantaro.

— *Inclinato capite redit spiritum*—disse estouvadamente o alferes observando a scena.

Tinha o mancebo em Lisboa estudado latim nos Geraes, e não perdia ensejo de mostrar as suas superioridades de erudição, ainda que applicasse os textos com mais chiste do que reverencia.

Ayres teve remorsos da sua continencia da noite antecedente. D'ali por diante ficou entendendo que as maximas philosophicas da previsão constituiam o mais insigne despauterio d'este mundo.

Terminadas as libações com a total extincção do liquido, Ayres, sentindo-se em boas disposições, e confiando na providencia das pipas, que vira entrar de manhã, foi-se, como na vespera, para o seu observatorio a continuar aquelles passeios hygienicos em que já o admirámos.

Mestre Marçal, intimado por elle, seguiu-o com a humildade de quem ali tinha as suas esperanças.

Todo o observador que n'estas occasiões attentrasse no mestre, havia de notar um phenomeno, que por sua parte os camaradas do fogueteiro não deixavam correr sem commentarios. Estirado como era, mestre Marçal, quando por alguma circumstancia imperiosa tinha de passar pelas muralhas, sabia taes artes de encolher e retrahir a sua longa estatura, que nunca excedia uma pollegada acima dos parapeitos. N'estas localidades preferia geralmente a linha horisontal: a vertical repugnava-lhe de modo invencivel.

Via-se que mestre Marçal, ao revez de Antonio de Lima, nada absolutamente duvidava da existencia dos hollandezes.

O arcabuzeiro, não tendo como Vieira nenhuma razão particulares de se deliciar na solidão, pensara que mestre Marçal serviria para lhe variar e espalhar um pouco a monotonia da vigilia.

Pouco depois, micer Arnau e tres mosqueteiros, camaradas antigos de Ayres, seguiram a mesma direcção e foram juntar-se aos dois.

Mestre Marçal, descansado á sombra do seu amigo, enroscou-se no angulo da banquetta, logar que suppunha menos accessivel. Como não soubesse com certeza se teria muita occasião para dormir, dispunha-se com voluptuosidade a saborear n'um bom somno a indemnisação de tantos trabalhos.

De todas as possiveis idéas do mestre, esta era justamente a que menos quadrava ao arcabuzeiro. Ali se confirmava sem replica a trivial sentença: «que a protecção dos poderosos tem ás vezes seus inconvenientes!»

— Eh! lá! mestre Marçal! — gritou Ayres, sacudindo-o com a ponta da boia, de um modo, que, para quem não estivesse costumado ás suas maneiras, podia muito bem passar por uma chuva de pontapés — Eh! lá, mestre Estouro! Ainda não ha um quarto de hora que anoiteceu, e estaes-me já ahí estendido como um arcabuz sem corda.

O simile de Ayres não era perfeitamente exacto. Mestre Marçal tinha-se feito uma bola.

Estava o fogueteiro vae não vae a adormecer. Com o enfado da interrupção ainda a principio gru-

nhiu alguns queixumes. Que remedio porém se não resignar-se? Esticou então os dois fuzos, a que tinha a basofia de chamar as suas pernas ; e, instado pelas reiteradas intimações da bota, que não era de setim, levantou para o amigo a cara amarella, ornada de um sorriso mais amarello ainda.

—Vamos, homem! — continuou Ayres — Estaes em companhia de amigos.

Mestre Marçal dispensava perfeitamente os amigos da companhia; mas, como versado nos usos do mundo, alongou o sorriso de orelha a orelha em modos de satisfação e complacencia.

—Contae-nos, para nos fazer passar o tempo, o que andava de novo lá pela côrte quando partistes, coisa que valha a pena para gente christã.

Ayres Gil sabia que vibrava uma corda sensível, como actualmente dizemos. O que a mestre Marçal parecera sempre mais novo na côrte, e o que em todos os tempos julgara mais curioso e digno de attenção, era o que particularmente lhe dizia respeito.

Vendo que estavam todos dispostos a seroar á sua custa, o mestre fez da necessidade virtude. Sentando-se na banquetta, consolada a vaidade com a importancia de narrador official, começou a epopêa das proprias aventuras, commentada pelas grozas de *mein goth!* com que o alemão disfarçava os bocejos pertinazes.

No terraplano dos dois baluartes, e da cortina que

olhava para Olinda, tinha o governador feito levantar, parallellos aos parapeitos, uns espaldões grossos de terra bem calcada, com seus contrafortes para os tornar mais solidos. Frequentes aberturas, em forma de portaes esguios, facilitavam a prestes circulação da gente, e os movimentos, quer de serviço, quer de resguardo.

Supria elle assim as mantas e outras defezas, preparando abrigos á guarnição contra os projectis contrarios.

Foi sempre dever dos chefes militares evitar quanto possivel os sacrificios inuteis, e mais ainda os sacrificios de sangue. Antonio de Lima sabia egualmente prevenir os damnos e arriscar a tempo.

Com antecipação haviam sido de espaço em espaço arrumados, n'estes contrafortes, feixes d'armas de todo o genero e feitio, assacaladas e apparelhadas para uso immediato.

Os tres mosqueteiros e o alemão tomaram posição no contraforte mais proximo, fazendo roda ao mestre. Ayres, posto haver suggerido a lembrança que fizera de mestre Marçal o quasi Tyrteo da guarnição, não se tirou do parapeito.

Na extremidade do baluarte o vulto immovel de Vieira attestava que, se aqui se predispunha a vigilia, ali era persistente o cuidado.

Vieira, como Ayres, seguia com particular attenção os progressos da nebrina, que ao sol posto se começara a levantar do mar e se diffundia pelo

isthmo carregando-se mais que o ordinario. O engenho e intuição do mancebo adivinhavam o que a experiencia fazia presentir ao veterano.

Mestre Marçal chegou por vezes a interessar os ouvintes com a narrativa dos lances, em que no reino o pozera a rigorosa prohibição de Castella relativa aos artificios de fogo, seu remedio e seu officio. Não os compungiu menos com a historia, que o tornara infractor d'esta lei, e, a final, summariamente o levava á cathegoria de criminoso e á condição de degredado. Commoveu-os mais que tudo com as lastimas e exconjurações domesticas, desaforo tardio ás estreitezas do captiveiro incomportavel que na patria lhe armara esposa despotica.

O mestre, commettendo a temeridade d'estas queixas além do oceano, ainda de vez em quando olhava com terror, não lhe surgisse ali a consorte mages-tosa e irritada. Não poderia elle mesmo dizer qual receiava mais, se esta visão, se os hollandezes !

Grandes eram em verdade os attractivos oratorios e biologicos do mestre ; mas a variedade das suas aventuras não lograva supplantar de todo a fadiga da trabalhadeira, que prostrava o auditorio.

Os hiatos do condestavel pegaram-se com irresistivel contagio aos mosqueteiros. Na primeira e segunda hora a actividade de Ayres, que vigiava a um tempo o areal e o narrador, ainda conseguiu demorar a dispersão, espertando a palestra apenas

esmorecia. Podia-se pensar que tinha suas razões para isso, tanto era o empenho que mostrava. Este mesmo esforço porém veio a tornar-se insufficiente, e a derrota começou.

Não é facil dizer se cançou o historiador ou a curiosidade. A verdade é que um após outro se foram esgueirando o condestavel, e um, e outro mosqueteiro, deixando affrontosamente em meio o conto do mestre.

Como diz' o poeta francez: «acabou o combate á falta de combatentes.»

Mestre Marçal, falhando a instigação do seu amigo, perdoou magnanimamente a injuria aos desertores, e não será temeridade acreditar-se que interiormente a agradeceu. Ainda o ultimo ouvinte não recolhera a quarteis, já elle fazia inveja aos sete dormentes.

Ayres, não deu, ou fez que não deu, pela retirada dos companheiros, nem pela mudez que se lhe seguiu, tão exclusivamente se absorvera nas suas investigações. Substituiu-se-lhe á anterior loquacidade uma preocupação profunda. Podéra julgar-se que adormecera tambem encostado ao parapeito, se não fôra o avido impulso com que de vez em quando se estendia e debruçava, como para melhor interrogar as trevas.

VII

Triplíce atalaya

Seriam as duas da madrugada, hora de pesadume e somnolencia, em que frequentemente o corpo vence o espirito. Só os roncós do mar invisível resoavam tristemente na calada da noite.

A nevoa era cada vez mais espessa. Confundiam-se o porto, a restinga e o rio, toldados por este véo opaco e denso. Quasi se não podia differenciar vulto a poucos passos de distancia.

Ayres Gil cada vez fitava mais attentamente os olhos, cada vez applicava com mais cuidado o ouvido. Agora prescutava immovel o silencio e as sombras; logo se ia em passo lento ao longo da cortina a continuar de diversos lados as obstinadas pesquisas.

De tempos em tempos, o arcabuzeiro coçava o

sítio onde devia ter a orelha direita, que lhe havia ficado na alabarda de um sargento zellandez nos pol-ders de Anvers. Gesto era este, que em Ayres indicava o mais subido grau de apprehensão.

N'uma d'aquellas idas e vindas, como chegasse ao angulo da banquetta em que mestre Marçal repousava á feição dos bem-aventurados, achou ali Vieira, que lhe acenou com a mão. Estacou de repente o arcabuzeiro, e, dissimulando o busto com a muralha, encostou acceleradamente o ouvido á borda do para-peito.

Vieira estava estatua.

Passaram-se alguns segundos. Como que Ayres concentrava todas as suas faculdades n'esta singular auscultação.

Concluido conscienciosamente o exame, o arcabuzeiro voltou-se, e fazendo da mão esquerda um anteparo á bocca, vibrou rapidamente estas palavras ao mancebo :

— Parece que afinal os temos comnosco.

— Parece que sim—respondeu serenamente Vieira.

— Olhae se as sentinellas dão signal. Vão lá fiar-se!
— proseguiu Ayres em voz submissa.

— Tem pouca pratica,—observou o moço no mesmo tom. — E talvez seja melhor assim.

— Pois que nós vigiamos.

— Ide avisar o governador.

Dizendo, Vieira encostou o mosquete á muralha,

e foi direito a um dos feixes de armas de que já se fez menção. Entre estas escolheu um pique lancinante, que tinha na base da lamina um como arpeu, robusto e afiado á feição dos croques dos nossos barqueiros do Tejo.

Ayres Gil contemplava-o com certa curiosidade.

— E o vosso mosquete?—disse indicando a arma que o moço arrumara.

— Para que?—redarguiu Vieira apontando para a densidade do nevoeiro.

— Demonio de rapaz! — murmurou Ayres com uma expressão admirativa, que encerrava o mais cabal panegyrico.

N'isto ouviu-se um ruido tenue e indistincto, que se podia julgar o sussurro do vento no arvoredo.

— Avisae o governador—repetiu Vieira instando.

Ayres disparou em mestre Marçal um pontapé capáz de estoirar um bufalo.

— Hein?—respondeu, abrindo um olho, o mestre costumado a estes modos do arcabuzeiro.

— Ide-me já dizer ao sr. governador que temos aqui os hollandezes, para que faça tanger alarma.

— Que hollandezes?—perguntou mestre Marçal estremunhado.

— O inimigo, bruto!—assoprou-lhe ao ouvido o arcabuzeiro para ver se o resolvia.

— Onde está o bruto inimigo?—resmungou machinalmente o mestre, abanando a cabeça e voltando-se para o outro lado.

— O inimigo que nos vem atacar!—rugiu Ayres entre dentes, levantando-o desesperadamente pelo gasnate.

Mestre Marçal comprehendeu e despertou de subito.

— Ai! Jesus!—murmurou com a voz estrangulada.

E recaiu meio apopletico de terror.

— Alimaria!—rematou Ayres arredando o infeliz fogueteiro com supremo desdem.

Depois continuou para Vieira :

— Não quizera deixar-vos aqui só em tal occasião; mas é forçoso.

— É. Ide.

Ayres foi precipitadamente. Mál tinha dado alguns passos, sentiu no hombro uma pesada mão calçada de ferro.

Era o capitão Antonio de Lima em pessoa.

— Aonde vaes? — perguntou este.

— Ia prevenir-vos.

— Estou prevenido. Cada qual ao seu posto. Nem falla. Racho o primeiro que me boqueja uma palavra.

O arcabuzeiro repetiu comsigo :

— Demonio de governador!

A formula encomiastica não era menos significativa a respeito de Antonio de Lima do que o fôra com referencia a Vieira.

Olhando para as rampas dos terraplenos, viu, su-

bindo em diversas direcções, os homens da guarnição armados e promptos. Marchavam estes aos pontos antecipadamente designados, silenciosos como espectros.

A admiração do veterano ia em escala ascendente. Tinha visto muitas guerras ; nenhuma assim.

Nem só Ayres e Vieira vigiavam.

Antonio de Lima tambem não dormia. Não era porém facil saber onde estava, porque estava em toda a parte.

As sentinellas passeavam tranquillamente a descoberto.

Ayres tinha razão : não davam o minimo signal. Tão perfeita quietação induzia a acreditar n'uma confiança e desprevenção absoluta. Se dentro os mais experimentados assim o haviam entendido, o que faria fóra !

Antonio de Lima bem sabia que não arriscava aquelles homens, apparentemente offerecidos em alvo ao inimigo. Aproximando-se os expugnadores com o intuito evidente de surprehenderem o forte, não disparariam um só tiro. Todo o estrondo seria certamente um aviso, e elles eram os mais interessados em evital-o.

Pouco a pouco o rumor longiquo e vago, que já se ouvira, foi-se tornando mais aturado, mais regular e perceptivel. Dissera-se que as ramadas dos cajuas se agitavam soturnas sob o impulso da tormenta.

A noite porém estava abafadiça. Nem aragem bafejava.

Entretanto uma tarja profunda, mais escura no meio da escuridão, parecia condensar progressivamente as sombras ao rez da terra em frente do forte.

VIII

S. Jorge pelos Brazis!

Sentiu-se depois um como ranger de objecto pesado que se fixava na areia. Era apenas a suspeita d'um som.

Um dos voluntarios, curvados na banquetta por ordem do governador, quiz erguer-se para observar.

O condestavel já ia chegar fogo ao ouvido do canhão que tinha ao lado.

Um revez da espada de Antonio de Lima sacudiu-lhe a corda tão rente dos dedos, que micer Arnau, indo rapida e silenciosamente apanhar o morrão, foi examinando pelo caminho se tinha a mão no seu logar.

Com o outro braço o governador dobrou o voluntario sobre os joelhos.

Mal se ouvia, em torno dos parapeitos, o resfolegar anhelante e oppresso d'aquelles homens, que a vontade d'um só immobilisava n'este supremo instante.

Era uma situação de solemne e terrivel anciedade. O arcabuzeiro observava com maravilhado interesse, como homem saciado de espectaculos, que emfim acha lance digno de attenção.

Na muralha do baluarte, que Vieira defendia, surgiram pouco a pouco dois morriões, alteando-se progressivamente. O mancebo, pulando como o jaguar á espreita da preza, vibrou um bote irresistivel ao rosto do primeiro vulto que subia, e logo, n'um furioso movimento de rotação, aproveitando com mão certa o falso das armas, cravou o arpeu recurvo do pique na garganta ao segundo, que já deitava as mãos ao parapeito para saltar. Depois, retrahindo o braço com assombroso vigor, arrojou aos pés do governador o hollandez lacerado e agonisante.

O gemido e o baque do primeiro tinham já annunciado aos expugnadores nocturnos como eram recebidos.

Ayres Gil, a quem nada escapava, não se poudete que não rosnasse lá de si para si :

— Aceiado modo de pescar, por vida minha !

Levantou-se então de fóra um brado immenso, como se das entranhas da terra subitamente rebentasse uma população phrenetica.

— Hollanda e Orange ! — troou na restinga a multidão.

— S. Jorge pelos Brazis ! — respondeu a guarnição electrizada pela attitude do chefe e pela acção de Vieira.

Os hollandezes, em vez de surprehenderem, tinham ficado surprehendidos. Nem imaginavam o arrojo de os esperarem assim.

Impeliam-n'os porém os seus cabos, que mediam os inconvenientes de titubear na investida.

— A elles, filhos ! — continuou sem perder tempo o governador n'um subito acesso de ternura, fatal aos assaltantes.

Juntando á palavra o exemplo, metteu os hombros a um tronco inteiro d'angelim, cuja enorme superficie quasi tomava o comprimento e sobrepujava a largura da muralha.

Ayres Gil e mais vinte braços secundaram-n'o em continente de uma a outra extremidade do collossal madeiro, ao lado do qual o mais valente roble parecêra vergontear. Para o abalar fôra pouca toda a guarnição.

Reappareciam já do sopé da cortina os hollandezes arremetendo apressados á escalada.

O governador e os seus redobram o esforço com impeto fremente. O monstruoso tronco oscillou no pendor do parapeito. Um novo impulso, um impulso sobrehumano, despenhou-o eccoando lugubrememente na escuridão. A energia das almas e dos braços suppria as machinas de guerra.

Seguiu-se á queda um grito indescritivel, com-

posto de todas as intonações da agonia e da desesperação. Ouviu-se ao mesmo tempo um estalar secco e multiplo. Produziu o emprego d'esta improvisa balistica horroroso effeito. O madeiro, tombando réz com a muralha, esmagara tudo sob o peso descomunal.

Tinham os hollandezes, confiados na mudez inalteravel do forte e na densidade do nevoeiro, avançado sem mais precaução do que o silencio. Quando se presentiram descobertos era já tarde para recuar. Duzentos d'elles estavam apinhados á raiz do forte, e nos degraus das escadas que precipitadamente haviam plantado contra a face da cortina.

Derribara Vieira os dois mais apressados e audazes. Acharam-se então os mais a bem dizer collidos, julgando até ali que apenas teriam de degolar as sentinellas descuidadas, e apossar-se do resto da guarnição adormecida.

Ficaram as escadas quasi todas partidas. Os assaltantes, arrojados com ellas, jaziam moribundos. Metade da columna de ataque fôra litteralmente triturada.

A outra metade retirou espavorida para o grosso da força.

Compunha-se esta força de 1300 homens. Pelas razões já ponderadas, seguira de perto as companhias de assalto, a fim de as reforçar promptamente no caso de resistencia maior. Como consequencia da mesma confiança e imprevisão, vinha formada

na ordem que então se chamada de *batalha quadra*, cobrindo em toda a sua largura a estreita península.

Ao receber os fugitivos da mallograda tentativa, a *molle* inteira agitou-se confusamente.

Não foi preciso mais ao governador para verificar a situação e disposição do corpo principal.

— Pontarias baixas, bombardeiros! — bradou. — Fogo a todos os canhões.

Uma detonação formidável despertou os eccos gemebundos da floresta, e foi rebombar ao longe na immensidade do oceano. A colubrina e as bombardas soaram quasi unisonas.

Era impossivel com a fumarada e o negror distinguir o effeito da descarga.

Terrivel devia de ser comtudo, entrando os projectis nas fileiras bastas e cerradas.

— Bombardeiros, outra salva como esta! — clamou o governador. — E vós, filhos, aos mosquetes!

O fusilar da mosquetaria, seguido novamente do estampido das peças, foi continuar o estrago no corpo de batalha do inimigo.

Quando o fumo se dissipou, os hollandezes tinham-se tornado totalmente invisiveis na profundidade das sombras.

— Bravo! — exclamou Ayres Gil, depois de observar attentamente. — Os arenques de Hollanda mergulham.

— Elles voltarão,—disse Antonio de Lima.—Estamos ainda no principio da festa. Animo, filhos, e tudo prestes.

Depois, tomando a Vieira de parte, continuou para este apertando-lhe affectuosamente a mão :

— Mancebo, sereis grande, ou morrereis com gloria. Aqui vol-o diz um soldado velho, e as prophcias no campo de batalha quasi nunca mentem.

— Procuvo imitar o vosso exemplo, senhor governador — respondeu Vieira, escondendo-lhe a noite as faces accesãs no varonil rubor de nobre modestia e não menos nobres esperanças.—Onde estaes quem ousaria voltar o rosto ?

— Na vossa idade, ter-vos-hia inveja,—atalhou Antonio de Lima. — Na minha, presagio-vos o futuro. Conheço os homens de guerra.

— Como discipulos.

— Nada me digaes. Acabemos. Primores e comprasimentos não são para aqui... nem para nós. Aproveitemos esta breve pausa. Olhae-me para essa gente. Toda ella fez o seu dever...

— Mais.

— Mais talvez, por que a lucta é desproporcionada... Não : mais não. O dever do soldado é morrer no seu posto. Como vos dizia, toda esta gente obedeceu bem, e está disposta a fazer o que se póde esperar da força humana. Só não achareis em nenhum desses quieto o coração em quanto peleja o braço, nem a frieza que mede o golpe nos lances apertados.

Esse é o esforço maior, o que faz os grandes homens e as grandes coisas.

— É o vosso.

— Já vos disse que não do que sou, mas do que heis de ser, vos quero fallar; e aqui mesmo, e agora, para que a todo tempo vos lembre. Foi uma refrega; mas o que vi me basta. Isto de cegar a morte com encaral-a fito dá-o Deus a poucos, e a quem o dá...

— Senhor governador! por quem sois, —replicou o mancebo confuso.—Todes morreriam, como eu, á vossa voz, e pelo serviço desta terra. Que mais fiz, e que mais se hade de ousar?

— Saber morrer. O que vos digo, senhor Vieira, é para vos convidar a muito mais, porque em pouco, vós, e eu, e quantos aqui somos, precisaremos de toda a força de nossos braços e de nossas almas.

— Mas os holandezes retiram.

— A ordenar-se, para volverem de novo com maior furia. E virão agora movidos da vergonha... mais, incitados do desejo de vingança. Estes herejes são bons soldados, soldados velhos, gente de guerra briosa e experimentada. Não vol-o occulto: quero o vosso exemplo... preciso d'elle... para esses moços dos engenhos principalmente, que nunca viram d'isto. Fazei-m'os heroes, que o podeis e sabeis. Não será demasiado.

— Ah! senhor governador, em que mereço tantos louvores!

— Pois fazei por merecel-os.

— Tudo o que um homem poder tentar...

— Sei. Por isso vos fallo como não fallaria a todos. Tenho para os outros palavras differentes.— Vamos, filhos!—proseguiu dirigindo-se á guarnição, que se affastara respeitosamente.—Estaes prestes? Bem. Sabeis agora com quem lidaes. Já vêdes que estes arenques de Hollanda, como lhes chama Ayres que os conhece, não são todos espinha. Quanto maior fôr a onda melhor será a pescaria.

— E não se me dá de experimentar tambem!—acudiu o arcabuzeiro lisongeador, floreando um pique semelhante ao de Vieira.— Posto que, digam lá o que disserem, nada chega a um bom arcabuz, escorvado a ponto, que chega longe e mata um homem com aceio.

Professava Ayres systematico desprezo por toda a arma que não fosse aquella sua predilecta.

— Mas emfim,—continuou—cada coisa tem sua serventia. Estou que será divertido continuar a pesca de hollandezes. Quero ver que peixe é.

— Pelo menos pega bem no anzol,—observou d'ali um dos voluntarios, moço faceto e entusiasta de Vieira.

— Dizei antes que o anzol lhe pega... como eu agora pegara n'um pichel attestado. Não vinha a tempo, micer Arnau?

— Ya, ia, meinherr!—accudiu o condestavel, cofiando com um palmo de lingua os beiços ressequidos da polvora.

Foi por diante no discurso o arcabuzeiro, indicando o moço commandante dos voluntarios :

— Ápage! Com aquellas mãos de dama do paço tem-me um pulso de jogador de barra! Pelas barbas do viso-rey, como se dizia em Goa, que tenho visto muito assalto e escalada; mas sacudir-me assim para dentro um scismatico de doze arrobas, como um sapo espetado n'uma canna, é a primeira vez. Bem diz lá o dictado: «quanto mais viver, mais aprender!» E como elle, o perro herege, careteava pelo ar, quando veio ahi estourar-nos ao pé! A proposito... E mestre Estouro?... Podia servir ao menos para chegar o morrão aos seus foguetes. Quem m'o viu ahi, o meu amigo mestre Marçal Estouro?

Olharam todos investigando os cantos. Mestre Marçal havia-se tornado invisivel, como o principe do annel encantado.

— Não é tempo de procurar. Olhae, As—yre bradou o sargento de numero.

— Bom, bom, bem bom! o peixe vem á linha! — retorquiu o arcabuzeiro attentando.

Effectivamente, duas longas columnas, ou *man-gas*, como se dizia então, avançavam por entre o nevoeiro, que ia rareando. Os hollandezes tinham mudado a sua disposição, e procuravam offerecer a menor frente possivel aos tiros do forte.

Antonio de Lima prevenira-os. Em quanto Ayres discorria, modificara elle a direcção dos seus tres

canhões, que recommçaram a jogar contra os lados cruzando os tiros.

O alferes neste intervallo chegou-se a Vieira.

— Não sei o que me adivinha o coração—disse
— Casado sou de tres mezes. Minha pobre mulher a esta hora...

Calou-se envergonhado da commoção que lhe prendia a voz.

— A esta hora,—acudiu Vieira para o animar— lembra-se de vós, como vós della : contar-lh'o-heis depois, e vereis como vos paga os extremos. Quem podéra dizer outro tanto !

O alferes meneou a cabeça em ar de duvida.

Conseguindo vencer este abalo continuou :

Não é receio ; é saudade. Cedo era ainda para nos separarmos.

— Que lembrança !

— Dir-lh'o-heis vós, se...

— Eu !

— Prometteis ?

— Pois que o desejaes, prometto ; mas fio-vos que não será preciso.

O alferes apertou-lhe a mão em silencio, e voltou ao seu posto.

Aproximavam-se apesar da artilheria os hollandezes. Antonio de Lima, que não queria desperdiçar munições, poupava os seus mosquetes. Tanto porém que os inimigos lhe pareceram a tiro, bradou em voz clara e tranquilla, como se estivera em alardo :

— S. Jorge pelos Brazis ! Arcabuzeiros e mosqueiteiros, fogo !

Duas descargas successivas enfiaram as columnas em marcha.

As mangas dos holandezes oscillaram como se as tomara simultanea ebriedade.

— Sentido, filhos ! Aos espaldões ! — gritou de novo o governador naquelle tom de commando, incisivo, imperioso e absoluto, que não admite hesitações.

No mesmo ponto, o forte foi litteralmente cuberto de pelouros, granadas, alcanzias, foguetes, e toda a qualidade de artificios mortiferos.

Realisavam-se largamente as prudentes previsões de mestre Marçal. Os atiradores inimigos retribuiam por junto o que tinham recebido por vezes.

Abrigavam os espaldões a guarnição. Só o governador e Vieira, firmes e erectos nos seus logares, pareciam desafiaraquella tempestade de fogo, observando e vigiando os incidentes do ataque. Os voluntarios, exaltados de os verem, praguejavam de traz dos abrigos, onde unicamente os continham as ordens severas do governador. Ayres Gil, que tinha seus privilegios, deixara-se ficar tambem na muralha. Com a sagacidade cautelosa do soldado velho, meio ajoelhado na banquetta do parapeito, apenas arriscava um olho para verificar o que ia lá por fóra, e exercer opportunamente a sua critica.

Ayres era observador, e gostava de observar de perto, mas não para dar na vista.

— Com seiscentos Belzebuths! — dizia elle — o peixe traz ardentia infernal! Para mercadores não são poupados estes tratantes de Hollanda.... Pub! diabo! — acrescentou de repente em sobresalto, tapando o nariz com ambas as mãos, e voltando com vivacidade o rosto. — Puuuh! que peste!

Um foguete, passando a dois dedos de Vieira, voara por cima da cabeça do arcabuzeiro e fora pregar-se no espaldão onde se incendiara. Era um composto de mixtos nauseativos, e rebentára espalhando um vapor infecto, ou como vulgarmente se diz, um cheiro de tombar. Congreve tinha ascendentes.

Se mestre Marçal estivesse presente, cahir-lhe-hiam no chão, em vez das faces que não tinha, os ossos maxilares, de pura vergonha por aquella deshonra pyrotechnica.

Os fogueteiros hollandezes tinham querido regalar a um tempo todos os sentidos — o tacto e os olhos, os olhos e o olphato.

— Eh!... eh! lá!... Conheço. Tal e qual como em Flandres! — proseguiu o arcabuzeiro.

E levando da adaga, com o ferro n'uma das mãos, a outra cubrindo a parte inferior do rosto, foi-se direito ao incommodo artificio, e decepou de um revez a extremidade ponteaguda que se fixára profundamente no paredão de terra. Levantando-o depois pelo cabo, voltou á muralha, debruçou-se para medir o arremeço, e recambiou para fóra o foguete ainda inflamado e fumegante.

O escrupulo desta restituição abonava a sua austera probidade.

— Tomae, Iscariotes! — bradou sem já fazer caso do granizo de pelouros que lhe sibilava aos ouvidos. — Tomae lá, almas damnadas! Provae-me ahi tambem destes perfumes do Oriente. Hein? São rosas de Alexandria... Puuuhhh!

E voltou socegradamente para o posto que escolhera, tregeiteando uma infinidade de visagens de enojo e repugnancia.

— Viva Ayres Gil! — romperam os voluntarios.

— Calae-vos ahi, creanças amostradiços — retrucou-lhes o arcabuzeiro agastado — Boa é a occasião para vozes! Aproveitae-me esses restos de aroma, aproveitae: ficareis mudos de enjoados, mais do que se almoçasseis mocotó sem sal.

Era burlesco e heroico o enfado do arcabuzeiro, como o fôra a sua acção. Faria ella tremer os mais atrevidos e rir os mais merencorios.

Vieira desatou ás gargalhadas. Não se poudé ter o proprio governador, apesar da sua natural gravidade, e da attenção que prestava ás evoluções dos holandezes.

O arcabuzeiro encolheu os hombros como quem não achava razão nem ao applauso nem á hilaridade. Correndo escrupulosamente a folha da adaga pela aba do gibão, para a lustrar do impuro contacto, embainhou com toda a paz de espirito, e agachou-se de novo atrás do parapeito.

IX

Assalto

Entretanto o fogo dos holandezes continuava horrôroso.

Como que o archanjo das batalhas cubria com as azas o intrepido Antonio de Lima. Por Vieira vi-giava certamente o bom anjo dos seus castos amores.

Não respondia o governador. Insistia em poupar o seu fogo para resguardar a gente que não abundava. Tinha por costume esperar o momento opportuno.

Deu por fim um signal, naturalmente combinado. Da rectaguarda dos espaldões subiu aos ares um dos mais vistosos artificios de mestre Marçal. Espalhava elle vivissima claridade. Á sua luz divisou-se distinctamente outra columna de ataque, proxima

já da base da muralha, e em pé sobre as banquetas do forte a nobre estatura do governador e a figura elegante de Vieira.

Sobresaíam ambos no alto, igualmente impávidos, á similhaça do velho melástomo e da palmeira nova, que par a par desafiavam o raio na serrania.

Magnifico e tremendo era o contemplar aquelles dois homens, unicos visiveis, sós, levantados na corôa das muralhas, como a provocarem do heroico pedestal a multidão inimiga, que em ondas lhes marulhava aos pés.

Voltavam os hollandezes mais preparados á investida. Duas escadas tinham eseapado ao primeiro desastre. Das outras haviam aproveitado as que podiam com algum supprimento servir ainda. As profundas mangas dos arcabuzeiros e mosqueteiros hollandezes, varrendo o forte, protegiam o movimento da columna. Avançava esta afoita e em boa ordem.

Antonio de Lima verificára quanto queria saber.

Apenas porém a luz momentanea do artificio poz evidentes aos olhos dos atiradores inimigos os dois vultos soberbos, todos os tiros se dirigiram contra elles.

Ladeou alguns passos Antonio de Lima, dizendo para Vieira :

— Acautelae-vos agora. Atiram-nos como ao alvo. É tentar a Deus chamar sem necessidade a morte, quando nos será tão necessaria a vida para esforço de todos e cumprimento do nosso dever.

— Preciso avesar-me, senhor governador — respondeu Vieira sorrindo, e conservando-se immovel no seu logar.

O vendaval de ferro passou deixando-o incolume.

Segundo a expressiva phrase de Antonio de Lima: «cegara os olhos á morte.» Talvez n'aquella hora as orações de D. Maria Cezar subissem fervorosas á presença de Deus, e Deus se dignasse estender a mão sobre elle.

O fogo dos holandezes cessou logo que os assaltantes se avisinharam para de novo plantarem as escadas. Não podia continuar sem offender os que arremettessem ás muralhas.

Ahi justamente os esperava o governador, que não era homem de desperdiçar balas.

— Fogo, mosqueteiros, fogo sobre o ataque! — bradou elle distinguindo a columna a cincoenta passos.

A guarnição impaciente e furibunda arrojou-se aos parapeitos. Uma descarga temerosa rareou as fileiras dos atacantes já visiveis.

— Aos canhões, bombardeiros! — continuou o governador.

As peças do forte, tanto tempo mudas, tornaram finalmente a responder, devastando as mangas dos atiradores.

Replicaram estes com energia vendo hesitar as suas companhias de assalto. Um dos voluntarios, varado de um pelouro, caiu ao lado de Antonio de Lima.

Oremos pelo primeiro martyr desta defensão !
disse o governador estendendo a cruz da espada sobre o infeliz moço, que expirou sem exhalar um queixume. Oremos por este primeiro martyr, e juremos vingar-lhe a morte !

Mil vidas por esta ! — exclamou impetuosamente Vieira. Vae tu com Deus, irmão acrescentou como se ainda o ouvira o que ali jazia E pois que adiante vaes, expõe ao teu e nosso Redemptor como todos aqui por sua gloria e por sua fé estamos promptos a morrer tambem. Quem te não inveja, irmão, não é digno desta terra !

Foi tudo isto momentaneo.

Antonio de Lima era sinceramente christão ; mas era tambem chefe sagaz. Se como christão cumpria um pio dever, como chefe combatia com a influencia religiosa esta primeira impressão de horror, tão perigosa em homens pouco affeitos aos cruentos espectaculos da guerra.

Vieira, mais por instincto do que por calculo, rematara a exaltação dos animos aggregando ao pensamento de Deus o sentimento da patria.

Um indicava o céu, outro a gloria.

Ayres era indifferente. Tinha presenciado tão repetidamente scenas destas, que se lhe haviam tornado episodio commum. Não deixava o arcabuzeiro de ser devoto a seu modo, e até um pouco supersticioso, mas com o costume só via em cada cada-ver um mosquete de menos, e uma alteração grave

na symetria das fileiras. A morte era a seus olhos o accidente mais trivial da guerra.

A compuncção profunda de Vieira, em quem o valor não entibiava a sensibilidade, e a premeditada encommendação religiosa de Antonio de Lima, foram para elle uma coisa sem significação.

Não succedeu o mesmo aos voluntarios. Iam do furor passando ao delirio: eram leões.

N'isto, o fogo dos hollandezes parou novamente e de subito.

— A elles, filhos!—gritou o governador.—Occasião é de vingarmos o morto!

Voava o inimigo ao assalto, não já colhido na tentativa de surpresa, mas com a certeza e consciencia da opposição que acharia.

O verdadeiro combate principiou.

Parecia todo inflammado o forte, tantas eram as invenções de fogo que dos parapeitos arrojavam.

No meio d'este incendio, defensores e assaltantes, igualmente irritados, igualmente embravecidos, chegaram em breve áquelle paroxismo de furor, que faz desprezar a vida para só cuidar em produzir a morte. Choviam continuamente da muralha os madeiros, os arremecos e as materias incandescentes. De dentro e de fóra misturavam-se em pavorosa grita os gemidos e as blasphemias. Onde se fazia um claro surgiam logo novos combatentes.

Acima de todas as vozes ouvia-se a voz de Antonio de Lima. Adiante de todos os braços estava o

seu braço e o de Vieira. Os longos anneis da serpente humana em vão apertavam os frageis muros: protegiam-nos peitos mais rijos do que elles.

Eram já degraus para os vivos subirem os cadáveres amontoados ante a fatal cortina. Qual arremetia por cima do corpo mutilado do irmão d'armas agonisante, insensível aos ais que brutalmente exacerbava. Qual fincava no peito roto de um moribundo os prumos d'uma escada, estalando-lhe os ossos com barbara indifferença. Cega ia a turba na investida. Era um inferno de brados, um inferno de fogo, um inferno de armas, um inferno de iras!

Continuava Antonio de Lima a fazer de vez em quando subir ao ar os seus artificios luminosos para esclarecer em redor a scena, e melhor avaliar todos os movimentos do inimigo. Quando pela ilha fronteira se diffundia esta claridade, á luz livida alongavam-se pelas clareiras as sombras vacillantes das arvores da margem, como se um povo de trépidos phantasmas fugisse daquella colera humana. Mugia ao mesmo tempo além do recife o mar, pavorosa base deste horrisono concerto. O rolo das vagas, reflectindo alternadamente as chamas diversas, ora se tingia de rubro sanguineo, ora do pallor de sudario.

Uma hora inteira durou o temeroso embate, sem que os hollandezes desistissem, sem que os do forte afrouxassem. Tres vezes foram precipitados os primeiros; tres vezes volveram mais enraivecidos e es-

tímulados de maior pejo. Praguejavam os seus capitães vendo baldado o esforço de tantos contra tão poucos, e investiam com os mais intrépidos á escalada para serem com elles rechaçados e mal feridos!

Fugia a noite, levando aos hollandezes as esperanças que protegia a escuridade. Dissipara-se a nevoa, e uma leve cinta clareava ao nascente, annunciando proxima a rapida aurora daquelles climas.

Os assaltantes quizeram tentar o supremo lance.

No baluarte confiado a Vieira estavam tambem Ayres Gil e Antonio Borges, o moço alferes recém-casado, que até então mostrara o mais brilhante valor.

Differentes vezes tinham os inimigos querido ladear por aquelle flanco o forte, cozendo-se com a muralha da banda do porto, a fim de multiplicarem os ataques sobre todas as faces, operação que lhes faria melhor aproveitar a vantagem do numero, e diminuiria a energia aos defensores dividindo-os. O passo porém era estreito e difficil, e Vieira acudiria sempre tanto a ponto, que poucos dos que o tentaram conseguiram retirar.

Ao quarto e mais furioso assalto, como toda a attenção fosse pouca para a frente da cortina, alguns hollandezes conseguiram no tumulto passar sem serem vistos do baluarte, e plantaram daquelle lado uma escada no estreito carril comprimido entre a muralha e as aguas profundas.

Em quanto a furia do ataque redobrava na cortina, este troço destacado arremettia com precipitação ao baluarte.

O alferes, que era o mais proximo da muralha tão terrivelmente ameaçada, sentiu rumor e voltou-se rapidamente.

Já do parapeito sobre a banquetta saltava um holandez gritando :

— Hollanda e Oran...

Não acabou. O espontão do alferes cortou-lhe a um tempo o grito e a vida.

Quasi no mesmo instante, o infeliz mancebo estendeu como insensatamente ambos os braços, recuou cambaleando até á extremidade do baluarte, e caiu redondo.

A alabarda de um sargento frisão, jogada, de cima da muralha, havia-o atravessado pela garganta.

Avançou o holandez com o impulso do golpe. No acto de saltar, Vieira, acudindo como um raio, acolheu-o no gume do pique e pregou-o de encontro á trave do canhão que estava ao pé.

Jazia, porém, o alferes resfolegando o sangue em borbotões pela ferida medonha. Vieira, esquecendo o mais, baixou-se para soccorrel-o.

Anciava já o desgraçado nas vascas da morte. Aceitou-lhe negativamente com uma das mãos, como dizendo que inuteis seriam todos os soccorros ; com a outra, que fechara sobre o coração, entregou-lhe

uma pequena medalha de prata lavrada, e apontou-lhe para o parapeito.

A medalha continha um anel dos cabellos de sua mulher, viuva ao sair do thalamo nupcial, como os presentimentos lhe tinham advertido.

O que elle indicava no parapeito eram tres holandezes, que assomavam desconfiados atrás dos primeiros, e faziam parte dos cinco mais ageis e afoitos em subir.

Assim os derradeiros pensamentos do misero moço foram para ambos aquelles amores, cortados tanto em flor — esposa e patria!

— A elles, Ayres! — gritou Vieira, tremula a voz, razos d'agua os olhos, pallido o rosto, não da emnencia do perigo, senão com o abalo do afflictivo e rapido lance.

Ayres Gil, vendo caído o alferes, exclamou com uma leve tintura de ironia, que em caso de necessidade podia attestar a perfeita lucidez do seu espirito :

— Não dizia eu que para nada prestavam armas tão franzinas!

E agarrou n'um mosquete ás mãos ambas, brandindo-o pelo tubo como se fôra uma clava.

Iam já a saltar os tres holandezes : Ayres tomou-lhes a frente, empenhado em demonstrar na pratica a excellencia das suas theorias.

Entrementes Vieira, julgando-os bem entregues, correu á muralha. Sobresahia alguns dedos ao pa-

rapeito a extremidade da escada : uma nova onda de holandezes estava já em meio d'ella correndo em auxilio dos camaradas. O mancebo, sem dizer palavra, aferrou-se com a mão esquerda ao rebordo, deitou a direita á escada, e prolongando meio corpo fóra da muralha, com formidavel impulso, como um heroe de Homero, sacudiu no espaço aquelle cacho humano appenso aos degraus, e arrojou tudo para fóra, como se uma catapulta o despedira.

A escada, neutralizado este immenso esforço com o impeto e o peso dos que subiam e se achavam já para cima do centro, pareceu vacillar na perpendicular, mas caiu para o lado do porto, arrastando comsigo bom numero de holandezes para as aguas que se abriram.

Ayres gritou-lhe sem parar na peleja :

— Toma! Caçada de armadilha depois de pesca de anzol !

E deu com segundo hollandez em terra, amolgando-lhe o morrião e o crâneo.

Vieira soltou como um pallido sorriso de satisfação vendo o pego fechar-se remoinhando sobre aquella hecatomba humana, immolada aos manes do infeliz alferes. Foi a sua oração funebre.

Socegado por ali, quiz ir em auxilio do arcabuzeiro.

Não era preciso. Dois holandezes jaziam aos pés de Ayres, derribados pelo terrivel mosquete.

Na occasião em que Vieira volvia, o terceiro dava

alguns passos desatinados, e caía a pouca distancia consideravelmente reduzido na estatura.

Aproveitando o intervallo para comprimir fortemente o dedo medio da mão esquerda, meio decepado de um golpe de adaga, Ayres fez um gesto de suprema indifferença, e deu com o pé n'um volume roliço, que saltou como animado a dois ou tres palmos.

Era a cabeça do ultimo d'estes aggressores: um revez da espada de Antonio de Lima separara-a cercea do tronco.

Vira o governador a lucta desigual do arcabuzeiro; comprehendera de relance o que ali ia; e accorrera caladamente, para não desanimar a guarnição, que repellia com denodo o assalto da cortina.

Frustrados n'este ataque, os hollandezes recuaram com perda maior do que antes.

Vinha já arraiando a manhã. Os objectos tornavam-se cada vez mais distinctos.

Antonio de Lima observava attentamente:

— Filhos, preparae-vos! — disse — Teremos novo assalto, mas será o ultimo... por hoje — acrescentou em voz baixa para Vieira.

Vieira nem deu por tal: carregava o seu mosquete com as minuciosas cautelas de caçador apaixonado.

X

Retirada

Para cubrir a derrota da columna repellida, rompera de novo o fogo entre o corpo de batalha inimigo e o forte. Pelo morrião emplumado distinguia-se á frente das suas companhias o cabo superior dos hollandezes, dispondo galhardamente novas forças para tornarem á investida.

Assobiavam bastos os pelouros em redor de Vieira. O mancebo assentou pausadamente o mosquete sobre a forquilha, e mirou com attenção.

Ayres Gil, que o tinha já no mais alto conceito, observando-o com preocupada curiosidade, murmurou comsigo :

— Por su Dios y por su dama !

Sabia o arcabuzeiro um pouco de todos os idiomas,

e confundia-os frequentemente,—sobretudo quando não queria pôr a todos na confidencia das suas conjecturas. Havia-lhe pelos modos a longa experiencia feito divisar em Vieira uns taes ou quaes ares de namorado.

Tendo assegurado bem a pontaria, o commandante dos voluntarios chegou com mão rapida e firme o lume da corda á escorva.

O general hollandez caíu nos braços dos seus soldados.

—Livraes-nos d'outra refrega—clamou o governador.

—Boa mira e mão segura!—ponderou o arca-buzeiro, acrescentando modestamente:—Bofé! que o não fizera eu melhor.

Com effeito, os hollandezes desacoroçoados e privados do chefe, deram promptamente as costas sem tentarem nova fortuna.

—Senhor Vieira,—continuou Antonio de Lima —escolhei doze dos vossos e saía colher prisioneiros. Serão inimigos de menos, e é gloria que vos cabe.

Ouvindo isto apresentaram-se todos os voluntarios.

—Quereis deixar-me só?—observou-lhes o governador sorrindo.

Vieira não escolheu: tomou comsigo os primeiros.

Abriram-se n'um momento as portas do lado do

recife. O mancebo ladeou rapidamente a muralha com os seus doze homens ebrios de entusiasmo.

Não havia empreza que lhes parecesse difficil. Em vez de se apoderarem, como o governador queria, de algum disperso ou menos válido, que a fadiga da noite atrasasse da columna, ousaram dar sobre a retaguarda dos hollandezes, e, o que mais é, precipitar-lhes em fuga a retirada ao brado heroico.

— S. Jorge pelos Brazis !

Quando voltaram, traziam mais de trinta prisioneiros, tres vezes o numero dos da admiravel sortida!

Trezentos dos seus deixaram os hollandezes mortos, e com elles grande copia de armas e tropheus.

Os portuguezes tinham no Brazil umas novas Thermopylas.

Perdera a guarnição, pouco mais ou menos, o terço da sua força, cinco mortos e oito feridos ¹ sem

¹ Conservou a historia o nome de alguns d'estes valentes. Mereciam todos padrão immortal. Esta pagina modesta apenas os levantará do esquecimento um dia. Embora. Sempre será pagar a divida da patria. E pois que tantos, e por tantos modos, se empenham em apoucar a honrada herança portugueza, leve-se ao menos a bem que uma voz se levante para glorificação do que foi, para estimulo do que póde ser.

Contavam-se entre os mortos o alferes Antonio Borges e Francisco Guedes Pinto; entre os feridos Pedro Corrêa da Silva, e o sargento Luiz Fernandes.

Honra a estes heroes, não menos heroes que os Duarte Pacheco, os Antonio de Faria, os Reynoso, e tantos mais !

contar o amigo Ayres, que não fazia caso de bagatellas.

Horas depois, o capitão-mór veio pessoalmente visitar o forte, onde foi recebido com delirantes acclamações.

— Senhor governador,—disse Mathias de Albuquerque abraçando Antonio de Lima—quem vos ha de pagar tal serviço?

— Pago estou: fiz o meu dever,—respondeu o intrepido capitão.—Nem vos mereço eu tanto cômopensaes. Aqui tendes a quem deveis hoje a conservação do forte.

E indicou Vieira.

Faziam então assim os homens de esforço e consciencia. Agora andam os zotes a tomar o passo aos que valem e fazem alguma coisa, e não ha parva ignorancia, nem invejita miseravel, que não tente denegrir tudo o que excede a sua craveira anã.

— Não me enganei com elle — disse o capitão-mór, abraçando tambem o moço commandante dos voluntarios, confuso de tanta honra.—Nem vos enganareis commigo, Vieira.

O mancebo pensou em D. Maria Cesar. E as vozes da gloria entoaram-lhe o hymno da esperanza na alma generosa!

Não se limitou a solicitude do capitão-mór áquella visita, nem a éstimulos de palavras. A mesma constancia, que sustentara o posto, lhe dava occa-

sião de reforçal-o, permittindo-lhe reunir os necessarios meios de prolongar a defensão.

Foi o exemplo grande incitamento. A gloriosa resistencia de Antonio de Lima levantou os brios á população fugitiva. Viu-se que os hollandezes não eram invenciveis. Envergonharam-se muitos das suas pusilanimidades, e de todos os lados affluiram soccorros, que deram azo a dispôr mais largamente do pequeno numero de homens resolutos, que haviam permanecido com Mathias de Albuquerque.

Iam diariamente engrossando as companhias, como o chefe previra. Em breve pôde este organizar algumas bandeiras regulares.

A guarnição do forte foi successivamente augmentada até chegar a oitenta homens: não podia alojar mais o pequeno recinto.

Entre estes figuravam muitos da bandeira da nobreza, commandados por Affonso de Albuquerque, irmão do proprio capitão-mór, que n'este intervallo havia chegado do interior.

Os bastimentos e munições seguiram a mesma proporção, com grande copia d'aquellas abençoadas vasilhas de vinhos do reino, ao mesmo passo delicia e tormento de Ayres Gil e micer Arnau; tormento porque Antonio de Lima, ignorante das larguezas de Lucullo e avesso aos festins de Balthazar, distribuia os liquidos com parcimonia profundamente antipathica aos dois illustres confrades.

Dizendo *os liquidos* refiro-me sómente aos liqui-

dos espirituosos. Agua tinham-n'a todos a fartar no Biberibe: os severos preceitos do governador de nenhum modo a poupavam. Tornava-se porém inutil para o arcabuzeiro a illimitada munificencia, tal horror professava ao *cristalino licuor*, segundo então se dizia em poetico phraseado.

Attribuia Ayres esta aversão a um caso da sua infancia, no qual fôra pescado das ondas do Tejo, exactamente como o patriarcha Moysés nas do Nilo. Cumpre accrescentar, em abono da indole do honrado veterano, que não tirava o minimo orgulho d'esta gloriosa similhança com o legislador dos hebreus. Muito pelo contrario: em vez de recordal-a como brazão, fugia cuidadosamente de quanto lh'a podesse lembrar.

Em poucos dias nada faltou no forte. Se não foram as economias do governador, no conceito de Ayres infinitamente exaggeradas, nem este, nem micer Arnau quereriam sair d'ali mais.

Theodoro Vanderburgo, o commandante em chefe das forças expedicionarias dos Estados, derramara-se com a nova da baldada investida. Tinha reconhecido o forte, e nunca o julgara susceptivel de oppôr estorvo semelhante.

Não podia entretanto accusar os seus de frôxição. As perdas graves que tinham padecido, a morte de uma grande parte dos officiaes, e a do commandante da empresa attestavam quam grande fôra o esforço e quam pertinaz a lucta.

Vanderburgo, illudido até ali com a facil passagem do rio Doce, reflectiu então no que valiam homens, que, em tão diminuto numero, tão cruamente repelliam forças consideraveis dos soldados velhos de Hollanda.

Não conhecia o general bátavo a indole singular do povo portuguez, descauteloso, incredulo do perigo, imprevidente, e por isso tão sujeito a espavorir-se nas crises como a desprezar as advertencias; mas depois, dissipado o panico, chegada a occasião, capaz dos maximos sacrificios, e com milagres de heroicidade resgatando as passadas negligencias.

Ficou-a então conhecendo, essa indole mal apreciada, e resolveu ir em pessoa contra o obstaculo que tomava o passo á frota, e lhe impedia o estender a invasão.

Começou em continente a fazer poderosos preparativos.

XI

Em que Ayres Gil desencanta mestre Marçal

Postos em fuga os holandezes e recolhida a força que saíra a perseguil-os, procurou-se por toda a parte o fogueteiro por ordem do governador, que precisava d'elle. Nem vivo nem morto. Suspeitava o maior numero que tivesse cahido da muralha: só Ayres asseverava que não.

Ayres, como dito fica, tivera um dedo meio decepado. Vendo-o micer Arnau a sugar desesperadamente o golpe, observou-lhe:

— Que em toda a parte uns parches embebidos em vinho eram efficaz remedio para aquelle genero de feridas.

Esta applicação foi infinitamente do agrado do arcabuzeiro.

Ordenára o governador distribuição dobrada aos homens válidos, logo que os holandezes se retira-

ram. A occasião seria opportuna para experimentar o remedio, se duas rações de vinho não fossem para Ayres um gargarejo.

Aproveitando a feliz lembrança de micer Arnau, Ayres requisitou com instancia uma porção especialmente destinada a curar o dedo, ponderando que, para ser proveitoso o especifico, era necessario repetir a miudo a applicação, o que exigia consideravel quantidade de liquido.

O governador mandou-lhe dar uma malga cheia.

Como bom camarada, o alemão não o desamparava.

Entrando nos armazens, a fim de encher a sua malga, a mais alentada e bojuda que podera encontrar, ouviu Ayres uns arrancos abafados, que pareciam sair do interior das pipas.

Parou admirado. Não se via cousa viva. Almas, seria inverosimil. Almas em pipas! Saía de todos os estylos e costumes das apparições!

— Ainda se se dissera *espíritos*!—ponderaria um calamburista de hoje!

Só se fôra a alma do duque de Clarence, que morreu afogado n'um tonel de Malvasia, dizem!

Ayres, porém, ignorava esta particularidade biographica.

Como os ais continuassem, aproximou-se.

Quanto mais se aproximava, mais se distinguiam aquelles gemidos, que pouco depois se converteram em exorações.

— Não me mateis, por quem sois não me mateis, senhores hereges! — dizia a voz gemebunda. — Juro-vos que não estou aqui de vontade, juro por minha vida...

— Aposto que é mestre Marçal,—exclamou o arcabuzeiro. — Não dizia eu que havia de apparecer!

E, estendendo o braço livre, extrahiui d'entre as vasilhas o infeliz fogueteiro.

O pobre mestre passara de côr de camurça a uma tintura rôxo-terra. Tremia que nem que estivera em convulsões. A apoplexia degenerara em maleitas.

Mestre Marçal, não podendo acreditar que os holandezes tivessem feito tanto arruido por tão pouco, pasmou de topar com o arcabuzeiro, e ainda mais de se achar são e escoreito.

Levara-o um bom instincto a acoitar-se n'aquelle inviolavel asylo.

— Vamos, homem, arredae-vos d'ahi, que me estaes infamando essas quartollas—disse Ayres, pregando-lhe um safanão que o estatelou no pavimento em attitude pouco gymnastica.

Manifestando assim ao desencaminhado amigo o alvoroço do encontro, Ayres pegou na malga já cheia, e com a distracção bebeu tudo de um trago.

— O remedio? — ponderou o alemão que tinha seus designios interesseiros.

— Ai! verdade é, o remedio!—acudiu o arcabuzeiro apresentando novamente a malga.

— Não ha ordem para mais—retorquiu a praça arvorada em fiel.

— Por dentro ou por fôra... vem a dar no mesmo —rematou sentenciosamente Ayres.

Para corroborar esta conclusão desenvolveu uma enfiada de argumentos, com os quaes exuberantemente provou a micer Arnau, que, se o vinho o podia alliviar como applicação exterior, muito melhor o reconfortaria como tizana interna.

O docil condestavel deu-se por convencido.

Limitou-se pois o apparelho do dedo a um pedaço de estopa atada com uma guita resinosa. Inclina-se o arcabuzeiro ás preparações simples e ás operações expeditas.

Mestre Marçal, inutil na acção, não teve mãos a medir nos dias que se seguiram ao mallogrado assalto nocturno. Ia-lhe crescendo o numero dos freguezes, coisa que n'outro tempo o houvera transportado de jubilo, mas que em tal occasião o fazia continuamente exhalar grozas de suspiros.

Lá de si para si entendia mestre Marçal, que o senhor governador, não só fôra de extravagante prodigalidade na noite do ataque, mas ostentava um luxo mais que oriental na fabricação e abundancia dos novos artificios.

Reconhecera elle por experiencia a utilidade das vasilhas, que diariamente iam entrando. Folgava pois com os reforços d'esta natureza por uma razão absolutamente diversa das razões de Ayres

Gil. Não tinha porém n'aquelle precario refugio tamanha confiança, que o fizesse totalmente esquecer do seu progressivo terror.

Com exercer em silencio a critica, não era menos escrupuloso observador o mestre. Verificára que os defensores do forte só no primeiro assalto haviam ficado reduzidos um terço.

Duas coisas receiava por tanto igualmente—ou ser comprehendido no terço eliminavel—ou que o implacavel governador, homem quanto a elle possuido do demonio, se lembrasse de o substituir aos defunctos.

Reflectia mais o honrado mestre que ninguem podia antever a duração de semelhantes lances com um individuo da tempera de Antonio de Lima. Se os hollandezes viessem pôr cerco, segundo se dizia, e o cerco se prolongasse, mestre Marçal, homem como os outros, não poderia ficar eternamente entre duas vasilhas. Saindo d'aquelle experimentado abrigo, a quantas contingencias não ficariam expostos os seus preciosos dias!

Mestre Marçal tinha-se avesado a tudo, aos meirinhos de Lisboa, ao corregedor do crime, á cadeia do Tronco, á esposa que o praguejava noite e dia—até á estremosa esposa!—, só não podia costumar-se á vida que levava no forte. No fundo do coração mestre Marçal alimentava o desejo, muito pouco patriotico, de que os hollandezes fizessem capitular quanto antes. Eram-lhe indifferentes as

condições. Não o affligiam ambições descomedidas. Bastava-lhe a vida salva. De quantas soluções lhe entravam nos calculos, esta unicamente lhe alentava esperanças.

Desgraçadamente para elle, Antonio de Lima pensava o contrario.

Decorreram assim oito dias, sem mais novidade no forte do que a successiva entrada dos reforços e municiamentos que se disse. A presença do irmão do capitão mór, pessoa tão principal e auctorizada, e a de outros individuos da bandeira da nobreza que o acompanhavam, contribuia para estimular o ardor e exaltar os animos dispostos a arrostar novos perigos.

O exemplo dos primeiros defensores incitava os que se lhes haviam ulteriormente aggregado. Anciavam todos vir novamente ás mãos, uns para experimentarem os brios, outros para sustentarem a reputação adquirida.

Assim se estabelecem na guerra as uteis rivalidades, que levam aos grandes commettimentos.

O governador, conhecendo bem o com que devia contar, não perdera momento n'estes oito dias. Empregando tudo quanto na sua posição e com os seus recursos podia applicar, tractou de acrescentar e consolidar do modo possivel as suas pequenas fortificações. Entretinha assim a actividade da guarnição, e, com a accumulção bem entendida dos obstaculos materiaes, economisava o esforço dos braços para quando já fosse indispensavel.

Ouvia-se muitas vezes ao longe, na campina, o tiroteio dos forrageadores hollandezes com as partidas da milicia. Provava este indicio que não descansava tambem o capitão mór.

Os invasores com effeito não dominavam senão a cidade. Em quanto a sua armada não podesse forçar o porto, de pouco lhes servia a conquista.

Com estas novas não faltava já quem visse proxima a expulsão e total ruina dos intrusos.

São assim as turbas, faceis em passar de vergonhosos terrores a cegas presumpções.

Depois da resistencia do forte, a capitania povoara-se de heroes.

Quem não tem visto d'estes exemplos nos nossos dias? Faça-se hoje o que todos julgavam hontem impossivel. Amanhã os mais timidos tornar-se-hão confiados, e cada um vos explicará a extrema facilidade da empresa.

Pois os Aristarchos do dia seguinte! Virão esses aos bandos, provando-vos com facil critica a insignificancia do *minimo*, praticamente executado, em comparação do *maximo*, que theoricamente vos desenvolvem.

Tivemos sempre muito d'estes censores e discreteadores tão dicazes como inuteis. É até o que melhor produz aqui, e em mais abundancia cresce. Se elles não fizeram, não fazem, nem hão-de nunca fazer outra coisa.

Estamos que será vicio do torrão. Vem como o

joio, vem como o escalracho, vem como todas as coisas parasitas e damninhas, que medram da substancia alheia.

Na lavra estão soterradas as sementes malditas. Tanto que lhes dá uma restea de sol, eil-as a surgir e a florir, a brotar e a pular como cousas que não tem outro fito nem officio. Tudo palha e nada pão, isso é verdade; mas na apparencia um louvar a Deus.

Foi sempre assim, e cada vez hade ser mais, como tudo o que se faz só para os olhos. Salvo se poderem metter na seara espertos mondadores, que a preceito a limpem do que não dá fructo.

E, mais anno menos anno, hãode fazel-o, se não quizerem que se vá em hervas a sementeira.

Ao cabo dos oito dias estavam uma tarde, ao pôr do sol, o governador, Vieira, e Affonso de Albuquerque nos terraplenos do sul. De repente sentiram-se da banda de Olinda uns tiros de arcabuz.

— Teremos novidade hoje—disse tranquillamente o governador.

— Já me tardava — observou Affonso de Albuquerque.

Pouco depois, viu-se um troço de seis ou sete arcabuzeiros do forte, retirando apressadamente, acosados por um consideravel pelotão de hollandezes.

Na rectaguarda dos arcabuzeiros, Ayres Gil fazia frente de vez em quando, e não inutilmente.

— Micer Arnau—disse Antonio de Lima para o

condestavel da artilheria, que se achava pouco distante no baluarte — experimentae-me o alcance d'essa colubrina, e varrei-me d'ali aquelles perros.

Dois tiros bastaram para arredar os hollandezes. Um d'elles caiu ferido de um estilhaço de pedra. Antes que déssem por tal os camaradas, apoderou-se d'elle o arcabuzeiro.

D'ahi a pouco Ayres estava na presença do governador.

— Então, homem, — perguntou Antonio de Lima — saíram-se finalmente a campo?

— Saíram — tornou o arcabuzeiro — e bem acompanhados.

— Tomaste lingua?

— E de perto.

— Vi. Que gente é?

— Quatro mil homens, diz o prisioneiro, e dos melhores da expedição.

— Só?

— E trem de sitio.

— Ah!

— Com bom numero de gastadores.

— Quem os commanda?

— O seu capitão-mór em pessoa... um demonio que tem um nome arrevesado... como todos estes hereges.

— Já sei. E onde estão?

— A cousa de meio caminho da cidade para cá, obra de meia legua.

— Avistastel-os ?

— Tão bem que me mandaram cumprimentar á pressa.

— Assentaram arraiaes ?

— Estavam n'isso.

— Bem.

Ayres fez meia volta, e foi vêr se, por intervenção de mestre Marçal, teriam curso no Recife uns marcos de prata, que encontrára casualmente no bolso do hollandez aprisionado.

O governador, ficando só com Affonso de Albuquerque e o moço commandante dos voluntarios, voltou-se para os dois, e com serena gravidade, não isempta de orgulho, disse-lhes :

— Fazem-nos a honra de nos pôr assedio !

Tinha rasão na ufanía.

Tamanho desenvolvimento de forças, tão consideraveis apercebimentos, tão longos preparos, e o facto de empenhar-se na contenda o chefe Vanderburgo, como lhe chamavam os da provincia, era caso para ensoberbecer o mais modesto.

Cerrada que foi a noite, viram-se ao longe, enfileiradas pela restinga as fogueiras do campo hollandez.

Estava effectivamente posto o assedio.

No dia seguinte começaram os trabalhos de aprobe, segundo a natureza do terreno e disposição local do forte. Era a bem dizer um cerco em regra.

Um cerco para tal forte como o de S. Jorge ! Grande honra, bem o dizia o governador !

XII

Allegoria

A artilheria do forte jogava com frequencia. Os sitiadores todavia tinham começado a trincheira.

Estamos noite fechada. Á raiz da muralha ardem enormes fogaréos, que Antonio de Lima fizera lançar dos parapeitos para allumiar os trabalhos dos inimigos.

Estes trabalhos são praticados no escuro, com o fim evidente de evitar maior damno da artilheria do forte. Os fogaréos, enquanto duram, illuminam a larga distancia o terreno chão. Sobresaem portanto as linhas, em que se vêem enfileirados os cestões e fâchinas. Ao mesmo passo conserva-se na obscuridade o alto das muralhas. Os defensores, sem servirem de alvo aos atiradores inimigos, pôdem assim

dirigir melhor as pontarias, e estorvar os progressos dos obreiros.

Vieira e Affonso d'Albuquerque examinam curiosamente a estreita península. É de phantastico effeito a vacillação das sombras na areia afogueada pelos clarões da chama afumada.

Ayres Gil, um pouco afastado, com os cotovellos fincados no parapeito e a barba sumida entre as mãos, contempla aquelle expectaculo com a indolencia philosophica de homem para quem é trivial tudo o que está vendo, e o mais que adivinha. Atraz do arcabuzeiro, mestre Marçal, deprimido, agachado, encolhido, pequenino, a ponto de ficar absolutamente eclipsado pelo vulto roliço do seu amigo, espera com forçada paciencia, que este se resolva a dar-lhe attenção.

Ouvem-se ao longe, quando ha intervallo de silencio, uns eccos soturnos. São os trabalhadores adiantando as galerias. Aquellas linhas tortuosas, que avançam lentas, mas inflexiveis, contra o forte, são os preliminares terriveis da acção destruidora.

Mais de duzentos gastadores abrem caminho seguro a um exercito. A sciencia em auxilio da força dispõe com certeza implacavel os elementos do resultado.

Não póde mestre Marçal perceber porque razão, disparando de vèz em quando, troveja sómente a artilheria do forte, quando é voz geral que os holandezes vem bem providos de bombardas grossas,

de pedreiros de bater, de quartãos para defeza dos alojamentos, fallando-se ate em dois basiliscos antigos de bala de oitenta libras, que são os enlevos de Antonio de Lima. Como porém os cercadores não respondem á provocação, aproveitando-se d'esta abstenção magnanima quer o mestre tirar-se de duvidas, e para isso aguarda occasião opportuna de interrogar o amigo.

Pela primeira vez tambem assiste Vieira ás operações de um assedio, e por motivos oppostos faz reflexões analogas ás de mestre Marçal. O que no fogueteiro é curiosidade de precaução, é no mancebo estranheza da natural impetuosidade.

O commandante dos voluntarios não poudo ter-se que não perguntasse ao capitão da bandeira da nobrezâ :

— Dir-me-heis, senhor capitão, porque os hollandezes conservam mudos os seus canhões, enquanto os nossos lhes estão por vezes causando tamanho damno?

— É damno de homens, que lhes não dá cuidado,—respondeu Affonso de Albuquerque.—Sobram-lhes muitos. Estes mercadores de Hollanda são acautelados. Que lhes aproveitára atirar de longe e a descoberto?

— Para que lhes serve então esse trem, de que hontem com tanta arrogancia andaram fazendo alardo?

— Para que? Esperae, e desenganar-vos-heis.

— Esperar! E que mais hemos de esperar agora?

— O que certamente vereis. Na guerra, amigo, fazei como S. Thomé: vêr para crêr.

— Fio-vos que não se me dará de vêr.

— Ninguém vol-o duvida.

— Quizera porém instruir-me, já que por emquanto nos não dão muito que fazer.

— Esperae tambem, e sobrar-vos-ha trabalho.

— Isso, para o crêr, não é preciso vel-o.

— Em que vos desejaes pois instruir, senhor Vieira?

— No muito que ainda ignoro por inexperiente.

— Dir-vos-hei que me tenho andado por uma escola, onde ao menos se aprende depressa.

— Não a sei eu melhor do que a do nosso capitão-mór. E haveis fama de ser digno discipulo de tal mestre.

— Quereis provar-me, senhor Vieira, que tão estremado sois em cortezia como em feitos de guerra? Dizei o que desejaes aprender. Se a vossa instrução depender de mim, não vos desgostarei por mingoa d'ella no que souber. E não m'o agradeçaes. Cumpro n'isto as ordens de meu senhor irmão, que muito particularmente vos recommendou aos meus cuidados.

— A s. s.^a, e a vós, senhor Albuquerque, beijo as mãos por tal mercê. E acceito. Para começar, peço que me ponhaes a limpo o motivo que tem tido os hollandezes para andarem todo o dia cavando a areia, enterrando-se pelo chão, lidando ora n'uma

direcção, ora n'outra, em vez de virem direitos a nós, como eu esperava. Pois não é perderem tempo? Para que trazem elles todo esse poder de gente e bombardas?

— Prazem-vos as parabolás?

— Conforme.

— As parabolás explicativas, bem entendido?

— Basta serem explicativas para me prazerm. Sempre ouvi dizer que o exemplo...

— É o modo melhor de esclarecimento. Ora pois, tomae bem conta no que vos digo.

— Isso não precisaes recommendar-m'o.

— Heis já olhado com attenção para um formigueiro?

— Dizeis?

— Pergunto se já tendes observado um formigueiro? Não faltam elles ahí.

— Confesso, com todo o respeito que vos devo, que não atino... O que póde ter um formigueiro com...

— Com os hollandezes? Atinareis já. Dizei: tendes observado?

— A fallar a verdade nunca puz n'isso maior attenção.

— Fazeis mal, senhor Vieira, fazeis mal. Muito se aprende no estudo dos animaes.

— Mesmo das formigas?

— Principalmente das formigas. Sabereis pois...

— Repararei agora.

— Sabereis pois que as formigas trazem tambem suas guerras e contendas...

— Já o tinha ouvido.

— Exactamente como os homens. Um mal é a guerra, mas não mal privativo da especie humana.

De si para si julgou Vieira excessivo o rigor critico do capitão da nobreza. Se geralmente era um mal a guerra, podia em certos casos ser um bem. Por exemplo: se o fizesse alcançar a mão da linda menina de Berenguer.

Affonso d'Albuquerque proseguiu:

— Como vos ia dizendo, as formigas, que são animaes mui bellicosos, apezar de pequenos, trazem frequentemente discordias, e chegam ás vezes a dar batalhas.

— Batalhas até! Sabe-se a causa?

— As causas. As mesmas tambem que armam os homens. Um bando tem mais, outro menos; estreitezas de umas, cubiças de outras. Succede que um formigueiro esfaimado sabe pelos seus exploradores...

— Teem exploradores as formigas?

— E sobre modo diligentes e perspicazes. Sabe pelos exploradores que ha nas visinhanças um formigueiro munido de bons celleiros, e farto de provisões para mantimento da tribu que o habita. Estes celleiros... Já de certo os tereis visto quando se levanta um chão novo para abrir os motombos da mandioca.

— Assim é.

— Estes são os cubiçados... Parece-vos curioso?

— Curioso! Curiosissimo.

— Sabeis o que fazem então as formigas esfaimadas, querendo utilisar para si os bastimentos das formigas que vivem na abundancia?

— Apoderam-se do formigueiro abastado.

— Agora vereis de que maneira. Como estes insectos são de seu natural industriosos e sagazes, aproveitam a hora em que os inimigos repousam, e levantam um conducto de terra, de tal arte construido que por elle de momento para momento se lhes aproximam.

— Sem perigo?

— Com o menor perigo possivel.

— E as de dentro não se defendem?

— Defendem. Fazem até sortidas, em que se pelleja encarniçadamente de parte a parte, umas para resguardarem as riquezas do peculio, outras para se apossarem da presa disputada. Nas tayocas do matto é isto vulgar, e admira que, sendo tão caçador e tão costumado a correr e pousar por maninhos, não tenhaes dado ainda por taes brigas.

— Por minha fé que d'aqui em diante nunca mais deixarei de olhar e observar.

Começava o mancebo a comprehender, e com effeito achava, não só bom sabor de curiosidade, mas grande cópia de instrucção na parabola, ou, antes, no capitulo de historia natural do capitão.

— O conducto — ponderou Vieira — vem a servir para acautelar os insectos que avançam, não?

— Justamente. Ora, como os que se defendem não pôdem pelejar sempre, os que atacam, sendo ordinariamente mais numerosos, nos intervallos adiantam o seu tubo, ou galeria, d'onde pôdem facilmente rechazar os que pretendam estorvar-lhes o trabalho. Percebeis?

— Vou percebendo.

— Não era para um moço de agudo engenho, como sois, deixar de entender tão claras praticas. D'esta fórma, vão pouco a pouco os sitiantes estreitando os sitiados, até que, chegando-lhes ás defesas, lh'as desmancham e arruinam, entrando-as com muito mais facilidade.

— N'esse caso estamos nós como as formigas que defendem os celleiros?

— Pouco mais ou menos.

— E os hollandezes ir-nos-hão estreitando até nos poderem atacar a salvo?

— A salvo não digo.

— Isto é, com menos risco e mais certeza?

— Isso sim. Com certeza inteira.

— Occorre-me agora uma duvida. As formigas, que eu saiba, não teem armas de arremesso.

— Não tem; reflectis bem. Que inferis d'ahi?

— Figura-se-me que esta circumstancia diminue um pouco a força da parabola e ha-de alterar a conclusão d'ella.

— Nem por isso.

— Por que?

— Ha uma pequena differença, mas o resultado é o mesmo.

— O mesmo?

— Ordinariamente. Tendes curiosidade de saber por que fórma?

— Pois não vos peço que vos digneis completar a minha instrucção!

— Eu vos digo a differença. Havendo nas batalhas de homens... entre nós e os hollandezes por exemplo...

— Não o ha mais a proposito.

— Havendo nos nossos combates essas armas que chegam longe, taes como a artilheria...

— Justamente, a artilheria.

— A differença é só que os hollandezes, em vez de alongarem o seu tubo até á entrada do formigueiro... até á cortina do forte, quero dizer... param por ahi a distancia de meio tiro de canhão, e chegando a esse ponto, no nosso caso direi sempre, uma noite lhes basta para levantarem as suas baterias e plantarem os seus pedreiros e mais peças de bater.

— De sorte que...

— De sorte que, em pouco tempo, como estes tiros de perto são certos e destruidores, as muralhas que nos cobrem desabam em escombros, e convertem-se em rampa, ou talude, por onde elles po-

dem marchar ao assalto, como quem sobe uma encosta. Nas praças de maior força, com obras regulares e fortificações exteriores, é o caso mais complicado. São necessarias circumvalações extensas, parallelas, caminhos cobertos, e praças d'armas. Preparam-se mantas, levantam-se tranqueiras, escavam-se minas, arredondam-se meias luas, aparelham-se bastiões e fortins. Uzam-se de parte a parte muitas invenções e engenhos. Dispoem-se e armam-se baterias de varia feição e traça; já enterradas, já cruzadas; estas de enfiar, aquellas de revez; umas á escarpa, outras á barba. Tanto que se vão chegando e aproximando, abrem-se-lhes fossos, e correm-se-lhes parapeitos, conforme á sua qualidade. Fazem-se enfim trabalhos solidos, e não bastam só gabionadas, como essas que estão empregando ahí os hollandezes, mais expeditas é verdade, mas pouco seguras. A final porém tudo vem a dar no mesmo. É uma proporção e um calculo. Dia mais, dia menos, tanto vale... Que vos parece a minha parábola?

— Que é como as da escriptura. Sem embargo... estão-me ainda remordendo uns pequenos escrúpulos, que por seguro tenho a vossa bondade desculpará!

— Dizei: para saber bem, é necessario saber tudo.

— E com quem tão cabalmente sabe ensinar, gosto é aprender.

— Dizei, dizei.

— Não poderiam os hollandezes varejar-nos assim mesmo de longe... quando mais não fosse, para favorecer os seus trabalhadores incommodando-nos?

— Dizeis bem, e em assedio mais formal não o dispensariam. Collocam-se para isso baterias na circumvallação; mas sempre levam tempo, e é preciso haver no terreno elevações que favoreçam esta disposição. Estão apressados os homens, e vão só ao essencial. O ser a lingueta em que nos attaccam um plaino, e toda ella areal, não dá muito para taes obras, nem o forte pede tantas precauções. O que elles querem é vêr as muralhas em baixo e os homens descobertos. Deixae-os chegar ao ponto desejado, e notareis como esses canhões, cujo silencio vos dá que pensar, fallam alto e claro.

— Que fallem: responde-se-lhes.

— Responde; mas elles bradam por muitas bocas e pôdem muito bem calar-nos. Quem mais grita mais razão tem, não sabeis? Chama-se a isto abrir brecha. Para ahi se guardam os nossos hereges de Hollanda.

— Dessa forma estaremos a descoberto em pouco tempo.

— É possível.

— Amanhã?

— Amanhã ou depois. Não se póde dizer bem; mas não tardará.

— E para abrir brecha bastam...?

— Horas, ás vezes. Segundo a força das muralhas e o numero e qualidade dos tiros.

— Penso .que não teremos então que esperar muito.

— Pensae, pensae: é prudente.

— Outra observação.

— Ouvirei.

— E porque não seguem os hollandezes uma linha recta? Seria mais breve do que virem ás voltas e rodeios... se é que me não engana a distancia.

— Não vos enganaes certamente. A razão é naturalissima: em linha recta, bastaria apontar-lhes um canhão bem á bocca da galeria para lhes varrer quanto lá estivesse... A isto se chama enfiar. Assim de lado... de revez dizemos nós... em vez de atirar aos homens, temos de atirar á trincheira, e a gente lá anda e communica por dentro com menor perigo.

— Ah!

— Nada ha tão trivial.

— Quanto mais viver mais aprender, senhor capitão. E não se lograria de algum modo impedir esses malditos conductos?

— Faz-se o que se póde, como vêdes. Nem por isso deixam de continuar. São teimosos estes homens do Norte. De vez em quando lá se lhes desfaz um lanço de obra, e sempre atraza. É o mais que podemos conseguir... Agora por exemplo... Olhae!

XII

**Em que mestre Marçal satisfaz
as suas curiosidades, e Vieira continúa a sua
instrucção**

Antonio de Lima estimulava micer Arnau e ordenava as pontarias. Duas balas successivas, recochelhando no isthmo e levantando nuvens de areia, tinham profundamente cavado a trincheira. A terceira derribou um bom pedaço da galeria, sepultando muitos dos obreiros. Estes effeitos apontava Affonso d'Albuquerque ao mancebo.

Ayres Gil observava-os tambem. Ao ver o reboço que ia entre os hollandezes, voltou-se esfregando as mãos, e exclamou com ares de satisfação profunda :

— Bom ! Uma hora de trabalho mais, e um par de hollandezes menos !

Ouvira mestre Marçal que os antigos tinham pin-

tado calva a Occasião, e com uma só madeixa no tou-tiço : lançou-se avidamente á madeixa da Occasião.

— Senhor Ayres — disse — não me explicareis vós por que razão vos mostraes tão contente?

— Porque?

— Não se me dava de saber.

— Vinde cá.

— Eu!

Mestre Marçal recuou aterrado.

— Vinde, — continuou Ayres, travando-lhe do braço, e approximando-o do parapeito, apesar das suas desesperadas resistencias.

— Jesus! Santo nome de Jesus! — soluçou a tremer o fogueteiro, passado só com a idéa de deitar a cabeça fóra da muralha.

— E se os hereges atiram?

Ayres Gil encolheu os hombros.

— Olhae, mestre — insistiu.

— Para que?

— Provavelmente para vêr. Não ha perigo, homem... se é que sois um homem, o que eu duvido.

Mestre Marçal, sem se indignar com os desdems vilipendiosos do arcabuzeiro, estendeu cautelosamente o pescoço por cima do hombro de Ayres.

— Que observaes? — interrogou este.

— Nada.

— Nada! Repare bem.

— Oh!.. esperae... Vejo lá em baixo, lá ao longe, uns vultos... bastantes por signal...

— Bons olhos tendes, mestre Estouro.

— Assim como se fôra mó de gente a rolar barris...

— Cestões.

— Credo! — bradou n'isto o fogueteiro mergulhando atraz do seu amigo.

Tinha batido outra bala na face da trincheira que os hollandezes procuravam consolidar. Material e gente padecêra novo estrago. O coração sensível do mestre não era para taes espectáculos.

— Credo! Virgem Maria Santissima! — repetiu elle persignando-se horrorisado.

— É isso mesmo, — tornou fleugmaticamente o arcabuzeiro.

— Isso mesmo, o que? — interrogou mestre Marçal sem o entender.

— Não n'os vedes a bracejar e a revolver-se como endomoninhados que são? Agrada-lhes pouco a festa, pelos modos... Isso desejaveis saber provavelmente.

— Retiram? — acudiu o credulo mestre, acolhendo uma subita esperança.

Ayres fitou-o attonito.

— Retira! quem?

— Os hereges.

— Retiram! Pelo contrario, avançam.

— Ai!

Mestre Marçal sentou-se desfallecido na banquetta.

— Descançae — proseguiu Ayres. — Teremos um

ou dois dias. Não arremete essa gente contra cortinas e bastiões, como mestre Marçal se acolhe ás pipas... ou um láparo á toca. Hemos-de-lhes dar ainda que fazer.

Muito mais do que todos os epigrammas desagradou ao mestre aquella expressão collectiva.

Desmaiara-se de todo o honrado fogueteiro com a palavra «avançar», interpretando-a á letra. Socegou algum tanto sabendo que o risco maior não vinha immediato.

São assim os pusillanimes, se não é que em todos o bem proximo faz esquecer o mal remoto.

— Asseguraes-me então que não ha perigo... por ora?

— Não ha, não, mestre, — retorquiu Ayres. E agradecei a Deus quando o houver.

— Porque? — perguntou mestre Marçal espantado, não vendo em tal successo nenhum motivo para acções de graças.

— Porque! Porque estareis em companhia de gente honrada e de esforço... o que, entre nós seja dicto, mestre, nem por isso merecieis. Todos hemos de morrer; e a melhor morte para um homem é cair de cara para o inimigo, principalmente quando os inimigos são uns scismaticos e hereges, como esses de Hollanda. Assim acaba em serviço de Deus e da sua terra. Verdade é, mestre Estouro, que não sois homem senão na figura... e ainda essa!...

Mestre Marçal, como dito fica, não se offendia

excessivamente com os sarcasmos do arcabuzeiro. Em compensação as suas maximas philosophicas eram-lhe soberanamente antipathicas.

— Pague-vos Deus ! Quero antes viver só do que morrer acompanhado,—resmungou o mestre, abaixando cautelosamente a voz, e dando as costas como enfadado.

Não tinha elle ido ali unicamente para se distrahir em colloquios. Sabia quanto lhe importava saber. Podia ainda dormir uma noite descansado. Não queria averiguar mais.

Continuava entretanto a conversação entre Vieira e Affonso d'Albuquerque.

—Com effeito—dizia o primeiro—agora entendo para que são todas estas delongas e trabalhos. Que-reis que vos diga uma coisa, senhor capitão ?

—Folgarei de ouvir.

— Grande arte é a arte da guerra, não o negarei eu : confesso-vos porém que me ferve o sangue quando vejo com estes artificios zombar friamente do esforço maior e do maior coração ! Parapeitos ! e aproches ! e trincheiras ! Porque se não ha de a contenda decidir braço a braço e rosto a rosto ? Que bastiões e que machinas valem um peito valoroso e uma boa causa ? Acobertar-se da morte quem póde ir desafial-a de olhos fitos e cabeça levantada ! Ah ! senhor Affonso d'Albuquerque, essas artes...

— Não digaes mal d'ellas : se servem para o ataque, servem tambem para a defeza.

— Não affirmaes que os hollandezes nos hão de entrar?

— É quasi certo... salvo sómente um caso.

— Que caso?

— Caso Deus nos mande um esquadrão de anjos a pelear por nós, como já tem succedido, ou ponha tal medo a esses hereges, que elles dêem a fugir sem mais tir-te nem guar-te. Seria na verdade providencia, e um christão nunca d'ella duvida. Direi todavia que me parece pouco provavel.

— Não me déstes tambem a entender que se podia calcular dia a dia a resistencia da guarnição mais valente?

— Dia por dia e hora por hora.

— Isso é. Por tal modo espreita um inimigo sem piedade a agonia e as convulsões desesperadas de uma pobre cidade, ou fortaleza, lentamente suffocada entre os braços disso a que chamaes arte. É quasi como o verdugo a contar os suspiros da victima.

— Nem tanto assim. A victima ás vezes decepa os braços ao verdugo. Ha combate e ha lucta. Hoje por vós, amanhã por nós... Como inexperiente e mancebo fallaes, senhor Vieira. O entendimento multiplica a força. Pois não é em tudo assim? Olhae para vós mesmo. Ousado e vigoroso sois. E só na força do braço e na justiça da causa vos confiaes? Não: exercitaes-vos nas armas e medis os golpes. Sentis uma coisa grande que de dentro vos incita

e vos inspira. Isso faz os heroes e os capitães ; e isso é mais do que valor. Justiça, cada qual a julgar, ou a pinta a seu modo...

— Justiça, como deve ser, uma só.

— Para Deus. Para os homens é como a fazem. Por isso ha guerras... e estas artes. A sciencia dos cabos é a alma dos exercitos. Tendes tambem outro exemplo em Antonio de Lima. Haverá mais esforçado homem, e mais amante da sua terra?

— Não ha, de certo.

— Engeita elle comtudo os artificios que podem resguardar os seus e offender os contrarios ? Expôr vidas... ou a vida... quando se pôde dispensar, é louca temeridade ; é um crime contra a patria, por ser inutil sacrificio, que depois vem a fazer falta na occasião opportuna... Não me interrompaes .. Sei já que o fizestes, e fizestes mal. Verduras são de mancebo, de que nos annos maduros vos heis-de arrepender. Admiram-vos : está satisfeito o orgulho. Descei porém ao coração : que vos diz a consciencia ?

Ficou profundamente pensativo o mancebo. As reflexões de homem luctavam com os impetos do sangue e as ardencias da mocidade.

Em quanto elle calava e reflectia inclinado, contemplava-o Affonso d'Albuquerque affectuosamente, estudando-lhe na intelligente physionomia o effeito da advertencia.

Passados instantes, Vieira alçou o rosto, e proseguiu :

— A proposito.

— O que?

— Uma lembrança.

— Uma lembrança vossa ! Dizei.

— Pois que os hollandezes poem tanto empenho em adiantar os seus trabalhos, o nosso hade ser... deve ser estorvar-lh'os.

— Já vos disse que sim ; e, se não me engano, expliquei-vos...

— Perdoae, senhor capitão. Bem sei que me não cabe dar conselhos onde estão pessoas de tanta auctoridade e experiencia. Se digo o meu parecer... com licença vossa... é para melhor me instruir.

— Podeis fallar.

— Digo eu que, além da artilheria e dos outros artifícios, ha, supponho, alguns modos, não só de impedir o que se está fazendo, senão de desfazer o que está feito.

— Dizeis bem : ha.

— Uma boa sortida, por exemplo. Da vossa parabola creio ter percebido que as formigas sitiadas muitas vezes as faziam.

— Muitas vezes. Um modo é, com effeito ; talvez até o modo mais efficaç. D'isso porém, concordareis, nem vós nem eu somos juizes.

— Assim é.

— E não seria demasiado arrojo, com tão di-

minuta guarnição, ir affrontar todo esse poder?

— Que nem todo está sobre as trincheiras. Elles não podem vigiar juntos, nem esperar sempre. Menos eramos nós aqui no primeiro ataque, e todavia...

— E todavia fostes o primeiro que saistes, sem pensar no numero.

— Oh então o inimigo ia rôto.

— Ainda assim, tanto vos adiantastes, que só fizestes esquecer a grandeza da imprudencia com a grandeza maior do vosso animo.

— Não dizia isto agora para...

— Para repetir o que todos confessam? Bem sei. A vossa lembrança não é para desprezar.

— Nem ha de ser desprezada! — interrompeu Antonio de Lima, que se approximara sem que o presentissem os dois entretidos na palestra.

XIV

A sortida

Acompanhava o governador um dos voluntarios, que haveria uma boa hora o seguia como sombra.

Vieira, com o enleio de ter sido escutado por tal homem, balbuciou algumas desculpas.

— Observando se aprende; perguntando se sabe — disse Antonio de Lima. — Boa é a vossa lembrança, senhor Vieira: mas estava prevista e prevenida. Escutae.

Fitou o governador os olhos no rio. Ouvia-se daquella banda um sussurro prolongado, que não era nem o correr d'agua, nem o ramalhar das arvores, e tão tenue, tão tenue, que ninguem lhe dera maior attenção.

De repente cortou os ares um grito doloroso e

penetrante: soava da margem opposta, e repeliu-se por tres vezes a espaços irregulares.

— Ouvis? — perguntou Antonio de Lima aos dois.

— É o pio do camiquii—acudiu Vieira, sorrindo como familiar com todas as vozes da floresta. — Nenhuma ave se ouve tão bem e tanto a miude pela calada da noite.

Antonio de Lima sorriu tambem.

— Respondei — ordenou ao voluntario.

O voluntario reproduziu o grito, modulado tão exactamente, e com tal perfeição imitado, que asombrou o proprio Vieira, apesar da sua pratica n'estes estratagemas.

No mesmo ponto, o governador, voltando-se para o irmão do capitão mór, disse-lhe naquella voz resoluta e imperiosa, que lhe era costume em occasiões decisivas.

— Senhor Affonso d'Albuquerque, tomae a companhia da vossa bandeira. Mais trinta homens vos esperam promptos na praça de armas. Tudo está disposto e apercebido. Saí em silencio, avança e prestes, e dae rijo sobre os hollandezes. De nada mais cuidareis. Golpeae, acossae, destrui, talae. Que fique inutil quanto estiver feito. Segundo o que for occorrendo, vos mandarei novas ordens. Amanhã será talvez um dia de gloria!

— E eu, senhor governador? — disse Vieira scintillando-lhe os olhos.

— O vosso lugar é na bandeira do senhor Affonso de Albuquerque.

Insigne era o favor, quasi uma nobilitação. Vieira estremeceu de enthusiasmo e orgulho com a idéa de se approximar assim a D. Maria Cezar.

Tinham sido os fogaréos successivamente apagados por ordem do governador. A mesma artilheria afrouxou, como se o cançasso houvera rendido as forças á guarnição, e esta quizera restaurar as forças descansando.

Minutos depois, cincoenta homens escolhidos, com Affonso de Albuquerque e Vieira á frente, galgavam calados o espaço tenebroso, investindo aos aproxes.

Em quanto os do forte marchavam com impeto contra as companhias dos gastadores hollandezes, troou, além do rio, um brado immenso e temeroso, que mal se tomara por humano.

— Temos novidade grande—communicou Vieira em voz baixa ao capitão da nobreza, apressando ambos o passo.

— Parece que temos—respondeu este do mesmo modo.

— Conhecestes ?

— Conheci.

— É o grito de guerra das taboyares, não ?

— É. E direi mais, é o Potyguarassu em pessoa.

— O grande chefe das serras da Ibiapaba ?

— Elle mesmo.

— Quem o havia de esperar nas margens do Biberibe!

— E os missionarios?

— Dizeis bem: os missionarios nol-os trouxeram. E não é soccorro para desprezar, sabeis?

— Se sei. Em os hollandezes vendo aquellas figuras horrendas!...

— A estranheza das figuras é o menos. E a agili-
dade com que salteam o inimigo! E a destreza
com que meneam suas armas terriveis!

— Lembraes-vos do que Antonio de Lima nos disse? «Amanhã será talvez um dia de gloria!»

— Lembro, e cuido que já o entendo. Anda aqui a mão do sr. capitão mór.

— Estou que vos não enganaes. Vamos a ver. Calemos agora. Hemos de estar perto.

Um tiro de arcabuz interrompeu o dialogo. As avançadas hollandezas davam signal de ataque por este lado. Mais ao longe andavam já em rumor os seus arraiaes.

O troço de sortida caiu como um vendaval sobre os trabalhos dos sitiadores. Levavam todos os do forte uma cruz branca no peito para se distinguirem e mutuamente se não offenderem na obscuridade. N'um relance foram as primeiras obras entradas e destruidas.

Vieira saltou os aproxes, primeiro que ninguem, como se quizera demonstrar ao capitão da nobreza, não só como era digno de figurar na sua bandeira,

senão como era capaz de confirmar na pratica as theorias que pouco antes desenvolvera.

Tinham sido os hollandezes tão de subito colhidos, que nem tempo tiveram para fazer uso de dois sacres, assestados nas obras para repellir quaesquer aggressões desta ordem.

— Temos reforço de artilheria para o forte — clamou Vieira vendo-os.

E com admiravel accordo e desembaraço fez rapidamente transportar para o sopé das muralhas as duas pequenas peças, tomadas logo no principio da refrega

Ajudava o feito o tumulto que ia entre os hollandezes. Não era este sem causa. O grito dos gentios taboyares chamara a attenção para o lado do rio. Seguiu-se logo o impetuoso ataque dos homens da sortida.

No mesmo ponto ouviu-se o baque de muitos corpos que se arremessavam á agua. Não sabiam os sitiadores por que ponto eram deveras ameaçados. As guardas das trincheiras, distrahidas, perplexas, receiosas, hesitando entre a frente e o flanco, onde mal haviam supposto risco, desordenaram-se facilitando a acção aos do forte.

Mathias de Albuquerque tinha imaginado e executava um rasgo de grande atrevimento. O pio, que se ouvira no forte, era, como já se terá entendido, signal previamente concertado entre o capitão mór e o governador.

Conhecia bem o primeiro a posição dos hollandezes. Fundamentando neste conhecimento o seu plano, reunira rapidamente as companhias da milicia, alguns poucos soldados veteranos, que lhe haviam ficado no Recife, e aggregando-lhes a tribu guerreira dos gentios taboyares, chamada em auxilio da capitania, lograra fazer um corpo de 700 homens, pouco mais ou menos. Com elles traçara assaltar de improviso os arraiaes de Vanderburgo, dispersar as suas forças, recobrar Olinda, e inutilisar assim todas as vantagens dos invasores.

Audaz em extremo era o projecto, e ao mesmo passo prudentemente combinado. Tão profundo fôra o segredo das operações, que os hollandezes, ainda pouco praticos do pais, não se temiam nem se acautelavam senão do forte. Atacados simultaneamente de frente, de flanco e pela retaguarda, de pouco lhes serviria o numero, no estreito logar em que seriam forçados a concentrar-se.

Uma circumstancia favorecia especialmente a empreza. O Biberibe, apesar do seu vulto, era em algumas épocas e em certos pontos vadeavel na baixa mar. Onde mais se espraiaava, mais facil transito offerecia aos conhecedores dos vaus, aproveitando bem a oportunidade. Isto ignoravam os hollandezes, que se julgavam guardados pelo rio, muito mais não havendo no Recife meios de transporte capazes de os inquietar. N'isto punha tambem o capitão mór a sua maior confiança.

Medindo tudo, ordenara elle a cada um o seu posto. Na noite antecedente alguns taboyares, com a subtiliza de selvagens, haviam explorado os vaus. Estavam fixadas as horas para a marcha das diversas columnas, determinada a posição de todas, e advertida a respectiva obrigação. Quanto a humana prudencia podia prever, fôra previsto.

O resultado da tentativa dependia, como é obvio, da celeridade e vigor da execução, do perfeito accordo das combinações, da exactidão e pontualidade no desempenho.

A multiplicidade e simultaneidade dos ataques poria certamente em alvoroço o campo hollandez. Vindo o accommettimento principal da parte menos guarneçada e vigiada, maior seria necessariamente a turbação augmentada com as trevas, e mais facil a derrota dando a impetuosidade e arrojo assignalada primazia sobre o numero, a regularidade e a disciplina.

Seria incontestavelmente um dia de gloria o dia immediato, e não era temeridade esperal-o.

Comprehendêra o capitão-mór que nas suas circumstancias, com os elementos que tinha, o com tanta desigualdade de forças, esta era a guerra que podia iniciar com esperanças de exito. Para operações regulares faltavam-lhe tropas amestradas. Em subitas empresas aproveitava tudo, a ignorancia local do inimigo, o conhecimento que tinha do territorio, o valor pessoal da sua gente e as espe-

ciaes aptidões della. Servia-se ao mesmo tempo dos auxiliares gentios, quasi inuteis n'uma campanha tactica e formal, mas admiraveis para as emboscadas do matto, como convinha á natureza do paiz e á occasião.

Em toda a parte, e em todos os tempos, os generaes experimentados e prudentes procedem de egual modo na defensiva, contra um invasor novato, bem que mais numeroso. A superioridade d'este é muitas vezes neutralisada e destruida pela pratica do terreno, e immediato emprego de poderosos instrumentos de acção, ignotos ao inimigo. Para que taes instrumentos sejam efficazes cumpre utilisal-os, antes que esse inimigo os conheça e os estude, antes que os aniquille ou em seu serviço os organise, se é habil.

Sabia o capitão mór bem a fundo estas maximas, e por isso se apressara em dispor emprehendimento tão decisivo, certo de ganhar com a presteza meia victoria; não menos certo de que seria depois mais difficil, principalmente tendo por competidor um capitão como Vanderburgo, que tambem por sua parte não esperdiçava expedientes.

Tendo livre pelo Recife as communicações com o forte, Mathias de Albuquerque passára, como se viu, particulares avisos, e ordens minuciosas a Antonio de Lima. Já tambem se sabe que homem era este para as cumprir, e para entender em quanto lhe fosse incumbido.

Antonio de Lima preparou em segredo tudo o que á sua parte cabia: e com tal arte e precaução o fez, que, não só os hollandezes não presentiram o menor indício, mas até os do forte de nada souberam senão no proprio momento.

Era o systema ordinario do governador. Por isso já ninguem se admirava, nem lhe fazia perguntas indiscretas.

Desde o anoitecer se não tirara elle do baluarte que dava para o rio, e por mais de uma vez mostrara signaes de impaciencia como se lhe tardasse coisa esperada. Só fora elle interromper a conversação de Vieira e Affonso d'Albuquerque depois de verificar bem o que d'aquella banda se passava, circumstancias que todas denotavam a prosecução obstinada n'uma idéa fixa. Como porém não havia quem tivesse a confiança de lhe inquirir ou commentar as idéas, o caso não parecera singular, e se houve observações ficaram ineditas.

Cumprê agora dizer como estas impaciencias do governador não tinham sido sem causa.

Estava ajustada a hora em que tudo havia de achar-se prestes para a sortida. Aquella hora havia de ouvir-se o combinado signal, de que tambem temos já conhecimento.

Essa hora passou, passou sobre ella outra, e o signal sem se sentir!

Se o governador estaria, ou não em cuidados! Havia demora, e sabia a importancia d'ella. De

que procederia? Ter-se-hia transtornado o plano? Mudaria o capitão-mór de intenção?

Nada d'isto. Retardara a marcha um pequeno incidente, pequeno e insignificante, d'aquelles que são vulgares na vida, mas na guerra muita vez desastrosos.

Uma companhia de milicia, chegada de mais longe e menos conhecedora do terreno, por impericia do guia, ou por ser grande o escuro, perdera-se do trilho indicado. A poucos passos estava embrenhada no mato.

Dando o guia pelo engano, procurou orientar-se, dobrando o passo para restaurar o tempo perdido. Seguia-o a companhia impaciente.

Aconteceu porém o que sempre acontece, quando as instancias do tempo tiram o accordo e reflexão. Quanto mais os milicianos procuravam acertar a direcção perdida, mais se transviavam no denso labyrintho do arvoredor, onde era morosa e difficil a marcha por entre os liames dos cipós e a aspereza dos espinhaes bravos.

De repente viu-se a companhia por todos os lados cercada como de phantasmas, que sem rumor lhe surgiam debaixo dos pés ou de trás das balsas.

Tinha dado na columna dos taboyares, que atravessavam directamente o mato, arrastando-se como reptis, passando por onde ninguem mais passaria, cortando ao rio sem fazer bolir uma folha, sem despertar uma suspeita, com a precaução e astucia de

homens costumados a andar pelo meio dos inimigos sem delles serem presentidos.

Tinha o capitão mór certificado aos taboyares que lhes ficaria exclusivamente aquelle caminho, só a elles facil. Vendo os gentios aquelle troço armade, imaginaram ser alguma partida nocturna de hollandezes saídos de Olinda, e rodearam-na ameaçadores. Os da companhia, desprevenidos, no primeiro impulso aprestaram as armas. Com a noite profunda e a difficuldade de se intenderem teria logar um deploravel conflicto, se não accorressem logo os padres da missão que avançavam ao combate na frente da tribu auxiliar, e se não interviesse o proprio chefe Potyguarassu, que era de todos o mais conhecido e pratico do idioma portuguez.

Explicou-se tudo de parte a parte, e as duas columnas seguiram para diante como poderam.

Este incidente porém levou tempo, e o Potyguarassu, a quem estava incumbido abrir caminho pelos vaus, pois que pessoalmente os havia explorado, chegou boas duas horas depois da aprazada.

Não parecia em verdade irremediavel o atrazo. Tanto pois que os taboyares apontaram, o capitão-mór ancioso não vacillou em dispôr os ataques e fazer dar o signal. Tarde fôra já para recuar, e cada minuto mais que se perdesse valia a provincia.

Acudiram com ardor as columnas aos pontos designados, na esperanza de rematarem com um triumpho as operações momentaneamente interrompidas.

N'isto estavam quando o troço da sortida, levado á temeridade com a visinhança do soccorro, se met-teu confiadamente pelos aproxes dos hollandezes.

Entreviam todos finalmente o projecto do capi-tão-mór, assim pela começada execução do plano, como pela agitação e prolongada incerteza do ini-migo.

O enthusiasmo, dobrando a furia, saudava mais do que a victoria, applaudia a libertação e a desaf-fronta !

XV

A maré

Disse que se haviam sentido os bâques de varios corpos no rio. Erâm alguns moços do porto, nadadores excellentes, que, menos soffridos, e vendo já do outro lado travados com os hollandezes os homens de Affonso de Albuquerque, se tinham deitado á agua fiados na sua destreza, e atravessavam denodadamente para se reunirem aos do forte, sem esperarem a passagem das columnas. Distinguia-se á frente d'estes pela corpulencia e audacia um negro herculeo, por nome Henrique Dias, um dos futuros heroes das campanhas de Pernambuco. Henrique Dias com os seus, tomando de revez a linha dos aproxes, rematou o desbarato dos hollandezes nas trincheiras mais avançadas

Entestavam as columnas resolutamente aos vaus.

O Potyguarassu, com as suas pinturas e plumagens de guerra, remetteu á principal passagem.

Avançavam ao mesmo tempo pelos outros pontos as demais hostes com os taboyares por guias. Era em todos indissolvel o ardor. Os gritos dos combatentes e os brados victoriosos, que soltavam do outro lado os do forte, electrizavam os animos, e dobravam a impaciencia aos soldados do capitão mór.

Voava este de uma a outra companhia, estimulando a todos com a voz e a presença.

A poucos passos dava a agua pelos peitos aos mais adiantados. Levantaram intrepidamente as armas acima das cabeças, e proseguiram.

A força da corrente levou um ou outro menos prudente. Os camaradas continuavam todavia sem se desmandarem.

D'ahi a pouco faltou o pé. Ao esforço e constancia oppunha-se um obstaculo terrivel. Enchia a maré.

Com o tempo perdido tinha passado o momento opportuno. Nem vau nem accesso. Por toda a parte um fosso largo, immenso, impetuoso, inexoravel.

Porfiavam os chefes desesperados. Cresciam as aguas impiedosas.

Foi rapida mas heroica esta luta silenciosa do homem e do elemento. Cederam os homens enfim: mas cederem ao impossivel. Os da frente, recuando ante o pego revoltado e profundo, imprimiram ás companhias um movimento retrogrado, que foi o pri-

meiro signal de desalento para os menos aguerridos e audazes.

Por differentes vezes e por diversos pontos tentou Mathias de Albuquerque forçar a passagem. As ondas, mais poderosas que os holandezes, sopearam fatalmente o arremesso.

Não podia resolver-se o capitão-mor a abandonar a empresa. Quizera, como Moysés, poder dividir as aguas. Não seria já um ataque subito, e as vantagens do surprehendimento estavam frustradas; contava ainda porém com a irritada energia dos seus e a furia selvagem dos taboyares humilhados.

Mas a agua a crescer, a crescer !...

Este intervallo salvou os holandezes. Vanderburgo acudiu em pessoa, reconheceu a situação, e ordenando as suas forças, restituiu a todos a confiança. Formaram-se rapidamente as coronelias de reserva, e guarneceram o isthmo fazendo frente ao rio!

Só o troço da sortida ia avante, entranhando-se pelo dédalo das linhas de aproxe, impellindo, devastando, destruindo sem descanso. Vieira e Affonso de Albuquerque davam o exemplo, rivalisando em denodo e vigor. Prostrava cada golpe um inimigo. Os trabalhos proximos do forte, derrocados pelas mãos diligentes dos voluntarios, serviam de valla aos cadaveres accumulados pelas armas da companhia da nobreza, que não dava quartel. Os soldados das guardas, e os gastadores desaccordados caíam como espigas ceifadas sob as largas espadas

e os piques afiados dos soldados de Albuquerque. Os primeiros, recuando sobre os supportes, baralhavam-se com elles acrescentando o numero das victimas.

A propria mosquetaria lhes era inutil, porque tão travados andavam todos, que se não podera fazer uso d'ella sem igual risco para uns e outros. Os poucos hollandezes que faziam frente ainda, mostravam cada vez maior freuxidão, olhando continuamente para a outra margem, d'onde os ameaçavam novos e incognitos perigos.

Vanderburgo em breve reconheceu a impossibilidade com que lutava Mathias de Albuquerque, e, mais socegado d'ali, tornou-se com desassombro para o ataque da frente, que lhe dava menos cuidado. Fazendo voltar o rosto aos fugitivos, reforçando-os, e envergonhando-os do panico affrontoso, restabeleceu o combate.

Como era natural, aquella molle desproporcionada começou a oppôr um dique insuperavel aos heroicos aggressores. Alguns tinham já caído. Por mais que os outros ferissem e carregassem, já não podiam avançar: levantava-se-lhes diante um muro de ferro.

Avivando-se a resistencia e não apparecendo o soccorro, o corpo de sortida esmoreceu. Notou isto Vieira, e quiz observar o que detinha o impulso dos seus. Subindo a um morouço feito pelos escombros da trincheira alongou os olhos pelo isthmo. As filas

dos hollandezes iam-se condensando em batalha cerrada e profunda. Avultava na rectaguarda d'estes uma palanca de estacaria e terra. Ali tinham os sitiadores abrigada a artilheria grossa, destinada a prostrar as defezas do forte, duas colubrinas bastardas, das que eram usadas em Flandres, e alguns pedreiros. Estava tambem já disposto um petardo.

A pouca distancia rodavam tres quartaos, que Vanderburgo fazia diligentemente approximar da margem para varejar o lado opposto, onde as companhias do capitão mór se apinhavam retrocedendo.

Comprehendeu o mancebo n'um relance o intuito do general hollandez, e occorreu-lhe a insensata heroicidade de se apoderar tambem d'aquellas peças.

— A'vante!—bradou, lançando-se abaixo do pedestal fumegante, e investindo novamente com mais furia do que nunca.

Aonde o seu braço alcançava abria-se uma larga brecha na turba compacta. Recuaram-lhe na frente os hollandezes, e começaram a executar um movimento que parecia de retirada.

— Aos canhões, aos canhões!—continuou Vieira entusiasmado com este exito, atirando-se para diante como um leão.

Um braço possante—e bem possante devia de ser para detel-o—puxou-o vigorosamente para trás.

— Quem se atreve...—gritou o mancebo voltando-se attonito e enfiado de colera.

— Eu,—tornou-lhe rapidamente Affonso de Albuquerque, sustendo-o com a mão esquerda, em quanto com a direita vibrava um bote furioso a um official frisão, que, vendo o acto, arremetia para elle com a espada feita.

Os hollandezes não recuavam, apartavam-se aos lados.

Vieira, entre respeitoso e irado, indicando as peças clamou para o capitão da nobreza, que mais o tratava por amigo do que por inferior:

— Se chegamos ali... que presa!

— Se d'aqui passaes, nenhum de nós volta ao forte — retorquiu Affonso de Albuquerque apontando para a outra margem.

Distinguiam-se effectivamente, á claridade da lua que n'este intervallo se levantara, as longas columnas das milicias e dos gentios retirando lentamente para o mato.

Vira enfim o capitão mór a tentativa irremediavelmente baldada. Que faria elle em expôr esta gente sem utilidade nem resultado ao fogo dos hollandezes apercebidos?

Aos da sua hoste que, segundo vimos, tinham posto pé na restinga dando e recebendo feridas temerosas, ficou inutil aquelle esforço parcial sem ordem e sem concerto. D'estes temerarios o maior numero succumbiu. Lograram alguns romper até se unirem ao troço de sortida. O resto só poudé achar salvação arrojando-se de novo ao rio. Foi d'estes o

valente Henrique Dias, que só desistiu do combate quando se viu desamparado.

— O que podíamos fazer, está feito: retiremos, — acrescentou Affonso de Albuquerque.

— Retirar, senhor capitão! — tornou Vieira quasi indignado.

A qualquer outro não soffrera de certo Affonso de Albuquerque a observação, e menos o tom. A Vieira contentou-se com responder:

— Somos necesarios ainda. Ordeno: obedecei! Fazei como eu, e vereis se é vergonha retirar.

Foi o colloquio instantaneo, como o não pôde ser a descripção.

Entretanto, os hollandezes, ao mando dos seus officiaes, effectuavam o movimento acima referido.

Affonso de Albuquerque, fallando, não perdia de vista aquella evolução. Reuniu rapidamente a sua pequena força, que, por ser pequena, mais prompta e facilmente manobrava.

— Aos lados, amigos — clamou — e nem uma duvida!

Imitava exactamente o inimigo!

As duas columnas contrarias extremaram-se e abriram-se quasi simultaneamente. Atrás das filas divididas dos hollandezes appareceu em linha um troço consideravel de arcabuzeiros.

Saiu d'esta muralha viva um turbilhão de fumo e fogo, e passou com o vendaval dos pelouros varrendo a lingueta.

A vivacidade e pericia do capitão salvaram metade da gente do forte, que certamente seria victima da inesperada descarga. Assim mesmo alguns foram alcançados pela tempestade de ferro e caíram gemendo.

— Levantar os feridos, e marchar,—bradou intrepidamente Affonso de Albuquerque.

Vieira reflectiu que effectivamente a arte da guerra tinha suas utilidades.

— O capitão da nobreza, voltando-se para Vieira acrescentou:

— Agora vereis como se retira!

Unindo-se de novo, os hollandezes carregaram os do forte, na esperança de vingar os anteriores desastres e de colher prisioneiros. Affonso de Albuquerque porém, não era homem que se turbasse na occasião, ou a quem pozesse medo o numero. A aggressão achou já, tomando-lhe o passo, a bandeira da nobreza com Affonso de Albuquerque e Vieira.

A retirada seguiu na melhor ordem pela fôrma seguinte.

Iam na frente alguns voluntarios conduzindo os feridos. Após estes, marchava um pelotão de arcabuzes, que de espaço a espaço fazia rosto limpando o terreno por meio de descargas regulares, tanto mais mortíferas quanto era maior a turba dos perseguidores. Cobria a rectaguarda a companhia da nobreza, que impavidamente continha os que

ousavam chegar perto, dando tempo a aprestarem-se os arcabuzeiros. Se algum caía na refrega, faziam-lhe praça em roda os camaradas, accorriam os voluntarios, e era como os outros transportado para a frente.

Todos estes movimentos se executavam com serenidade e sem precipitação, ao passo que os holandezes mutuamente se atropellavam confundindo-se na sua propria multidão com a anciedade da vingança.

Tinha razão Affonso de Albuquerque. Esta retirada vagarosa, methodica, tranquillã, esta retirada d'um punhado de homens, cedendo o terreno palmo a palmo na presença de hostes consideraveis e adestradas, valia bem a mais brilhante victoria.

Antonio de Lima na muralha vigiava e observava tudo.

Tanto que o troço da sortida chegou a distancia conveniente, a artilheria e mosquetaria do forte romperam n'uma trovoadã horrorosa. Os artificios incumbidos a mestre Marçal tambem não foram poupados n'esta occasião. Choviam as carcossas e frechas de fogo sobre as fileiras dos holandezes, e estoiravam entre estes por forma tal, que Vanderburgo em breve ordenou aos seus que se acolhessem ás linhas.

A gente da sortida volveu ao forte, pesarosa pelo mallogro da principal empreza, mas com a consciencia de terem todos feito o seu dever.

O que lhes fôra commettido estava executado, e além do que se presumira possível. Os trabalhos de assedio haviam ficado em grande parte esmantellados. A artilheria do forte reforçara-se muito utilmente com os dois sacres, tomados logo no começo, por Vieira. Nem uma arma, nem um só ferido tinham deixado nas mãos dos hollandezes. Apenas por tropheus alguns cadaveres, beijando a terra em signal do seu amor por ella!

Logo que poudes, Affonso de Albuquerque, chamou Vieira de parte, e disse-lhe apertando-lhe a mão:

— Sabeis combater; sabeis obedecer. Assim se aprende a mandar. Algum dia reconhecereis por vós quanto vale. Vistes de que serviria o valor sem a prudencia? Seriamos agora outros tantos de menos na defensão d'este ultimo baluarte que detém o inimigo.

Vieira curvou a cabeça envergonhado.

— Perdoae-me—tornou depois, alçando o rosto ainda acceso em rubor.—Bem reconheço agora as primazias do saber e nunca deixei de me inclinar á vossa auctoridade...

— Á da razão. Não sois homem a quem outra se imponha.

— Á vossa: é o mesmo. Desculpae-me, vos digo. Ceguei-me. Se eu via tão perto uma grande gloria para esta provincia... para nós todos... para vosso nobre irmão sobre tudo, se é que bem entendi os seus projectos!...

— Entendestes. Ahi vereis. Esses projectos seriam agora um maravilhoso triumpho, se tudo corresse a ponto, se todos houveram cumprido com igual acerto as suas ordens...

— E se não foram os elementos.

— Os elementos não obedecem. Que esperanças nos afogou a maré terrivel d'esta noite!...

XVI

Victrix causa

Era Vanderburgo homem que não cedia facilmente. Continuaram os aproxes com vigor novo. As linhas destruidas foram diligentemente recommçadas, e proseguiram com maior actividade. Estava já o hollandez acautelado do perigo, e observava com aturada vigilancia o rio.

Trabalhavam os sitiadores n'um só ataque. Não permittia nem requeria mais a disposição particular do terreno e da fortificação. Se esta circumstancia concentrava a defensão, tambem fazia apressar as obras.

Em poucos dias a galeria avançou até cento e quarenta braças do forte. N'esta distancia, da noite para a madrugada, appareceram construidas duas baterias. Chegava o lance decisivo.

As baterias começaram a abrir brecha.

Horas depois estava a brecha praticavel. Um talude de ruínas abria accesso ao inimigo. Foi immediatamente ordenado o assalto.

Era todavia mais facil render as muralhas do que os valentes corações dos defensores. No alto da brecha estava Antonio de Lima, estava Affonso de Albuquerque, estava o moço Vieira, estavam todos os outros que o exemplo d'estes fazia invenciveis.

Quanto a sciencia da época em taes casos recomendava, quanto os recursos do Recife podiam subministrar, tudo fôra empregado pelo governador para deter, impedir, e maltratar os assaltantes.

Lograram os aguerridos cossoletes hollandezes galgar o declive: no cimo acharam o passo tomado de estrepes e abrolhos. Os manteletes, improvisamente levantados debaixo do fogo, abrigavam já os arcabuzeiros do forte. As traves rodantes derribavam e laceravam tudo o que topavam ante si. As panellas e circulos de fogo, os barris fulminantes semeavam o destroço de mil modos. Acima de tudo, resistiam os peitos e os braços de uma guarnição, que nem tremia, nem recuava no mais imminente risco e no mais desproporcionado conflicto.

Os dois sacres, conquista de Vieira, serviram até mais não poder n'este lance. Troavam incessantes varrendo a brecha. Durou assim a peleja até ao fim da tarde.

No auge do conflicto sobreveio um incidente, que

sublimou o horror da luta. Partiu uma bala a haste á bandeira do forte, que tremulava soberba entre as furias e sobre os destroços. Veio ao chão o estandarte, e logo um immenso clamor dos hollandezes saudou o successo como se já fôra a victoria, e a gloriosa mutilação como se equivallesse á entrega.

Com fervor igual respondeu a guarnição empenhada em arvorar de novo a insignia não rendida. Travou-se de lado a lado mais apertado o combate. Lidavam uns por chegar ao disputado tropheu. Forcejavam os outros por guardal-o e preserval-o. Topavam-se em cheio sobre os escombros inflamados as turbas crescentes dos assaltantes e os redusidos pelotões dos defensores, como a vaga que vem do mar marulha com a onda que reflue da costa, já rota em partes, mas duplicada a força com o embate.

Viu-se então um maravilhoso expectaculo. Tombára casualmente o estandarte sobre Vieira, vestindo-o das largas dobras á similhaça de manto real. Traçou-o nos hombros o mancebo, e arremetteu como costumava ao mais acceso da batalha.

Estremeceram todos vendo-o envolto com os inimigos, e conjuntamente o precioso talisman.

Antonio de Lima, tranquillo no meio da procella, bradou com o impulso d'uma fé generosa :

— Socegae, filhos. A outra haste quebrou ; não quebrará aquella.

Vieira, derribando e ferindo, fazia ondear a ve-

neranda tella, tufada pelo vento. Ali carregou o exaltado esforço dos mais valorosos da guarnição. Como que o sancto palladio dobrava os brios e restaurava as forças.

Ao cair da noite, os hollandezes, precipitados da brecha, desampararam o ataque.

Ao romper a lua, fluctuava novamente a bandeira, alongando a sombra pelo talude de ruínas sobre os corpos dos inimigos, que lhe jaziam aos pés como holocausto derradeiro immolado ás suas triumphaes immunidades!

Não tentarei contar todas as scenas d'esta defensão heroica. Seriam precisos volumes.

Fôra tambem prolixo repetir tantas provas de heroicidade. Os lances e episodios pasmosos melhor caberiam nas paginas de um poema. Feitos ha que a historia levanta como um padrão diante dos seculos: as gerações, que lhes chegam á base, alçam os olhos e emmudecem de admiração.

Tres dias sustentou ainda Antonio de Lima o forte. Todas as invenções, que se podiam oppôr, estavam destruidas; só aquelle invencivel animo se conservava inteiro.

Tres dias successivos, oitenta homens sómente, combatendo peito a peito no alto d'uns cómoros de cinzas, diminuindo de hora para hora, supportaram o peso dos ataques e deliveram no repetido accommettimento quatro mil assaltantes. Cincoenta contra um! Cançava o numero, sem cançar o valor!

Boa e grande gente era a que dava taes exemplos de constancia e denodo!

Parecia o forte uma cratera abrasada. Supprimindo com a presença os bastiões, cercado sempre de fogo, persistia o indomito governador, como o genio da destruição presidindo ao incendio das cidades malditas.

Calada já e desmontada a artilheria sobre as cortinas derrocadas, poderam os hollandezes circumdar completamente as muralhas, interceptando toda a communicação com o Recife.

Não havia pois a menor esperanza de soccorro. Dois terços da guarnição estavam mortos. Em todo o recinto apenas uma parte dos armazens se conservava de pé, milagre provavelmente devido ás orações angustiadas de mestre Marçal.

Tudo o mais uma pavorosa devastação.

Ao quarto dia apresentou-se parlamentar hollandez.

Recebeu-o Antonio de Lima com todos os rigores da etiqueta, sem dispensar o minimo accessorio.

Praticou o parlamentar com o governador alguns instantes, e retirou-se immediatamente, conduzido como tinha entrado.

Apenas o official se afastou, foram chamados a conselho os principaes do forte, e o condestavel da artilheria em razão do cargo.

O conselho congregou-se na parte incolume dos armazens.

Tanto que teve reunidos os que desejava, começou Antonio de Lima com a sua costumada serenidade:

— Senhores, aqui vos chamei agora, não já para vos participar o estado em que estamos...

— Todos o vêmos—acudiu Affonso d'Albuquerque, o mais auctorizado depois do governador, assim pelo posto, como pelo seu parentesco proximo com o capitão-mór.

— Isso é — continuou Antonio de Lima. — Não foi, digo, para vos descrever o que tendes debaixo dos olhos que vos convoquei, amigos: é para cumprir o dever que nestes casos determina a ordenança, e para vos declarar o que por parte do seu general me communicou o parlamentar.

— É bem de presumir o que será—ponderou o capitão da companhia da nobreza.—Propõem-nos a entrega á discrição.

Affonso d'Albuquerque sabia perfeitamente que, na situação em que estavam as coisas, a submissão do forte seria apenas delonga de pouco tempo.

— Isso não... se m'ó permittis dizel-o!—atalhou Vieira n'um impeto generoso.—Acabem-nos: vale mais.

Antonio de Lima deitou os olhos em roda com seu tanto de orgulho.

— Enganaes-vos todos nas conjecturas. Offerecem-nos capitulação.

— E as condições?

— Sair pela brecha com armas e insignias, e a liberdade de dispôrmos de nossas pessoas.

— Podemos saber o que repondestes?—perguntou o capitão da nobreza.

— O que devia: que ia consultar-vos, e depois daria a resposta.

— E qual é o vosso parecer?

— Não devia dal-o eu primeiro; mas, n'estes extremos, dou... em duas palavras. A minha bandeira nunca se rendeu; não começarei agora.

Micer Arnau, ouvindo isto, enfiou. D'ahi a um instante desapareceu sem darem por elle, o que não era difficil attenta a somenos importancia da sua pessoa e a preocupação geral.

Vieira hesitava entre a vergonha de render-se e aquelle secreto amor que tanto o chamava e prendia á vida. Como lhe não custaria a deixar o mundo na sua idade e com as suas esperanças?

Calou portanto, deixando aos mais experientes a decisão.

— Senhores — disse Affonso d'Albuquerque — pois que aos projectos e desenhos do capitão mór, que todos são para bem desta terra, importa o demorarmos aqui os hollandezes, quanto mais tempo o fizermos tanto melhor cumpriremos o nosso dever e serviremos a patria.

Ficaram alguns em silencio. O maior numero bradou:

— Sepultemo-nos até ao ultimo debaixo destas ruínas !

Parecêra incrível e insensato a quem não lêsse no coração daquelles homens o pensamento que faz os Curcios.

E não era isto pompear um facil enthusiasmo em roncarias vãs. Era resolução firme e heroica. Todos tinham provado como seriam capazes de a desempenhar á letra.

— Ou abra-se caminho por entre o inimigo — ousou dizer Vieira, emittindo a unica opinião que podia conciliar todos os seus sentimentos... se não fôra impossivel.

Quem ha de porém apresentar impossiveis a essa loucura sublime que se chama paixão? E ás vezes dá-lhe razão o exito.

Como já se terá imaginado, mestre Marçal, sumido e esquecido ali, onde não podia explicar muito bem o phenomeno da sua existencia, assistia incognito ao conselho. Escusado é dizer que nem uma palavra lhe havia escapado, visto o interesse que tinha na solução.

Peço venia para interromper n'este passo tão solemnes colloquios. Ficaria incompleto o quadro se o não pintasse com a variedade dos seus incidentes e a diversa feição dos seus personagens.

Ouvindo da bocca de Antonio de Lima as propostas dos hollandezes, admirou o mestre a magnanimidade destes. Sendo pouco sensivel á honra de sair

a brecha com armas e insignias, a maxima utilidade que via na capitulação era a clausula de o deixarem, a elle Marçal, com a pelle intacta. O illustre opifice jurava a si mesmo occultar cuidadosamente os seus meritos aos holandezes, receiando não se lembrasse algum delles de lhe agradecer, por qualquer maneira, os mimos para que, bem a seu pesar, concorrêra.

Acolhêra mestre Marçal cedo de mais estas loucas esperanças. O parecer exposto pelo governador, e apoiado pela maioria, como se diria hoje, fêl-o dar a todos os diabos aquella gente insensata, que se lembrava de tudo, menos da agonia em que o deixava, commettendo a flagrante injustiça de o não consultar.

XVII

De como micer Arnau cortou o nó às difficuldades

Em quanto as opiniões se apuravam, por modo que deixava antever claramente o resultado, passava-se uma scena imprevisita nos terraplenos desmantellados.

Micer Arnau era um soldado velho e aguerrido. Micer Arnau procurava ganhar conscienciosamente o seu soldo. Mas para micer Arnau a palavra patria não tinha significação, e estas coisas não lhe tocavam tão de perto como aos outros. As propostas dos hollandezes pareceram-lhe muito superiores ao que razoavelmente se podia esperar em taes apuros, e lá de si para si ficou reputando Vanderburgo um rematado sandeu. Tinha feito em consciencia quanto devia fazer, entendia elle; por consequencia não se julgava obrigado a mais.

Conhecendo Antonio de Lima por experiencia, adivinhou a sequencia do conselho, e não menos o que se lhe seguiria. Reputava-se individualmente interessado no caso como o honrado mestre, mas com mais resolução do que este. Assentou portanto que lhe devia ser permittido exprimir o seu voto.

Guardou unicamente comsigo o modo de exprimir-o. Parecia-lhe pouco uma declaração verbal: queria empregar mais efficaz e concludente oratoria.

O modo engenhoso porque micer Arnau entendeu manifestar aquelle voto foi o seguinte.

Estavam suspensas as hostilidades. Micer Arnau, deixando em meio o congresso, subiu sem dizer palavra, foi-se direito ao bastião, e começou a desatar a adriça da bandeira.

Em quanto os cabos deliberavam, o condestavel, sem cuidar de mais formalidades, acceitava por sua conta a offerta dos seus camaradas do norte. Era esta, no seu conceito, a mais expedita maneira de cortar as objecções e fazer prevalecer a sua opinião.

O acto de micer Arnau causou extranheza grande á guarnição. Viu-o n'aquella diligencia Ayres Gil, e indicou-o a uns voluntarios que estavam ali. Correram todos a elle com a sentinella.

— Que é isso que estaes fazendo? — perguntou Ayres.

— Offerecem capitulação os hollandezes e dão-nos

as honras da guerra—acudiu laconicamente o alemão, suppondo prudente não acrescentar o seu juízo particular ácerca do exito provavel da conferencia.

Pois que á vista de todos o condestavel fôra admittido ao conselho, e vinha d'elle, a evasiva foi acceita como explicação e interpretada como cumprimento de uma ordem superior.

Nada d'isto se conciliava muito com o rigor das praxes; mas, em semelhantes apuros, as praxes perdem consideravelmente a força, e a situação do forte não era tal que se olhasse já a miudezas. Demais quem havia de crer ali que se não aaceitariam as condições de honra e vida salva. Tão natural era, que naturalissima pareceu a apparente incumbencia de micer Arnau.

Continuou este pois sem mais opposição.

Ayres Gil só se admirou por julgar conhecer o governador, conhecimento em virtude do qual já tinha feito o seu proposito.

Desceu magestosamente a bandeira ao correr da haste. Verdade, verdade, não viu isto sem abalo a gente do forte. Se tanto havia feito por aquelle honrado brazão!

O arcabuzeiro principalmente dava-se a perros; mas, por fim de contas, reduzia-se tudo a um incidente nada extranho no seu modo de vida. Não era já a primeira vez que lhe succedia: em Flandres fôra coisa vulgar.

Vendo arriada a bandeira, e julgando ser o signal de estar acceita a capitulação, os hollandezes não perderam um instante. Accorreram em continente duas companhias de cossolletes, e coroarão a brecha, formando diante da guarnição contristada.

Foi tudo isto um momento, tão proximos estavam todos.

Desfizera-se n'este intervallo o conselho, e cada um dos cabos voltava ao seu posto na perfeita disposição de vender cara a vida, que definitivamente sacrificava.

Antonio de Lima, assomando com Vieira e Affonso de Albuquerque ao terrapleno, ficou attonito de não ver a bandeira.

A bandeira jazia aos pés de micer Arnau.

Rugiram os tres um grito unisono. Vieira, arremessando-se com o impeto costumado, arrancou a tella das mãos ao condestavel, que a segurava ainda por uma das extremidades, e bradou-lhe:

— Não lhe toqueis, que a infamaes!

Os hollandezes, como dito fica, estavam a poucos passos. O governador comprehendeu o que se passara.

Tirou da espada, mudo, livido, pavoroso, e com terrivel tranquillidade endireitou para o alemão. Aquelle seria provavelmente o ultimo dia do entremettido condestavel, se a lamina do governador não encontrára a de Affonso de Albuquerque.

— Este homem não é da nossa terra! — ponderou singelamente o capitão da nobreza.

Reflectiu Antonio de Lima que, estando a brecha coroadada pelo inimigo, o esforço mais desesperado só daria victimas, sem possibilidade de prolongar a resistencia.

Olhou tambem para os restos da guarnição e entrou-lhe n'alma a piedade.

Embainhou a espada murmurando:

— Assim o quer Deus!

Tinha o commandante dos hollandezes recebido de Vanderburgo poderes para a capitulação. Vinha com elle, na qualidade de interprete, um judeu de Olinda, que, havendo commerciado em Lisboa e Amsterdam, fallava igualmente os dois idiomas.

Não foram longas as formalidades. Sabiam todos como aquelle facto era irremediavelmente consummado, e o forte de S. Jorge não se reputava praça de guerra de tal ordem, que a sua entrega se regulasse pelas clausulas de um tractado.

Reduziu-se tudo a perguntar o governador ao commandante hollandez se o seu general mantinha as condições offerecidas. Respondeu o commandante que sim. Seria indecente recusarem-nas depois de as terem proposto.

Escreveu-se á pressa a estipulação e ficou rematado o pacto.

Menos era Antonio de Lima para despachar estas coisas do que para aviar expedientes de guerra.

Entendia elle que a palavra de um homem valia a melhor assignatura.

Tinham tambem por sua parte os hollandezes ganho tal respeito ao forte e ao seu governador, que tudo facilitavam para ver desamparado o posto.

Conhecia além d'isso Vanderburgo que esta generosidade—pouco custosa, attento o limitado numero da guarnição e o mais que adiante se observará—horas que lhe abreviasse a entrega já lhe proporcionaria bastante, pois que Mathias de Albuquerque ia engrossando cada vez mais consideravelmente as suas forças.

O mesmo suspeitára tambem o capitão da nobreza, desconfiando de taes larguezas em tanto apuro, e por isso dera o seu voto como se viu, esperando servir com o proprio sacrificio os projectos de seu irmão.

Como o governador dissera : Deus havia disposto o contrario.

XVIII

Fé punica

Era por formoso dia, esplendido e calmoso. As forças sitiante formavam em batalha á raiz do forte prolongando-se pelo isthmo.

Pela volta das quatro horas, Antonio de Lima dispoz em boa ordem os vinte e tantos homens validos que ainda tinha em estado de marchar, e saiu com elles pela brecha, guiando-os, sereno e tranquillo, como n'um dia de victoria.

Lia-se no rosto do soldado o pesar inseparavel de tal situação; mas, ao mesmo tempo a ufanía natural a quem tanto havia feito.

Rufava o tambor na frente da pequena companhia. Brilhavam ao sol os piques, os espontões, as

espadas, mosquetes, e arcabuzes. Ia arvorada a bandeira da nobreza.

Via-se é verdade no bastião, triste e erma, a haste viuva do glorioso pendão ; mas em seu logar nenhum outro ainda.

Debalde o inimigo procurou aquelle tropheu tão ambicionado. Vieira fizera delle um cinto. Unindo-a ao coração, tornára aquella reliquia em arma invencivel contra o despeito de rendido.

Com admiração contemplaram as longas e profundas filas dos hollandezes os poucos homens, que sobre destroços, por tres dias consecutivos, haviam detido as suas experimentadas coronelias.

Entre verdadeiros homens de guerra o odio de inimigos cessa com a lucta, e fica só a homenagem ao valor infeliz.

Ayres Gil, aprumando o arcabuz, acertando o passo com marcial desplante e maior garbo do que nunca, vibrava olhares furibundos a um e outro lado, como quem dizia aos hollandezes :

— Vae aqui um homem costumado a ver-vos as barbas sem temor nem vergonha !

O honrado arcabuzeiro acompanhava este soliloquio mental de um diluvio de pragas resmungadas entre dentes.

Na retaguarda de todos apparecia mestre Marçal, o comico intermedio deste drama heroico.

Mestre Marçal vinha amavel, risonho, prasenteiro, umas paschoas. Cortejava á direita, corte-

java á esquerda, com tal satisfação, que lhe teria ella valido girandolas de pontapés do seu amigo Ayres, se este o podesse ver.

Não podia o mestre acreditar ainda na boa fortuna de sair são e salvo, depois do que ouvira a Antonio de Lima. Pensava com toda a humildade que Deus fizera expressamente um milagre por sua causa.

Poucos passos adiante do aspero talude, Vanderburgo esperava cortezmente o governador.

Tanto que a diminuta guarnição chegou ao centro das columnas hollandezas, o mestre-de-campo deu-lhe ordem de fazer alto, e o general com o interprete dirigiu-se a Antonio de Lima.

— Agora, senhores,—disse, ou antes fez-lhe dizer — deporeis as vossas armas!

Antonio de Lima obrigou o interprete a repetir duas vezes a intimação insolita.

— Depôr as armas!—respondeu elle.—Pois não estipulámos sair com armas e insignias?

— Sair a brecha, — tornou civilmente o hollandez—sair a brecha, sim; os nossos arraiaes, não.

Antonio de Lima viu que havia perfidia no modo de cumprir a capitulação. Deitou um olhar de leão aos seus soldados, immoveis a poucos passos; mediu depois a turba immensa, que o rodeava curiosamente.

Esteve elle tentado a dar voz de arremetter, e vingar ali o odioso ardil com um protesto de sangue!

Reflectiu porém que, para satisfação do seu orgulho, não tinha direito de sacrificar sem utilidade tantos corações generosos.

A capitulação, feita improvisamente em consequencia de um accidente inesperado, dava aos holandeses occasião de fazerem jogo de palavras, em vez de cumprirem a palavra.

Podia-se ter como remota revelação e prenuncio de certas finuras, muito apreciadas por alguns politicos dos nossos dias.

Não era o governador homem que, em casos d'estes, descesse a discussões. Vendo a impossibilidade absoluta de abrir caminho á força, vendo a loucura de immolar os seus, que era talvez o que os holandeses queriam, encolheu os hombros em signal do seu profundo desprezo por taes subtilezas, entregou a espada ao general inimigo, e ordenou á guarnição que depozesse as armas.

Os soldados, de Antonio de Lima, pasmados da ordem e do gesto do governador, fitaram n'elle os olhos assombrados.

Antonio de Lima, como quem tem a consciencia de cumprir um dever, custoso sim, mas dever, repetiu o commando em tom claro e resolutivo.

Singular pareceu a todos este desenlace, mais ainda depois do promettido. Tal era entretanto a auctoridade do governador, e tão aceito e radicado o costume de lhe obedecerem, que as hesitações acabaram n'um momento.

Affonso de Albuquerque, entendendo-o, foi o primeiro que lhe seguiu o exemplo. Vieira, lembrado das advertencias do capitão, imitou-o vencendo a repugnancia.

N'este lance mais de uma lagrima deslisou silenciosa e envergonhada por aquelles rostos tostados, caindo sobre as armas, ao entregarem-n'as as mãos que tão bem se haviam d'ellas servido.

Soltando imprecações furiosas, os voluntarios, arremessavam os mosquetes pelo areal, onde não podiam espedaçal-os. Ayres tal geito deu que, ao pousar em terra o arcabuz, foi para um lado o cano e a coronha para outro. O alferes da bandeira da nobreza arrojou o espontão ao rio, de modo que um hollandez, fronteiro a elle, se não abaixasse tão rapidamente a cabeça, ficava ahi varado.

— Perros vis! — murmurou o arcabuzeiro retorcendo os bigodes.

— Falta uma pequena formalidade, — continuou com a fleugma do seu paiz o general hollandez a Antonio de Lima, que mostrava pressa de se esquivar a estas inesperadas humilhações.

— Uma formalidade! Que formalidade? — tornou o governador.

— Quasi nada, — retorquiu Vanderburgo pela bocca do officioso interprete. — É dar juramento de não pegardes mais em armas contra nós n'esta guerra.

— Dizeis?

Repetiu o judeu a nova intimação de Vanderburgo, retirando prudentemente um ou dois passos, tam vivo relampago viu fuzilar nos olhos de Antonio de Lima.

— Cuidei que tratava com um fidalgo e leal cabo de guerra, — atalhou o governador sorrindo com supremo desdem.

— Que é o que elle diz? — perguntou Affonso de Albuquerque a Antonio de Lima.

— Quer algum de vós prestar juramento de não pegar mais em armas em defensão da sua terra?

Um grito de indignação rebentou unanime nas fileiras dos rendidos. Muitos delles levaram machinalmente a mão ao lado desarmado.

Vieira adiantou-se e bradou:

— Porque não nos fizeram tal proposta antes de nos tirarem as armas?

Antonio de Lima sorriu: já tinha pensado o mesmo.

Por descargo de consciencia tentou ainda uma ponderação — a derradeira.

— Tinham promettido deixar-nos livres de nossas pessoas!

Traduziu o interprete litteralmente a replica a Vanderburgo:

— Mas não livres as vossas armas, — tornou este com perfeita paz de espirito.

Ali se via a razão porque o general fôra tão prom-

pto e concessivo nas clausulas : premeditava já estes trocadilhos.

Era effectivamente mais facil concluir o negocio por astucias e ardilezas, do que em assalto contra homens, que haviam de infallivelmente succumbir, mas cercados de victimas. Já no seculo xvii havia quem exordiasse a politica ladina do seculo xix.

Sabia o hollandez de quantos lhe fôra sepulchro e mortalha aquelle monte de pedras arrebetadas chamado forte de S. Jorge, e ainda pelos modos se temia do que podia produzir a desesperação.

Assim era coisa aviada e summaria.

Antonio de Lima, como vimos, timbrava pouco em apuros de dicção e ainda menos em agudezas desta ordem. Tornou a encolher os hombros.

Vanderburgo proseguiu :

— Se não prestaes o juramento, sereis considerados prisioneiros de guerra.

— Considerae—respondeu friamente o governador.

— Ficareis sujeitos a todas as consequencias da vossa obstinação.

Antonio de Lima voltou as costas ao interprete, e, com a sua usual serenidade, disse para Affonso de Albuquerque:

— É um hollandez traidor !

Proferia elle isto no tom desdenhoso em que dizia : « é um cavallo esparavonado. »

— Não admira !—acrescentou philosophicamente

o capitão da nobreza, completando a idéa de seu chefe.

— Eu sempre disse que estes hereges não tinham alma! — gritou Ayres do seu lugar.

Podia Antonio de Lima, seguindo o exemplo de Vanderburgo, jurar e não cumprir. É de crer que não faltassem casuistas para o absolver e até para o louvar, allegando a compressão e força maior. Similhante lembrança nem sequer lhe passou pela cabeça.

Ha homens assim. O peor é que não n'os entendem!

— Acabemos, e de vez—continuou Vanderburgo— Recusaes?

— Vieira—acudiu Antonio de Lima—dizei a esse homem que está perdendo tempo.

— Se deitassemos o interprete ao rio com a resposta? — Propoz a serio o ardente mancebo.

— Era baptisal-o, e não o merece, o Barrabás, — tornou Affonso de Albuquerque, n'estas occasiões propenso a facecias.

— Como quizerdes,—concluiu Vanderburgo vendo que nada obtinha.—Só vos advirto uma coisa: os carcereiros de Olinda são estreitos, e pois que os Estados não podem agora desperdiçar mantimentos... considera bem!

Era horrivel a ameaça, indigna d'um cabo de guerra, indigna de uma nação policiada!

Antonio de Lima poz-se a assobiar um refrão de

cantiga, manifestação que, em homem tão grave, era indício da maxima ironia.

A discussão tornava-se evidentemente inutil.

Sob a apparente placidez, Vanderburgo estava uma furia.

Por sua determinação foram divididos em pequenos pelotões, e separados uns dos outros, os desgraçados remanescentes da guarnição, tão ignominiosamente tratada contra toda a fê.

N'esta ordem enviou o maior numero para as prisões de Olinda, como annunciara.

Quanto a Antonio de Lima e Affonso d'Albuquerque, tomou-os para maior cautela sob sua guarda especial.

Viram os dois partir n'este estado os seus infelizes companheiros d'armas; e angustiados, e martyrisados de tal vista, ficaram esperando, guardados por boa escolta, que Vanderburgo tomasse posse das ruinas que tinham sido o forte, e houvesse por bem decidir a seu respeito.

Em tal extremidade só mestre Marçal folgava, feliz como todos os egoistas.

Mestre Marçal, francamente jubiloso no meio da desesperação dos seus camaradas, havia com isto para logo captado a benevolencia dos vencedores. Examinaram-n'o, e o resultado do exame foi um mediocre apreço e estima pelas suas aptidões bellicas.

Não podendo os hollandezes, como declarara Van-

derburgo, gastar profusamente viveres que lhes escasseavam ; e por outro lado reputando o mestre pouco perigoso, humilhação de que este se não mostrou agastado ; feito o calculo da utilidade da sua reclusão e dos inconvenientes da sua liberdade, resolveram privilegial-o com o beneficio exclusivo da capitulação, mandando-o tratar da sua vida com uma indifferença cheia de sarcasmos.

Mestre Marçal perdoou christãmente a injuria ; e na sinceridade da sua alma julgou-se predestinado da Providencia !

XIX

Em que Ayres Gil medita

Caminhavam os prisioneiros a dois e dois, como se disse. Ia cada pelotão vigiado por quatro piqueiros, levando na frente e reclangarda um troço de mosquetes. Seguiam todos assim pelo estreito pontal de areia que levava á cidade.

Além do Biberibe, parallela á restinga, corre a orla vicejante da chamada varzea, que então parecia aos pobres captivos terra de promessa, tão inaccessivel quanto desejada.

A varzea, ou veiga, do Biberibe era neste tempo uma extensa lesiria, em parte coberta de malto bravo em parte de *capoeirões*, ou talbos de floresta virgem, em parte cortada de engenhos e *sítios*, como n'aquella provincia ainda hoje denominam as chacaras, nas quaes os moços do forte deixavam muitos affectos e muitas saudades.

Estendia a vasta e uberosa campina o manto de eterna verdura até á beira do rio, sobre o qual se debruçava roçando as aguas com franja longa e sombria de chorões e cachos floridos.

Preocupados iam todos com tal vista, e mais que todos Ayres Gil. Nem era admiração pela paisagem, nem indole sentimental. O duro veterano, se pensava, não pensava certamente em taes futilidades.

Que seria? O que o faria cogitar e scismar tanto?

O acaso, ou talvez a sua boa diligencia, havia collocado o arcabuzeiro ao lado de Vieira.

Tinham ambos mutua confiança. Marchando, encontravam-se-lhes a miudo os olhos e logo se fitavam unanimes na veiga fronteira.

Um incidente cortou importunamente este dialogo mudo.

A poucos passos das linhas de assedio, o commandante da escolta, vendo-se longe do grosso das forças que tinham ficado no acampamento, julgou prudente multiplicar as cautelas. N'este intuito fez alto, e deu algumas ordens em voz baixa a um dos seus subordinados. Partiu este em continente com tres piqueiros, e voltou, minutos depois, vergando todos ao pezo de um farto volume de cordas.

Era visivel a intenção do precatado hollandez.

Não se contentava com leval-os desarmados, queria-os amarrados. Sobresaltava-o tanto ou quanto a visinhança da varzea, e a proximidade do rio.

Provocou esta operação altos murmurios, violen-

tas queixas, sentidos clamores e pragas terríveis; mas o duplo renque de mosquetes a um e outro lado, Olinda na frente, e Vanderburgo na retaguarda, forçavam á sujeição os mais insoffridos.

Deixou Ayres atar solidamente as mãos atraz das costas, pouco mais ou menos como um jaguar, colhido no laço, deixaria vestir um espartilho.

Só Vieira foi exemplo desta humilhação. Consideraram provavelmente os seus poucos annos, e talvez a deferencia que lhe mostravam os seus camaradas, particularidade que indicava ser pessoa de maior porte.

Era tambem natural entender o hollandez que um homem só nada ousaria, vendo impossibilitados os seus camaradas.

Concluidos os prudentes apercebimentos, poz-se a escolta novamente em marcha a passo lento.

D'ali para cima estreitava o rio. Ayres Gil parecia cada vez mais meditativo.

Notou Vieira esta meditação aturada. Vieira tinha aprendido a conhecer sufficientemente o arcabuzeiro, e sabia que nunca meditava debalde.

Circumstancias ha em que a meditação é verdadeiramente contagiosa. O mancebo começou a reflectir tambem.

Nenhum delles porém era homem que perdesse o tempo da acção em inuteis devaneios. Resultou desta dupla cogitação encararem-se ambos, como se mutuamente se houvessem já comprehendido.

Observara Ayres nos olhos de Vieira um raio de prazer tão inadmissivel em similhante conjunctura, que se pozera a scismar mais profundamente do que nunca.

Vieira pela sua parte julgára observar no arcabuzeiro um signal, um indicio, quasi imperceptivel, de malicioso e resolutio assentimento.

Entretanto, o commandante da escolta, confiando nas precauções, havia afrouxado os rigores da vigilancia. Os seus soldados, exhaustos e encalmados, seguiam-lhe pouco a pouco o exemplo.

O interprete caminhava distante. Se os prisioneiros matassem o tempo com dois dedos de conversa, quem os poderia ouvir, ou perceber?

Ia o arcabuzeiro assobiando uma solfa extravagante, como se o espirito absorto se lhe desvairasse em distracção machinal. Já sabe o leitor que este era em Ayres, não só claro symptoma de preocupação extrema, mas uzual annuncio de uma idéa luminosa.

Reconhecia Vieira no seu consocio de infortunio certa dose de philosophia pratica, mas não lhe acreditava tanta que justificasse desassombro similhante, nem lh'a julgava tal que o tornasse capaz de medir com este desprendimento situação tão pouca lisonjeira.

Inferia portanto, com razão, que no espirito do arcabuzeiro se passava o que quer que fosse em muito extremo interessante.

Quanto mais lhe estudava a physionomia e a attitude, mais se confirmava em taes duvidas. Resolveu-se portanto a esclarecel-as, e a tirar a limpo as suas supposições, verificando primeiro se o judeu podia ouvi-lo.

— Hein, Ayres?—disse, em voz que era pouco mais que um sopro, acompanhando a palavra com expressivo e rapido movimento de olhos. — Formoso rio é o Biberibe. Mais formoso hoje do que nunca. Não vos parece?

— Se parece!—tornou o arcabuzeiro no mesmo tom e modo.—Só me não parecera formoso, se tivera a largura do nosso Tejo lá defronte de Lisboa, ou uma corrente como a do Douro em cheia de inverno. O que n'este mais me captiva é o commedimento e a modestia das aguas... Agua, quanto menos melhor.

— Não é d'esses rios ambiciosos, que levam tudo adiante de si, e estendem os braços a perder de vista, dizeis bem.

— Por um d'esses taes não dava eu um ceitel.

— E por este?

— Por este, sim. Mal sabeis como lhe quero.

— Um homem costumado a passar as ribeiras da India...

— Que são como os rios da Europa, e os rios como os mares.

— Um homem trilhado em terras d'alagoas...

— Em duas braçadas está de outro lado.

— E depois, com ser um rio meão e agora tão pacifico, sempre é um rio...

— Ou, quando menos, um fosso... que nem todos atravessam.

— Isso é.

— Praz-vos tambem, senhor Vieira?

— A mais não poder.

Parou aqui o dialogo.

Vieira tinha resolvido as suas duvidas. Estavam entendidos os dois. Havia entre elles pacto secreto, cumplicidade tacita.

Como se lhe occorrera subida reflexão, lançou o mancebo significativamente os olhos aos braços de Ayres fortemente ligados. A reflexão comprehendida n'este olhar pintou-lhe no semblante uma sensação de extrema piedade, e um como doloroso aperto de coração. Reparou Ayres n'aquella expressão angustiada, e sorriu.

Vieira, que não cessava de observar o seu companheiro, attentando melhor, notou-lhe desusado movimento. Parecia que uma legião de insectos, o que não seria para admirar em tal clima, se lhe tinha apoderado do busto, tal era a vivacidade com que apertava ao corpo a parte superior dos braços como se em phrenetica fricção quizera livrar-se de um prurido tormentoso.

Estes accessos, com serem frequentes, não eram todavia tão violentos que podessem dar na vista aos holandezes.

Se Vieira tivesse comsigo qualquer instrumento cortante, conservando as mãos livres, ser-lhe-hia facil soltar rapidamente Ayres: depois executariam juntos o plano que a ambos occorrera. Mas os holandezes, como é de suppôr, tinham tido o cuidado de não deixar ao mancebo nem sombra d'arma.

Esta difficuldade, em que não tinha logo pensado, entristecia-o profundamente. Custava-lhe abandonar o arcabuzeiro, sem contar que o auxilio de homem como este singularmente lhe secundaria os designios.

Ayres Gil havia tambem, e ainda antes de Vieira, medido aquelle obstaculo; mas a sua inventiva imaginação não se rendia a quaesquer estorvos. Em quanto Vieira lhe deplorava a sorte, afigurando-se-lhe irremediavel, concertava elle comsigo um expediente tão simples como engenhoso.

A agitação, em que Vieira reparara sem a poder explicar, era disposição preliminar.

Tinha o cinturão de couro, que os arcabuzeiros cingiam, um gancho de ferro solidamente fixado ao lado direito. Deste gancho traziam suspensa a corda, o sacco dos pelouros, e outros municiamentos. Os municiamentos haviam desaparecido, mas o cinturão, não sendo considerado arma, havia ficado com seu dono.

As arestas puidas deste accessorio, gastas pelo attrito continuo, haviam-se tornado com o tempo como o gume de uma faca ordinaria.

Ali estava já um instrumento aproveitavel.

O gancho ficava porém distante da corda, que prendia as mãos nas costas ao arcabuzeiro.

Nova impossibilidade!

Era todavia Ayres estrategico experimentado. Servira-lhe a meditação para calcular todas as eventualidades, aproveitar todas as circumstancias, e prover a todos os lances.

Andava-lhe o cinturão conchegado, mas lasso, de modo que podia girar facilmente. Como soldado velho, o arcabuzeiro presava mais a liberdade dos movimentos do que os primores do trajar.

O geito que dava aos braços, unica acção possible no estado em que se achava, imprimia ao cinto de couro um progressivo movimento de rotação, que lhe approximava o gancho das mãos, e por consequencia da corda.

Esta a base das suas operações.

XX

Consequencias da meditação de Ayres Gil

Nada é grande, nada é pequeno no mundo. Tudo é relativo, e tudo tira da occasião o seu grau de valor !

O destino de um homem—de dois homens talvez, e Deus sabe de quantos outros, e de quantas mais coisas attinentes a elles! — achava-se n'esta suspensiva conjunctura exclusivamente subordinado a um objecto insignificante, a uma circumstancia das mais somenos, a uma acção trivial, n'outro caso ridicula.

À força de paciencia, estava Ayres a ponto de lograr a collocação ardentemente desejada. Mas era o trajecto curto, e o arcabuzeiro sentia crescer-lhe a anciedade ao passo que se adiantavam na restinga, porque o tempo lhe escasseava.

Limitavam-se todas as probabilidades de exito ao lanço de caminho, que orlava o rio, onde este era mais estreito, e mais densas as mattas fronteiras. Sabia-o Vieira, e fitava o companheiro com inquietação cada vez maior, medindo o espaço como quem vê a cada passada fugir-lhe a oportunidade e a esperança.

Ayres suava em bagas. Um observador attento ler-lhe-hia no rosto a fadiga immensa, que provém de movimentos contrafeitos, e da tensão violenta do espirito.

— Se fosse possível ganhar minutos! — murmurou por fim.

— Talvez seja — acudiu Vieira cautelosamente.

— Qual! Se estes desalmados destes herejes nem um credo nos deixam!

— Dizeis que vos bastariam minutos, Ayres?

— Bastavam — respondeu o arcabuzeiro continuando os esforços.

Vieira não replicou.

A poucos passos queixou-se da fadiga; d'ahi a um momento nem se podia arrastar; mais adiante caiu redondo no areal pedindo confissão.

O commandante da escolta accorreu com o judeu interprete para averiguar o que havia.

A voz sumida e exanime de Vieira era de moribundo. Só o fuzilar dos olhos desmentia um pouco esta apparencia de catastrophe.

O pedido do mancebo pareceu ao official hollan-

dez tão disparatado e fóra de todo o proposito, que relanceou em torno de si os olhos inquietos e inquiridores.

O rio estava deserto, as mattas silenciosas, os prisioneiros amarrados, a escolta armada e prestes. Que havia de receiar?

O hollandez, moço ainda, envergonhou-se do que pensára, e julgou pueril este excesso de desconfiança.

A suspeitosa investigação achou Ayres com ar tão penalizado, tão consternada immobibilidade e uma cara tão contricta, que o official volveu para Vieira toda a attenção.

Vieira parecia em pontos de dar a alma a Deus, tal se tornara o seu desfallecimento e assim eram doloridos os seus queixumes!

Tinha o hollandez um natural humano, e sinceramente se compadecia do enfermo; mas sacerdote não era coisa que se achasse á mão.

Outros soccorros só na cidade. Julgando, na sua qualidade de protestante, que estes seriam preferíveis á confissão, voltou-se para o sargento, e disse-lhe em tom breve e peremptorio:

— Vêde lá se póde andar. Se de todo não poder, fazei-o conduzir. E a caminho promptamente.

Dáda esta ordem, afastou-se para vigiar a frente da columna que seguia em marcha, encarregando ao mesmo sargento assim o cuidado de executar o prescripto, como o de vigiar a reclanguarda.

Communicou o judeu a Vieira a ordem referida,

e perguntou-lhe se, fazendo diligencia, poderia aturar até á cidade.

Vieira soltou um gemido que dava ares de ser o ultimo da sua vida.

Ordenou o sargento a dois mosqueteiros que pegasse cada um em seu braço ao mancebo, e por força ou por vontade o conduzissem. Percebeu Vieira a intenção pelo movimento que se operou nos soldados, e fitou anciosamente os olhos em Ayres.

Ayres correspondeu-lhe com um leve movimento de cabeça, que se podia muito bem tomar por affirmativo.

Sentia a corda por um fio. O gume do gancho mordera já profundamente o nó que lhe arrochava os pulsos, tão profundamente que de envolta com o linho rasgava a epiderme e golpeava os dedos ao arcabuzeiro. Este porém era indifferente a similhantes arranhaduras, e nem por isso deixava de continuar com maior impeto.

Cumpre agora explicar a posição relativa dos nossos personagens. Vieira estava á esquerda do arcabuzeiro, na orla da restinga, á beira do rio. Á sua direita, na mesma linba, Ayres manobrando para insensivelmente se lhe approximar Junto de Ayres o interprete judeu, que o commandante hollandez forçara a ficar ali para se entender com o supposto moribundo. Mais acima, para a banda de Olinda, o sargento. A poucos passos d'este os dois soldados, que tinham largado os mosquetes a fim

de obedecerem á ordem recebida. Áquem e álem uma secção da escolta em filas irregulares.

Conversavam os hollandezes distrahidos e negligentes, como quem via proximo o descanso depois de muitos dias de pesadissimo serviço.

Levantou-se o agonisante a custo e gemendo. Como que mal podia comsigo. Cobrando porém subitamente as forças, de inopinado e simultaneo movimento dos braços derribou os dois hollandezes que lhe interceptavam a communicação, e com pulo de jaguar arremessou-se ao rio, bradando em ar de provocação e desafio á escolta inteira:

— S. Jorge pelos Brazis!

No mesmo ponto uma voz lastimosa clamou:

— Deus de Isaac e de Abraham, valei-me!

Ayres, vendo aberto o caminho, tinha reventado em possante esforço os derradeiros fios da corda, quasi de todo gasta.

Feito isto deitara logo a mão ao interprete.

Correram os hollandezes; mas o robusto arcabuzeiro, convertendo o judeu em broquel para oppôr ás armas apontadas, recuou rapidamente até á borda do restinga.

Ahi, sem largar o infeliz israelita, gritou-lhe:

— Dá graças a Deus, que morres baptisado!

E atirou-se á agua como Vieira!

Ayres mergulhava com as suas armas, como os heroes de Homero. N'estes apertos era unica arma

de Ayres o judeu tornado escudo. O judeu portanto mergulhou também.

As filas dos hollandezes guarneceram instantaneamente a margem do pontal.

Decorreram segundos. Aguardavam os mosqueteiros de Vanderburgo que os dois fugitivos surgissem, como um bando de caçadores espreira avidamente a preza.

Appareceram com effeito á flor d'agua as cabeças de Vieira e do arcabuzeiro, já proximos um do outro, a coisa de vinte braças de distancia. Vinham á superficie para respirar.

— Fogo! — bradou immediatamente o commandante da escolta desesperado.

Uma descarga regular acompanhou a bem dizer a voz.

Mas já os dois haviam mergulhado de novo, cortando a corrente.

Recochetaram os pelouros ao lume d'agua, saltando muito além dos prófugos.

— Qual de vós outros sabe nadar? — perguntou o hollandez aos seus soldados.

Sairam á frente quatro mosqueteiros de Flessinga, que tinham mareado nas frotas.

O commandante continuou:

— Um mez de soldo, se os trazeis aqui vivos ou mortos. Um anno de carcere, se voltaes sem elles.

Percebera que de pouco lhe serviria fazer fogo sobre homens, que se esquivavam com tamanha

facilidade e tam admiravel presença de espirito, sem contar que as armas de fogo naquella época não permittiam descargas tão certeiras nem tão rapidas como as de hoje.

Entretanto os que ficaram em terra carregaram logo os mosquetes para estarem promptos sempre, ou a atirar sobre os fugitivos quando apparecessem, ou a varejar a margem opposta, se estes conseguissem abordal-a.

Tremenda era pois a situação para os dois!

Traçaram os quatro hollandezes os mosquetes nos hombros, e atiraram-se á agua, mostrando desde logo que em vigor e pericia nada eram inferiores aos perseguidos.

Vinha ao de cima, meio morto, o desgraçado interprete, quando o primeiro dos antigos maritimos de Flessinga se deitou ao rio.

Com o instincto de conservação, que nunca abandona o homem, o hebreu na ancia de naufrago afferrou-se áquelle inesperado soccorro.

Paralysava este peso inerte os movimentos do nadador, e ambos corriam perigo de se afundarem.

Vendo o soldado que os seus camaradas lhe tomavam a dianteira, murmurou uma praga horrenda, e procurou no cinto a adaga para se livrar do estorvo incommodo.

—Trazei-o a terra!—bradou o official condoido percebendo-lhe o movimento.

O soldado obedeceu, posto que não muito por sua vontade.

Voltando a si, o interprete desatou n'uma torrente de acções de graças a todos os prophetas.

O soldado arremessou-se de novo, bracejando com tal furia e exito que bem justificavam as suas esperanças de primazia.

Tudo isto se passara n'um relance.

XXI

Em que Vieira e Ayres Gil se illustram por novos feitos

Começou então outro genero de perseguição, perseguição tam medonha, tam formidavel, tam dramatica, tam cheia de perplexidades e terrores, que á beira do areal todos os olhos estavam fitos, todas as respirações suspensas, e todos os peitos anhelantes.

Tinham os hollandezes levado comsigo os mosquetes, porque bem podiam não alcançar os fugitivos no rio, e logo que aportassem á outra margem lbes seriam preciosas estas armas. O peso d'ellas demorava-os porém um tanto. Em compensação, Ayres e Vieira, sendo obrigados a mergulhar com frequencia, demoravam-se tambem.

O hollandez, que estivera em risco de ser victima do judeu, apesar de ter perdido não pouco avanço, visivelmente se avantajava.

Era um d'aquelles destemidos mareantes dos Estados, que então principiavam a rivalisar com os ousados navegadores tam esmeradamente creados pelo infante D. Henrique. Podia-se dizer que nascera no oceano. Só passara ao exercito de terra, porque, tendo-se casado por amores, ao revez de mestre Estouro. julgara mais sedentaria aquella vida.

O destino e a companhia das Indias haviam decidido outra coisa.

Achando-se no seu elemento, resurgiam-lhe com vigor novo os costumes e instinctos de marinheiro.

Estimulava a todos a recompensa promettida, o temor do castigo, principalmente a emulação. Os camaradas assistiam reunidos á temerosa e improvisa luta. Timbrava cada qual em mostrar a sua superioridade, assim sobre os que haviam ficado em terra, como sobre os que entravam na porfia que d'esta arte fixava a attenção geral.

Podia considerar-se um repto, como os da epopea antiga, com as hostes dos guerreiros por testemunhas, com as ondas por campo de pugna.

Os nossos heroes sabe-se já que homens eram. Tinham atrás de si o opprobrio e o captiveiro; adiante a liberdade e a esperanza.

Os outros prisioneiros, bem que mais estreitamente vigiados depois do inesperado lance dos dois, tiveram tentações de applaudir o rasgo heroico, e muitas mais de o seguir.

Faltavam-lhes as invenções e a pratica do veterano das Indias e Flandres; faltavam-lhes as prendas e a energia do moço caçador; e os hollandezes estavam prevenidos.

Era Vieira o mais adiantado. Ayres Gil seguia-o de perto. Empregando ambos a mesma tactica, obliquavam a cada mergulho em differentes direcções, já para illudirem a mira dos mosquetes, já para desorientarem os nadadores hollandezes.

Estes desvios, com serem indispensaveis e salutaes, atrasavam, como se disse, a arribada á margem salvadora.

O marinheiro hollandez, particularmente mencionado, acercava-se a olhos visto de Ayres, que lhe ficava mais á mão, e, animado pelos gritos dos camaradas no pontal, redobrava o esforço para se apoderar da presa fiando-se em si.

Os outros tres acossavam não menos empenhadamente Vieira, como a pessoa mais qualificada.

Estavam os fugitivos a pequena distancia da beira opposta. Todavia ambos pareciam irremediavelmente perdidos.

Ayres sentia já a respiração violenta do seu

adversario. Voltando o rosto, viu-o alongando o braço para colhel-o.

Como se terá já conhecido dos varios lances d'esta historia, as resoluções do arcabuzeiro são, em taes extremidades, tam rapidas como bem concertadas. Mergulha de repente em quanto o hollandez involuntariamente avança no impulso que leva, com maravilhosa presteza surge atraz d'elle, e impelle-o para a margem com impeto irresistivel. A inesperada e atrevida manobra turba o hollandez, preado quando julgava prear. Tenta mergulhar tambem; Ayres sustem-n'o pelo cinto, não o deixa resfolegar, e leva-o de arrancada até a beira que ali se inclina em facil acclive.

Tomaram ambos pé simultaneamente com agua pelos peitos.

O hollandez levava, além do mosquete traçado, a adaga nua no cinto. Davam-lhe as armas vantagem incontestavel, e em terreno firme decisiva.

Assim pelo menos se devia crer; mas com Ayres não havia que fiar.

Tanto que abordaram, o arcabuzeiro deitou as mãos ao mosquete do hollandez e deu dois passos para o lado. Depois, puxando o mosquete para si com o vigor que já se lhe conhece, derribou o inimigo, e arrastou-o galgando a ladeira.

O hollandez, atordoadado e meio estrangulado pela bandoleira de corda, aferrou-se convulsamente ao solo fazendo firmeza para resistir.

Quando ambos chegavam ao alto da rampa, o mosquete fugiu das mãos a Ayres despedido na carreira.

O hollandez, respirando emfim, quiz levantar-se em continente, apoiando a mão esquerda no chão, e mettendo a direita á adaga.

O arcabuzeiro não lhe deu tempo. Mal o antagonista se arqueava para erguer-se, caiu sobre elle, enlaçou-o pelo meio do corpo tomando-lhe os braços e alçou-o ao ar voltando-o para os tiros dos seus camaradas, pouco mais ou menos como o famoso Milon de Crotona suspendia na arena os athletas rivaes, ou como Hercules venceu a luta contra Antheo.

Dera-se Ayres perfeitamente com o expediente do escudo humano: repetia-o sem se affligir do plagiato.

Via tudo o commandante da escolta, e espumava de ira. Os mosqueteiros hollandezes não ousavam fazer fogo, temendo sacrificar o camarada juntamente com o fugitivo.

O broquel de Ayres era por tanto efficaz; mas d'esta vez muito menos passivo do que o fôra o judeu.

Forcejava o hollandez com desesperada furia por se desempecer do arcabuzeiro, ou tolhel-o; mas os musculos d'este eram como temperados de ferro. Apesar de todos os esforços do adversario, Ayres ia lentamente recuando e medindo o caminho sem vacillar.

D'ahi a pouco, triumphalmente abraçado ao seu perseguidor, tornado involuntaria defesa e aprisionado tropheu, sumiu-se no matto espesso, cujo conhecido abrigo não cessara de procurar com os olhos.

Ao tempo em que se passava esta scena, tinha lugar, a pequena distancia, outra não menos interessante.

Havia tambem Vieira traçado o seu plano. Expressamente escolhera para abordar o ponto que parecia mais inacessivel. Era uma quebrada profunda. Levantava-se ali a margem alta e aprumada. Em vez do suave esconso que mais abaixo fazia, o terreno alcantilado, comido das correntes refluidas, figurava aspera muralha no corte perpendicular.

Caía n'aquelle sitio, graciosamente debruçada na agua como para lhe beber a frescura, a extremidade flexivel de um cipó verde, que a poucos passos engrinaldava uma balsa de grossos mangues, e, coleando pela terra, descia á ribeira. Era uma especie de sarmentosa, de rija fibra, e tam longa, tam longa, que enleando fortemente os troncos, vinha quasi beijar o rio.

Vieira conhecia bem a gigantesca planta, e contava-a por auxiliar.

Cortou direito a esta paragem. Os que o viram julgaram-n'o tresvariado.

Tem a caça humana a sua attracção inebriante.

Os tres hollandezes perseguiram-n'os ardentes no alcance. Vinham, como os Curiacios, reciprocamente distanciados, segundo a diversa medida de suas forças.

Chegando ao termo desejado, Vieira lançou mão ao cipó, pendente como um braço valedor, e respirou largamente para recolher as forças. Julgou-o extenuado o hollandez mais proximo, e avançou com ardor maior. Deixou-o Vieira approximar, como se o não sentira; e, largando a ponto o cipó, voltou-se para elle subitamente, nadando ao seu encontro.

O hollandez pensava em atacar, mas nem julgava possivel ser atacado. Stupefacto e colhido de improviso, sem curar de si, sem bem saber o que fazia, quiz cingir nos braços o mancebo, que vinha, porque assim digamos, lançar-se n'elles.

Mas já a mão rapida e experta de Vieira lhe arrancara a adaga do cinto, e lh'a embebera na garganta por cima da gorgeira. Quasi do mesmo golpe, o lemerario moço cortou-lhe velozmente a bandoleira do mosquete, e por ella suspendeu a arma antes que esta se afundisse.

O hollandez gargarejou um gemido, açoitou a agua na convulsão de agonia, e submergiu-se.

Os outros dois, sem poderem ainda avaliar completamente o que succedêra, puxavam quanto podiam; Vieira segurou nos dentes a bandoleira com o mosquete appenso, e mettendo no cinto a adaga conquistada, entestou de novo para a margem.

Chegando ali, colheu o cipó, alou-o a si até o estirar, e subiu á força de braços, como por um cabo o podera fazer o mais consummado marítimo.

Em quanto subia, uma saraivada de peloiros veio estrellar-se-lhe aos lados nos seixos da riba, com a rara felicidade de só um lhe roçar o hombro.

O movimento oscillatorio d'esta ascensão gloriosa contribuíra provavelmente para salvá-lo.

Vieira, pendente ainda sobre o rio, attingia quasi a orla superior quando os hollandezes restantes nadavam litteralmente no sangue do seu compa-nheiro, que tingia a superficie das aguas.

Rugindo de furia, e vendo a disposição do terreno, os perseguidores separaram-se, e foram tomar pé, um abaixo outro acima do ponto a que o mancebo se içara.

Na margem fronteira, o commandante da escolta blasphemou um desatino. Em torno d'elle, os prisioneiros saudaram a audacia feliz dos fugitivos, sorrindo com o placido sorriso que teem os heroes e os martyres.

Já no cimo da empinada riba, Vieira, em vez de se deitar por terra e acoitar-se entre os carcaes, como pedia a prudencia, ergueu-se em pé, e flo-reando no ar o mosquete como um tropheu, levantou o conhecido e já immortal grito, desafio aos inimigos apinhados, consolação aos amigos captivos:

— S. Jorge pelos Brazis!

— Fogo, fogo ! — bradou com impeto frenetico o official hollandez aos seus mosqueteiros, que tinham activamente carregado de novo.

À acclamação heroica respondeu segunda descarga !

Quando a fumarada se dissipou, o mancebo, que os hollandezes julgavam crivado, entranhava-se como Ayres pelo mato, de mosquete ao hombro, no seu passo ordinario.

XXII

O fim da luta

Muito haviam feito os nossos dois amigos pela sua salvação. Não pouco porém lhes faltava ainda.

Dos quatro perseguidores, um só ficara absolutamente impossibilitado de prejudicar-lhes. Havia pois ainda tres completamente armados.

O que Ayres convertera de offensor em defensor, se bem que momentaneamente paralysado, não parecia homem de ficar em ocio dês que tivesse os braços livres e tocasse o chão com os pés.

Em verdade não podia áquelle o mosquete servir já de muito como arma de fogo; mas podia prestar-lhe grande serviço como clava ou massa de guerra, e a adaga, que não largara, funcionaria provavelmente á custa do arcabuzeiro se este lhe dêsse largas.

Ayres desarmado não havia de ficar eternamente abraçado ao hollandez. Era de dar brado a carga; mas o veterano, que em certas occasiões sabia ser superior ás tentações da gloria, meditava seriamente no modo de se alliviar do peso com o menor inconveniente seu.

Os dois ultimos hollandezes haviam manobrado na intenção visivel de cortar o passo a Vieira. Além d'isso, Vanderburgo, ouvido o tiroteio, queria provavelmente saber o occorrido, e sabendo-o, poderia acaso enviar novos nadadores.

Cumpria portanto aviar.

Vieira conhecia admiravelmente os trilhos do mato, e podia promptamente evitar os riscos mettendo-se pela floresta.

Mas o camarada? A situação em que se achava Ayres, sem armas, carregado com um hollandez, na perspectiva de encontrar outro, e talvez dois, era para dar cuidado.

Ainda que o arcabuzeiro possuísse na carreira a velocidade de Atalanta, ou as artes da princeza Crimhilda, não poderia brilhar pela prenda. Em vez de pomos de oiro, ou punhados de pedrarias, para espalhar na liça, tinha nos braços um marinheiro robusto, que perneava soffrivelmente, sacudindo o seu antagonista, pouco mais ou menos como um quadrumano sacudiria um ramo de coqueiro. Corria por tanto graves contingencias.

Calculou tudo isto o mancebo. Vira elle a reti-

rada brilhante do arcabuzeiro, e a direcção que levava ; observara também o movimento dos dois holandezes e facilmente lhes percebera o intuito.

Isto bastou para o orientar e decidir.

Endireitou para o lado onde presumia encontrar o arcabuzeiro, que não podia andar muito afastado.

A altura e espessura do mato não o deixavam descobrir longe. Parou para interrogar os sons. Estava tudo em silencio. Este silencio inquietou-o.

De repente uma praga formidavel, cuja intonação lhe era familiar, soou-lhe a pouca distancia, attrahindo-o e estimulando-lhe o ardor.

Deixámos Ayres com a sua presa, que o fatigava consideravelmente. Explorava elle a um e outro lado com os olhos o terreno, tanto quanto lh'o permittiam os meneios furibundos do hollandez e a corpulencia d'elle. Esperava que a sua boa fortuna lhe proporcionasse alguma ribanceira, caverna ou charco, onde o estatelasse e estoirasse. Com este cuidado ia desattento aos pequenos obstaculos do piso.

O arcabuzeiro, sem o saber, imitava o philosopho que, investigando os astros, não viu o poço.

Não um poço, mas uma raiz de cacto silvestre causou o fracasso do arcabuzeiro, que, além de comparavel ao philosopho, podéra também ser comparado aos dois heroes de Troya e Grecia—Eneas por ajoujado com o seu Anchises de contrabando — Achilles por colhido no calcanhar.

Ayres, tropeçando, perdeu o equilibrio como o fizera perder ao hollandez. O hollandez com o estremeimento da queda conseguiu voltar-se, e lograria soltar-se de todo, se o arcabuzeiro, na ancia do perigo, não o apertara de novo a si com furia sobrenatural.

Por uma inversão, frequente na vida, o volumoso marinheiro dos Estados, face a face com o inimigo, ficou por cima deste. Ayres achou-se desastrosamente estendido em leito, de que bem podia dizer como o imperador Guatimozin: «que não era de rosas.»

Inutil será mencionar como o hollandez sentiu grande allivio e interior satisfação com este reviramento de fortuna, cuja primeira consequencia era não desperdiçar o nosso Ayres nem um escrúpulo das sete ou oito arrobas que podia pesar o maritimo de Flessinga, engordado a batata, circumstancia de que naquelle momento dava graças a Luthero e a Calvino.

A posição de Ayres, além de excessivamente incommoda, tornava-se cada vez mais grave. Caindo, tivera o arcabuzeiro, como se viu, o accordo de não deixar livre o inimigo, concentrando todas as suas forças em apertal-o mais e mais contra si, sem o que estava irremediavelmente perdido.

Seguiu-se nova luta, luta horrenda e temerosa.

O hollandez, achando ponto de apoio, entalou sob os joelhos os joelhos de Ayres, para evitar que este, arqueando-se, o lançasse de lado; e, tomando elle

uma curvatura potente, sincando a cabeça na cabeça do antagonista como lhe cravava os joelhos nos joelhos, fazia esforços obstinados para romper a cadeia dos braços tremendos, que paralytavam completamente o movimento aos seus.

Era difficil resistir á força combinada desta especie de alavanca humana. Só uma prodigiosa tensão dos musculos, impossivel de continuar por muito tempo, fazia com que Ayres não tivesse já succumbido.

Mettia medo olhar para aquelles dois homens, em que á natural robustez se juntava o impeto das paixões e a angustia da morte emminente. Horrorisava observal-os assim, a fronte contra a fronte, os olhos fitos nos olhos, inflammadas as pupillas, os labios arregaçados, cada tendão incrustado no corpo do contrario!

Se não fôra a postura, crêra-se abraço fraterno. Era um abraço mortal.

D'aquelle esforço potente, herculeo, supremo, resultava uma immobildade terrivel de ver.

Neutralisavam-se reciprocamente as forças, por que a vantagem da posição cabia ao hollandez; mas era facil prever o desenlace.

Conhecia-o Ayres, e por isso desatara a imprecação, que servira a Vieira como a estrella aos reis magos.

Meio suffocado pelo peso do hollandez, e não podendo já resistir ao impulso tenaz do adver-

sario, dava o arcabuzeiro a todos os diabos a execução infeliz de plano tão bem traçado e começado, quando, ramalhando o matto, appareceu abrindo passagem o moço commandante dos voluntarios.

Mas ao mesmo tempo, da banda da margem, accorria o segundo hollandez, attrahido tambem pelo som da praga furiosa de Ayres.

Ayres continuava pois nos mesmos riscos. A intervenção de Vieira seria decisiva, se não fôra a appareição inoportuna do outro hollandez.

Proseguia portanto o combate em condições identicas: havia só mais dois combatentes.

Ouvindo a voz conhecida de Vieira, julgou-se o arcabuzeiro salvo, e, fortalecido com esta esperanza, querendo acaso decidir por si a victoria, tal empuchão deu, que esteve a ponto de arremessar effectivamente de lado o contendor, o que talvez lhe offerecesse probabilidades de triumpho.

Foi porém momentanea esta melhoria. A presença do segundo hollandez, produzindo no animo do competidor de Ayres o mesmo effeito que n'este fizera a de Vieira, em breve restabeleceu o equilibrio.

Quanto ao mancebo, o mesmo foi dar com os olhos n'aquelle novo inimigo, que arremetter para elle com o denodo costumado.

Dependia tudo da rapidez e exito do segundo combate: este resolveria o primeiro.

Comprehendeu-o Vieira. Sentiam-n'ò egualmente os dois atletas, que a poucos passos empenhavam todas as suas forças em mortifero enlace.

O hollandez opposto a Vieira mediu prudentemente o espaço, e, achando-se mais perto dos dois lutadores, pensou que teria tempo de esmagar a cabeça ao arcabuzeiro antes de se achar ao alcance do moço voluntario. Ganhava assim um auxiliar contra este.

Dito e feito. Corre para os dois, grita ao camarada que afaste a cabeça, levanta o mosquete às mãos ambas pelo cano, e Ayres, sem poder largar o inimigo, sem poder guardar-se, vê sobre o rosto a coronha calçada de ferro, julgando inevitavel a ultima hora.

Desafogou em segunda praga, mais energica de que a outra.

Como que as pragas de Ayres possuiam certa virtude preservativa.

A pesada arma, descendo, encontrou já o mosquete de Vieira, que, mais veloz e não menos vigoroso que o hollandez, estava com este.

Foi terrivel o embate. As coronhas voaram em pedaços, como as lanças dos justadores antigos to-pando-se em cheio na arena.

Recuaram os dois por movimento unanime, e, fitando-se, metteram simultaneamente mão às adagas.

Os dois hollandezes animavam-se com palavras

furiosas. A vergonha e o desar de tão prolongada luta, contra fugitivos inermes, haviam tornado áquelles homens os primeiros estímulos em paroxismo de raiva.

Ayres, entretanto, extenuado do longo esforço, cedia pouco a pouco ao impulso do seu inimigo, que ia cada vez ganhando maior curvatura, e por consequencia mais poder.

Eram dois duellos horrorosos, um ao pé do outro, um ao lado do outro — duas agonias mutuamente dependentes.

Percebeu o arcabuzeiro que dentro em minutos, em segundos talvez, estaria a sua vida nas mãos do hollandez, e lançou os olhos a Vieira.

Vieira não perdia o tempo: o mesmo foi arremessar o mosquete partido, que voltar logo de adaga feita sobre o hollandez adverso.

Teve este apenas tempo de aparar com o braço esquerdo: o ferro furioso atravessou-lh'o de lado a lado. No mesmo instante Vieira recuou de um salto: sentira também nas carnes o frio contacto da lamina do hollandez.

O sangue corria de ambos até ao chão. O hollandez estava livido. Vieira, que nunca perdia a serenidade, sorria como costumava, um sorriso nervoso e medonho.

Aquelle combate de arma branca, o braço ao alcance do braço, o peito sob o gume de ferro, tão proximos e chegados, a sentir cada qual os anhe-

litos furibundos do inimigo, não era menos temeroso do que o abraço convulsivo dos outros dois.

Julgáreis ver os lutadores e dimacharios dos sangrentos circos romanos, disputando a taça de ouro e os applausos barbaros do povo rei!

Vieira e o segundo hollandez separaram-se de novo, fuzilando raios dos olhos injectados. Separavam-se para se assaltarem mais terrivelmente ainda!

Desta vez, cada um delles calculava o golpe e a astucia para tornar decisivo o encontro.

Nunca fôra tam temerosa a situação. Concentravam-se as faculdades dos contendores, multiplicando-se por todos os graus da sua anciedade.

N'isto conseguiu o primeiro hollandez desaffogar-se dos braços de Ayres Gil, desligando as mãos que lentamente haviam cedido á dilatação successiva e irresistivel.

Soltou aquelle um grito de triumpho; Ayres nenhuma imprecação já. Calculava em silencio os horrores e consequencias da sorte que o esperava.

D'ali por diante, tanto como a sua vida, a vida de Vieira, estava á mercê d'este inimigo, que se levantava armado e vingativo.

Tanto que se viu solto, o hollandez firmou-se na mão direita; e, curvo ainda como estava, com o arcabuzeiro subjugado debaixo do seu peso, levou a esquerda á adaga que tinha no cinto para acabar sem mais demora o adversario.

Deitou-o a perder esta precipitação. Ayres, per-

cebendo-lhe a imprudencia, acudiu rapidamente. Com uma das mãos fixou a mão do hollandez contra o punho de ferro da adaga, esmagando-lh'a na compressão, e impedindo-o de fazer uso da arma.

Ao mesmo tempo, retrahia com a outra o braço em que o hollandez sustinha o corpo. Perdido aquelle apoio, recaía este, e ficava em peor posição do que antes.

Para melhor se comprehender o lance, cumpre não esquecer que o arcabuzeiro, deitado de costas, tinha livres os braços ambos, ao passo que o hollandez, sujeitando-lhe meio corpo com os joelhos, precisava espalmar na terra uma das mãos, já para sair da posição horisontal que lhe inutilisava as armas, já para conservar a vantagem que depois de tantas diligencias obtivera.

Tudo estava em saber se o hollandez conseguiria tirar do cinto a adaga.

O esforço, que este era obrigado a empregar para conservar o braço direito na posição referida, afrouxava o impulso necessario á mão da adaga. Ayres, pelo contrario, concentrava neste ponto todas as suas forças, porque, se o hollandez cedendo á dôr, largasse a arma, ficar-lhe-hia esta nas mãos, e na situação em que se achava era de certo a salvação.

Gemeu o hollandez com o novo genero de tortura. Aljofarava-lhe um suor frio a extremidade dos cabellos hirtos. Uma nuvem sanguinea lhe toldava

os olhos. Revelava nas contracções do rosto a dupla expressão do odio e do martyrio.

E Ayres a apertar, a apertar, a triturar com a mão rija e callosa os dedos do inimigo contra os copos da adaga!

A sede da vingança immediata cegára o hollandez. Se elle se erguera promptamente, achar-se-hia armado e fóra do terrivel alcance do arcabuzeiro antes que este podesse ser senhor de si.

— Animo, Ayres! bradou Vieira sem perder de vista o adversario.

N'este ponto o hollandez contraposto ao mancebo, julgando este distraído, caíu sobre elle.

Vieira contava com o ataque, e esperava-o. Furtando-lhe agilmente o corpo, o hollandez só feriu o vacuo. No comenos a adaga do mancebo desapareceu até ás guardas no lado desarmado do infeliz, que foi ao chão sem um suspiro, salpicando o companheiro tomado de horror.

— S. Jorge pelos Brazis! gritou Vieira triumphante correndo para Ayres.

— Victoria! bradou este, mostrando a adaga arrancada ao hollandez, que finalmente cedêra caindo de lado, meio desmaiado de dôr e com gestos supplicando a vida!

Pedia a vida o hollandez, porque na patria outra deixára pendente da sua!

— Sangue inutil não, Ayres! — clamou o mancebo intercedendo. Este homem é prisioneiro.

— Prisioneiro dizeis?—replicou Ayres apontando para a extremidade da clareira onde se passava o combate. — É cedo. Olhae por vós.

Indicava elle o terceiro hollandez, que aportára acima do ponto em que Vieira subira, e que, se os leitores bem se lembram, conservava o mosquete.

Tivéra este ultimo a precaução de enxugar cuidadosamente a arma, de carregal-a, ferir lume, e accender o morrão de corda prudentemente resguardado.

Estava o novo inimigo a pouco mais de vinte passos, e mirava n'aquella direcção, hesitando só por ver a situação do camarada. Tinha procurado Vieira por entre o matto, presentira o rumor da luta e chegára a tempo de intervir ainda.

Nova complicação n'esta peleja interminavel.

Ayres não tivéra ainda tempo de se melhorar de todo. O seu antagonista reanimou-se com o incidente, conseguiu n'este intervallo pôr-se em pé de um salto, e empunhar o mosquete que tinha ainda traçado no hombro.

Ayres ergueu-se logo tambem.

A posição dos nossos dois amigos, depois de tantas alternativas e vicissitudes, podia considerar-se de todo desesperada no proprio momento do triumpho.

Os dois hollandezes deram-lhes a entender que se rendessem.

Ayres coçou a orelha e apertou a adaga nas mãos.

Vieira tornou a sorrir d'aquelle sorriso pallido e agoureiro, que nas occasiões de risco supremo, como este, o fazia tão terrivel.

Um pelo menos seria victima do mosqueteiro distante, que o fuzilaria a salvo. O que ficasse teria contra si dois homens superiormente armados.

Parecia inevitavel.

Não era porém menos evidente, que nem um nem outro se mostrava disposto a ceder ao convite.

Tinham ambos passado por taes aperturas, que ainda n'esta os não abandonava a confiança. Conheceram os hollandezes a resolução dos dois, e concluíram que lhes cumpria não vacillar mais.

O adversario de Ayres avançou para este; o outro mosqueteiro fixou a pontaria sobre Vieira.

Passava-se tudo isto sob um céu claro e limpido. Como que a natureza, magnificamente impassivel, sorria indifferente ás lutas pequenas dos homens.

Era porém o dia das peripecias subitas.

No momento em que o hollandez, encostando o mosquete a um tronco, aproximava o morrão, ouviu-se um silvo tenue e agudo no meio do silencio mortal desta scena, e em vez de despedir o tiro o mosqueteiro cambaleou e caiu para trás.

Conhecia Vieira aquelle genero de silvos e de novo bradou:

— S. Jorge pelos Brazis, Ayres!

No mesmo ponto sahiu do matto o Potyguarassu, o chefe taboyar que já se entreviu n'esta narrativa.

A frecha do gentio pregara no hombro do hollandez o braço levantado em acto de chegar fogo.

O Potyguarassù, sobrevivendo tanto a tempo, fôra auxilio decisivo.

O hollandez ferido e o seu camarada prisioneiro, sob a guarda de Ayres Gil e Vieira, serviram de trophes á victoria, e de attestado ao milagroso livramento.

XXIII

O incendio

A armada hollandeza, esperando que as tropas desimpedidas lhe facilitassem o accesso da barra, vigiava estreitamente a costa.

No porto ancoravam trinta navios portuguezes carregados das mercadorias, que não tinham podido, nem podiam, ser removidas em tão pouco tempo, quando tão diversa e urgente occupação era dada aos braços resolutos.

Estes despojos opimos iam ser presa do vencedor, pagar-lhe os esforços, avivar-lhe a cobiça, e contribuir para estabelecer longamente o seu dominio.

Pertenciam em grande parte os carregamentos dos navios aos opulentos fazendeiros, que se haviam congregado em torno do capitão mór, pessoas

geralmente da nobreza, e todos homens principaes da capitania. Muitos d'aquelles valores, e não dos somenos, eram propriedade particular de Mathias d'Albuquerque e de seus irmãos, que tinham bens na Bahia, em Pernambuco, e Parahiba.

Mathias d'Albuquerque, rendido o forte de S. Jorge, mandou evacuar o Recife, que já não tinha defesa. Apenas deixou na chamada praça alguns arcabuzeiros, camaradas de Ayres, veteranos das companhias de soldo. Eram seus conhecidos antigos; podia contar com elles para tudo.

Estavam aquelles homens costumados a nem raciocinar ordens recebidas. Cumpria que assim fosse para o que Mathias d'Albuquerque d'elles queria.

Ficavam-lhes em guarda tentações capazes de fazer vacillar as mais solidas virtudes.

O Capitão-mór andou pessoalmente pelos armazens e pelos navios dispondo fachinas empapadas em alcatrão, resina, e outras materias facilmente inflammaveis que não faltavam ali, distribuindo os artificios de fogo que lhe tinham sobrado na praça, tecendo emfim á volta de tudo uma rede de estopins artisticamente accommodada e ordenada. Esta rede cingia os navios desde as cavernas até aos topos, e abraçava os edificios desde o piso até aos tectos.

Em nenhuma das disposições preliminares da guerra mostrara ainda tanto desvelo o providente chefe.

Terminava elle estes preparativos quando se lhe apresentaram Vieira e Ayres.

Contou o moço em breves palavras as derradeiras aventuras e redempção de ambos.

O capitão-mór, que os não esperava, para mostrar quanto folgara em vel-os, e em ouvir o narrador, disse para este :

— Fallaremos depois, e muito hemos de fallar. Agora quero dar-vos os agradecimentos e as boas vindas.

— Agradecimentos !

— Agradecimentos ; e não podereis recusal-os, Vieira. A ponto nos chegaes. Precisava justamente de um homem como vós, e não tinha certeza de encontral-o. Requeiro-vos novo serviço.

— Mandae.

— E a Ayres tambem. Deus foi certamente... foi Deus que vos salvou e vos envia.

— Oh ! senhor meu !

— Digo o que sinto. Vinde commigo.

Levando-os na sua companhia a fazer a ultima inspecção dos armazens e navios, foi-lhes explicando o engenhoso systema de rastilhos que havia estendido e predisposto.

— Que vos parece ? — continuou para o moço Vieira, voltando ao Recife.

— Parece-me que algumas horas bastariam para...

— Parece-vos bem.

Depois, inclinando-se-lhe ao ouvido, deu-lhe uma

ordem breve, que o mancebo recebeu sem o menor signal de espanto nem o mais leve indício de recusa.

— Tudo ? — perguntou apenas, como para bem comprehender.

— Tudo—affirmou o capitão-mór em tom absoluto.

— Será cumprido.

Despediu-se Mathias d'Albuquerque recomendendo particularmente a Ayres que obedecesse a Vieira. N'este ponto o arcabuzeiro não precisava já estímulos.

O forte de S. Francisco da Barra fôra investido do lado de terra, logo que o de S. Jorge se rendera. A resistencia aqui, vimol-o desde o principio, era impossivel.

Ao cair do dia em que Mathias d'Albuquerque saiu definitivamente do Recife, o commândante d'aquella fortaleza, prevenido por um signal do capitão-mór, pediu capitulação.

N'essa noite lugubre silencio pesava sobre a praça e o porto. Mal se entreviam no convez dos navios, ou em frente das tercenas, os vultos immoveis dos arcabuzeiros de soldo, firme cada qual no seu posto.

Vieira, segundo o seu costume, rondou toda a noite para conservar álferta as sentinellas: Ayres imitou-o.

Ao quarto d'alva estavam ambos no Recife espe-

rando o que quer que fosse. Vieira não tirava os olhos do lado da Barra: o arcabuzeiro assoprava a miude a corda de um mosquete que tinha ao pé, avivando-lhe cuidadosamente o lume.

— Que vos parece o modo de agradecer que tem o nosso capitão-mór, sr. Vieira? — perguntou Ayres ao mancebo.

— O melhor, e o mais honroso. Que maior premio que tal confiança?

— Não digo que não, mas não dá tempo sequer a um homem se refazer. Ainda bem não está acabada uma, logo outra.

— Nada está acabado, Ayres, em quanto o estrangeiro pisa a terra da patria. Aqui tal encargo é o mais subido premio, e dal-o é patentear quanto foi merecido. Digo-vos que sabe agradecer como ninguém, o nosso capitão-mór.

— Pois sim, mas sempre vos observarei, salvo o respeito, que depois da lida de hontem não me soubera mal descansar.

— Não é descanso, isto? Tempo sobrá quando não tivermos o inimigo em casa. Demais, não é de perigo o feito que nos ora incumbe o sr. capitão mór.

— De perigo não, mas de enfado. Perderem-se tantas coisas! Que dor de coração!

— E na mão dos hollandezes não ficavam ellas mais perdidas?

— Tanta pipa de vinho generoso, sem alma christã poder aproveitar-se...

— Doe-vos com effeito isso?

— E penso que não é sem razão.

— Então porque vos não aproveitastes, dizei?

— Eu!

— Vós sim, Ayres.

— Ayres Gil tocar... n'um cangirão que fosse! Depois de saber as ordens! Com a lingua de fóra que estivesse! Na verdade, um homem aqui no meio de tudo isto, é como se estivera a arder em sede ao pé de um rio. Tem-me lembrado... lembrou-me, não n'ó escondo... mas Ayres, em sendo caso de serviço, tem mão em si, e nem por todo o oiro de Minas... Se as sedes apertarem, o Biberibe está perto.

— Ah! vereis como vos reconhece essas prendas de soldado quem tanto n'ellas se fia.

— É o mesmo. Não se me abrande com isso a pena do estrago. Quer-me parecer que em quanto nós, no forte, detinhamos os hollandezes, bem podiam aqui ter despejado os armazens e os navios, que tudo viria a servir a seu tempo.

— Tirou-se o que se poudes, o essencial. Mais não podia ser. Com que braços? Os homens da cidade andam quasi todos fugidos. Dos moços do porto poucos ficaram, e esses eram precisos para acudir a misteres de maior instancia, como logo vereis nos reaes. Perde-se muita riqueza. Que tem? É para se não perder outra maior, a nossa terra.

— Se esse é o vosso parecer...

— E o vosso também, Ayres.

— Eu, a bem dizer, nem já sei qual é a minha terra. Tenho visto tantas!

— Sabeis. É onde está a nossa bandeira.

— Oh! isso é!

— É pois também o vosso parecer e o vosso sentir, que não menos vos conheço.

— A respeito de bandeira, olhae, sr. Vieira... Se me não engana este lusco fusco do amanhecer, não é a de Hollanda, a que lá em baixo içam no forte da Barra?

— Dizeis bem, é.

— Já?

— Com isso devíamos contar.

— Embora: sempre custa!

— E em breve não tardará a frota. É ocasião, Ayres.

— Cheguem, cheguem-se embora. Pois que ainda não vem bem clareado o dia, alumiemos-lhe o caminho.

Dizendo, o arcabuzeiro assentou negligentemente o mosquete no parapeito da estacada, e chegou fogo.

A detonação foi longamente repetida pelos eccos.

No mesmo instante, por entre a nebrina de manhã, brilhou subitamente a bordo de cada navio extensa rede de fogo. Das tercenas alevantou-se uma fumarada espessa. Alguns negros, forçando a voga aos bateis, foram percorrendo as embarcações fun-

deadas, e recolhendo os arcabuzeiros, dispersos n'ellas, que em breve se reuniram a Vieira e Ayres, tomando todos juntos o caminho da ilha.

Além da ribeira dos Afogados, que se podia considerar um braço do Capibaribe, estendia-se a planície. N'essa planície, entre o Recife e Olinda, a distancia quasi igual de ambos os pontos, elevava-se um monticulo, d'onde era facil descobrir o porto.

Em torno d'aquelle centro principiavam com grande diligencia a levantar-se em semi-circulo algumas fortificações e trincheiras. Este recinto, base da defeza futura, era já conhecido pelo nome de *Reaes do Bom Jesus*, e por elle tinha de ficar immortal.

Ali congregava o capitão-mor as forças da capitania, e exercitava a população válida e armada.

Rompia o sol. Realçava na eminencia um ajuntamento de homens silenciosos e attentos.

Era o capitão-mór com os principaes cabos da milicia, isto é, os mais abastados e poderosos colonos, como se disse.

Observava-se d'aquelle alto uma variada scena, ao mesmo passo curiosa e terrivel.

Dissipára-se o nevoeiro. Avistavam-se aportando á ilha de Santo Antonio os bateis onde vinham os destemidos incendiarios. Divisavam-se no mar alto

as naus e galeões dos hollandezes dando á vela para demandar a barra.

Mais perto, o Recife e o porto pareciam um vasto brazeiro. A intensidade do incendio era tal que o ar abrazava.

Serpeando por entre os rolos de fumo avermelhado, as enormes linguas de fogo arremessavam-se como que a lambar o firmamento. Sentia-se quasi a crepitação das chammas, e de tempos em tempos a brisa do mar trazia aos capitães da milicia o acre perfume das proprias riquezas, queimadas em immenso holocausto ao genio da patria.

Debalde as lanchas hollandezas, vergando os remos na arrancada, tentaram atalhar o fogo e salvar uma parte ao menos do appetecido espolio. Era temerario, era impossivel permanecer no circulo traçado pelo clarão das chammas. Ardiam os navios até á linha de fluctuação. Amiudavam-se no Recife as explosões das vasilhas de espiritos, que ainda ali tinham ficado com tanto dissabor de Ayres.

As naus nem podiam prestar soccorro, nem approximar-se aos pontos incendiados. Estorvava-as o perigo de tomarem fogo tambem. Acrescia o não poderem chegar navios de maior porte ao Pontal e Varadouro onde ancoravam as embarcações mercantes.

De um lado, os hollandezes assistiam desesperados á ruina das suas esperanças, e começavam a presentir as consequencias de uma guerra caracte-

risada por taes rasgos de ousadia, constancia e abnegação.

De outro lado, os proprietarios d'estas riquezas perdidas contemplavam a sua destruição entre consternados e orgulhosos.

Expressamente convocára o capitão-mór os cabos para lhes mostrar o terrivel espectaculo.

Queria de um golpe aguerril-os contra a má ventura, afeiçoal-os ao sacrificio pela mesma grandeza d'elle, exaltar-lhes os espiritos para lhes attenuar a magoa, e imprimir n'um só lance o desprendimento do soldado a uma população de commerciantes.

Effectivamente, passada a primeira sensação de torpor e assombro, não pensaram todos senão em encarecer as vantagens d'esta grande oblação. Calculavam os resultados que teria contra os hollandezes a resolução de Mathias d'Albuquerque, admiravam a tranquillidade d'este no momento em que, perdendo mais do que nenhum, entregava ás chammas o melhor do seu patrimonio e do patrimonio dos seus. Ninguem queria mostrar-se-lhe inferior no animo.

Isso tem o irremediavel, que muitas vezes o aceitam conformes os proprios que nem ousariam sequer imaginal-o!

Prevaleceu enfim o enthusiasmo na secreta luta. Elevando d'este modo as almas, excitando a um tempo o amor patrio e a aversão aos invasores, causa de

tal perda, o habil capitão-mór fizera das suas milicias cohortes de heroes.

Precisava d'elles!

Após o silencio longo, rompeu os ares uma acclamação estrepitosa e sincera á terra natal e ao chefe resolutos.

Mathias d'Albuquerque, vendo o incendio na sua força, e reconhecendo a impossibilidade de poderem já os hollandezes aproveitar a mais tenue parcella d'aquella enormidade de thesouros, voltou-se para os cabos de maior nome, e sem de longe alludir ao facto consummado, exclamou com a voz e auctoridade d'uma decisão magnanima:

— Sr. Cavalcante, sr. Berenguer, sr. Lacerda, vós todos quantos aqui sois, í-vos cada qual a vossos quarteis; apressae-lhes dia e noite as obras; exercitae sem folga as vossas companhias. D'ora avante é aqui o meu posto. O porto está perdido; mas os reaes do Bom Jesus estam assentes. A guerra da independencia começa!

Estava com effeito começada!

The first part of the history of the
 world is the history of the
 creation of the world. The
 second part is the history of
 the world from the creation
 of the world to the present
 time. The third part is the
 history of the world from the
 present time to the future.
 The fourth part is the history
 of the world from the future
 to the end of the world.

The fifth part is the history
 of the world from the end
 of the world to the
 beginning of the world.
 The sixth part is the history
 of the world from the
 beginning of the world to
 the end of the world.

XXIV

Epilogo

No mesmo dia, pela tarde, aos pés de D. Maria Cezar, a gentil donzella de Berenguer, castamente abrazada de paixão e orgulho, recebia Vieira n'um sorriso a recompensa dos seus sacrificios, e ouvia n'uma pudibunda confissão de amor, promessa de inquebrantavel constancia, o penhor da felicidade futura.

Ayres Gil não tornou a topar micer Arnoldo, o que deixou nas suas mãos o sceptro bachico das Americas.

Mestre Marçal, depois de muitas vicissitudes e aventuras, cujo fio algum dia se retomará, encontrou na Bahia a amavel consorte, que expressamente viera do reino em sua procura, — encontro inopinado que lhe fez pena de não ter ficado prisioneiro dos holandezes.

Antonio de Lima, enviado a Hollanda, foi encerrado no castello de Meronblik, na West-Friza. Ali jazeu 10 annos esquecido o heroe do forte de S. Jorge!

Em 1641, estando já occupado o throno de Portugal por monarcha portuguez, Mathias d'Albuquerque lembrou-o na corte a Tristão de Mendonça, embaixador na Haya. Tristão de Mendonça, tanto que se assentaram as treguas entre a casa de Bragança e a de Nassau, pediu com instancia a res-tituição do prisioneiro.

Procuraram-no então: acharam um cadaver!

Feliz o auctor d'estas paginas, se ellas poderem concorrer, instantes que seja, para resgatar tanto esquecimento e ingratitude!

FIM

INDICE

I

MESTRE MARÇAL

	Pag.
I De como mestre Marçal tomou estado.....	1
II De como mestre Marçal buscou esparecer dos seus pesares.....	8
III De como mestre Marçal subiu ao calvario jul- gando trepar ao capitolio.....	17
IV De como mestre Marçal reconheceu que era o mais popular homem do reino.....	29
V De como mestre Marçal continuou a sua peregrí- nação nocturna.....	38
VI De como mestre Marçal veio a achar nas casas da rua da Cruz a explicação d'aquelles myste- rios.....	47
VII Da influencia que exerceu a lingua da sr. ^a Medéa no destino de mestre Marçal.....	54
VIII De como mestre Marçal, verificando o segredo do seu artificio, descobriu a final que um foguete se podia transformar n'um galeão.....	63

II

O FORTE DE S. JORGE

	Pag.
I Preliminares.....	74
II O governador.....	86
III Augmento de forças	95
IV Idyllo na guerra.....	104
V Novos personagens.....	113
VI Pylades e Orestes!.....	126
VII Triplice atalaya.....	138
VIII S. Jorge pelos Brasis!.....	144
IX Assalto.....	157
X Retirada.....	168
XI Em que Ayres Gil desencanta mestre Marçal.....	175
XII Allegoria	185
XIII Em que mestre Marçal satisfaz as suas curiosidades, e Vieira continua a sua instrucção.....	197
XIV A sortida.....	206
XV A maré.....	218
XVI Victrix causa.....	229
XVII De como micer Arnau cortou o nó ás difficuldades.....	238
XVIII Fé punica.....	244
XIX Em que Ayres Gil medita.....	254
XX Consequencias da meditação de Ayres Gil.....	262
XXI Em que Vieira e Ayres Gil se illustram por novos feitos	270
XXII O fim da luta	279
XXIII O incendio.....	293
XXIV Epilogo	304







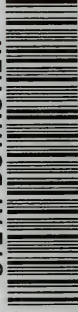
PQ
9261
S53I6
1871

Silva Mendes Leal, José da
Infaustas aventuras de
mestre Marçal Estouro

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39.10 04 02 09 004 0